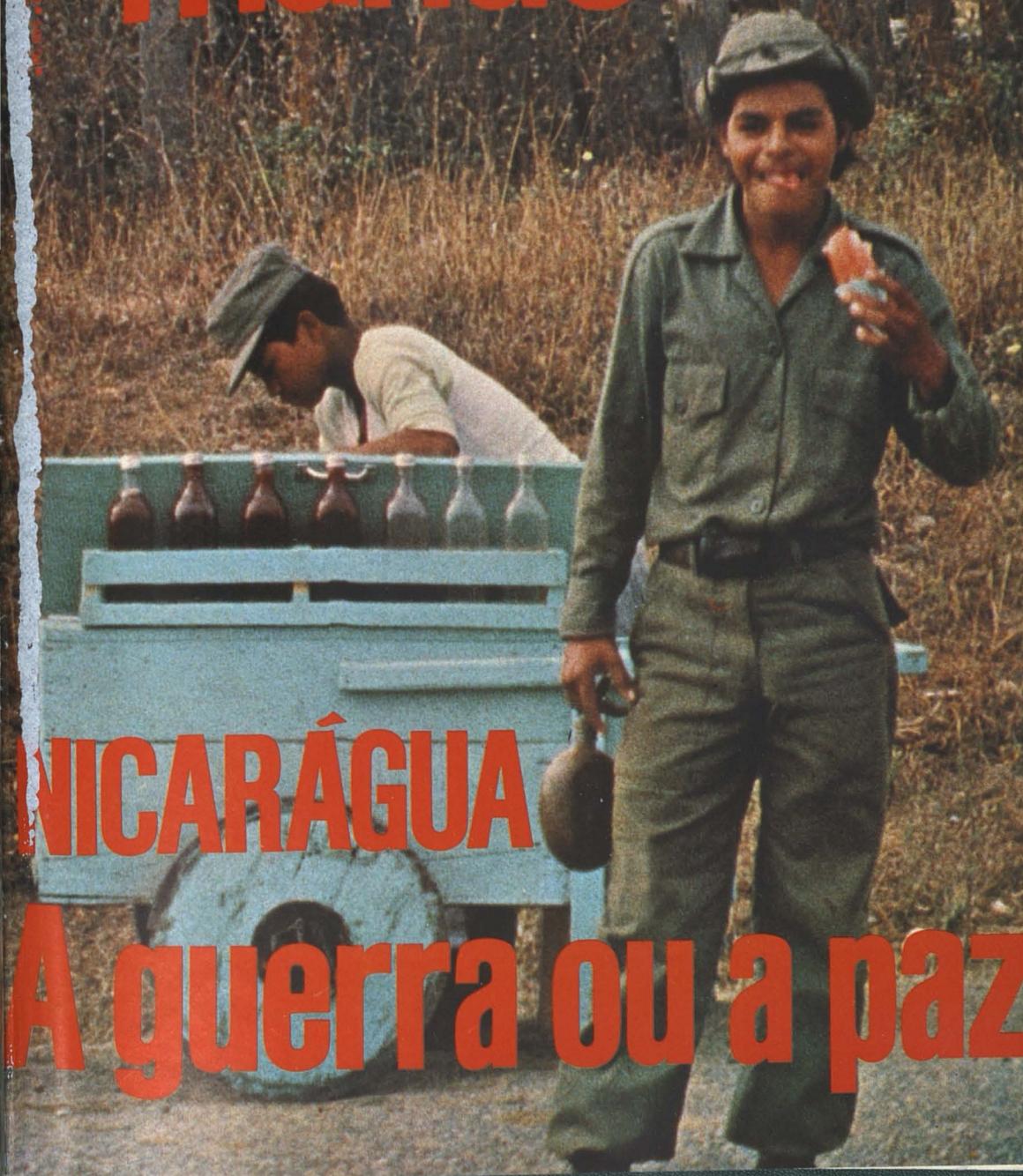


cadernos do

# terceiro mundo



**NICARÁGUA**  
**A guerra ou a paz**

Não existe nada mais precioso para um povo do que a sua liberdade.



**Diamantes de Angola**  
Ao Serviço da Reconstrução Nacional

## “Sandino vive”

Em Fevereiro de 1934, os actuais dirigentes da Nicarágua ainda não haviam nascido. Enfrentar o poderio militar dos Estados Unidos era, na época, um sonho tido como impossível. Mas um camponês nicaraguense decidiu tentar o impensável. Além de formar um exército guerrilheiro, que depois das primeiras vitórias ganhou também o apelido de “louco”, o ousado nicaraguense conseguiu derrotar os fuzileiros navais e a força aérea norte-americana. A única coisa que Augusto César Sandino não conseguiu foi sobreviver ao próprio triunfo. Na madrugada do dia 21 de Fevereiro de 1934, ele foi fuzilado depois de assinar um tratado de paz e entregar as suas armas. A ideia da luta contra a dominação estrangeira, no entanto, continuou viva e já não mais impossível. A aventura sandinista influenciou Fidel Castro, contagiou revolucionários no continente e saiu vitoriosa em 1979, na terra de Sandino. Meio século depois, os nicaraguenses anunciam nos muros, faixas e cartazes que “Sandino vive”. A originalidade do “pequeno exército louco” deu origem a uma revolução original. Tão original que defende o pluralismo económico e político, o não-alinhamento diplomático e vai deixar que o povo escolha nas urnas o presidente, o vice e um congresso de 90 membros, no dia 4 de Novembro. A herança de Sandino é o tema central desta edição dos *cadernos do terceiro mundo*, onde através de depoimentos colhidos pelos nossos enviados especiais, surge o retrato de um processo que se afirma revolucionário, porque além de tudo, procura não imitar modelos.



4 *Cartas*

7 *Panorama Tricontinental*

14 *Editorial – Líbano e Nicarágua, dois obstáculos à reeleição de Reagan*

18 *Matéria de capa – Nicarágua: Os caminhos da revolução*  
Carlos Castilho e Horacio Verbitsky

20 As eleições e o papel da burguesia

28 O que se joga no processo eleitoral?, entrevista com o comandante Daniel Ortega

33 Uma guerra em três frentes

40 O fracasso do "Plano C", Arqueles Morales

43 O dilema entre desenvolvimento e justiça social, entrevista com o comandante Bayardo Arce

48 O pluralismo económico

54 "O socialismo não virá por decreto", entrevista com o comandante Henry Ruiz

58 Sandino, meio século depois

61 Gregorio Selser, a redescoberta de um libertador, Neiva Moreira

63 A liberdade de imprensa com nome e apelido

64 O "paladino" da imprensa livre, entrevista com Pedro Joaquín Chamorro

67 A guerra do Dr. K e a paz de Contadora

*Africa*

74 Chade: O acordo frustrado

*Ásia*

76 Coreia: A crescente militarização do sul, Adérito Lopes

*Norte/Sul*

80 A Nestlé levanta a bandeira branca, Agustín Castaño

*Meio-Ambiente*

82 Costa do Marfim: Perigo nas selvas, Jimoh Omo-Fadaka

*Cultura*

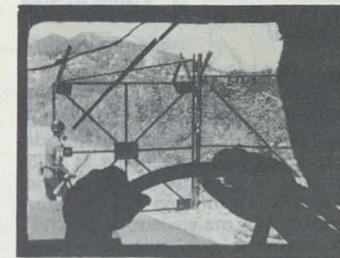
84 José Afonso, a influência da música africana, Guiomar Belo Marques

87 Notas

*Estratégia*

89 A doutrina de segurança colectiva, entrevista com o general Mercado Jarrín, Paulo Cannabryva Filho

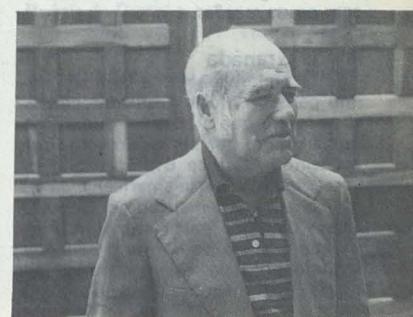
96 *Humor: Wasserman*



Tensão na fronteira  
das duas Coreias



Zeca Afonso: o poeta-cantor  
da resistência



O general Mercado Jarrín

# cartas

## Elogio e convite da Galiza

Dirijo-me a vocês com a alegria de levar um ano a receber esta imensurável revista que é *cadernos* (só tenho a lamentar a tardança com que algum mês me chega e, apesar de estarmos no mesmo país, vocês na Galiza do Sul, eu na do norte, temos uma fronteira pelo meio). Sou presidente da Agrupação Cultural "O Eixo", da Universidade Galega, e membro da Comissão Gestora da Federação de Associações Culturais Galegas e convidado para o seminário "A situação política mundial" o seu director Neiva Moreira, a quem reiteramos os nossos parabéns pelo labor realizado.

Fuca Xavier Barreiro Carracedo, *La-gartón. A Estrada Pontevedra, Galiza. (Espanha)*

## Guia 83 esgotou

Sou um leitor da vossa revista. Não assíduo, porque cá, no Huambo, a sua distribuição nunca é atempada. A revista chega geralmente às mãos dos leitores com três e quatro meses de atraso, no mínimo (...) Peço-lhes também que me enviem, se possível, um exemplar do "guia do terceiro mundo" pois cá já esgotaram, além disso a sua aquisição foi bastante difícil (...)

Gostaria que para além dos problemas económicos, políticos e culturais, incluíssem na revista também os acontecimentos desportivos.

Adriano Alberto, *Huambo, Angola*

## Uma informação

Gostava imenso de saber quantos e quais os países deste planeta, incluindo o último a tornar-se independente do senil império britânico...

José Fonseca, *S. Pedro do Sul, Portugal*

n.d.r. — Recomendamos-lhe que consulte o "guia do terceiro mundo" (83), suplemento anual da nossa revista. Se quiser esperar cerca de 2 meses, poderá mesmo consultar a edição de 84 do guia, revista, actualizada e com novas secções.

## Ainda Granada

(...) Relativamente a Granada, tenho pensado muito nos acontecimentos e creio que é possível que a CIA tenha estado por detrás do golpe que assassinou Maurice Bishop e que levou à invasão norte-americana. Já há muito que a intervenção em Granada estava planeada em Washington. Penso que o plano pode muito bem ter seguido estes passos: os ultra-esquerdistas são manobrados (pela CIA)

4 - terceiro mundo

para realizarem o golpe (suicida) e assassinarem Bishop, criando assim "condições" para a intervenção norte-americana. Os imperialistas ianques não iriam invadir Granada sem mais nem menos se lá reinasse a paz e uma situação perfeitamente normal. Mas numa situação como a que foi criada eles arranjaram facilmente pretexto (ainda que injustificável) para a invasão. E é claro que o plano foi montado de modo a que os ultra-esquerdistas granadinos não se apercebessem que estavam a ser usados. A minha opinião é que o próprio golpe que deu Bishop foi planeado pelos norte-americanos como parte inicial da intervenção em Granada. (...)

Francisco Nunes dos Santos, *Pegões Velhos, Portugal*

## Brasil, arte e desporto

Parabéns pelo vosso excelente trabalho. No momento, não há nada melhor que *cadernos* em matéria de jornalismo. Como outros leitores, peço mais reportagens e artigos sobre o Brasil devido à importância das questões sociais, políticas, económicas e culturais postas ao país. A matéria sobre as eleições de 1982 (nº 51) foi limitada: faltou a retrospectiva das duas últimas décadas de árbitrio e entrevistas com líderes de partidos clandestinos e movimentos guerrilheiros (entre outros, Giocondo Dias, João Amazonas, Luís Carlos Prestes e Fernando Gabeira). A observação vale também para o actual sindicalismo brasileiro. Precisamos ainda de matérias sobre cultura e arte e a criação de espaço para o desporto. O potencial do atleta cubano e o futebol da Argélia que derrotou na Taça do Mundo de 1982 o da Alemanha Ocidental, campeã da Europa. Prossigam nesta luta pela verdade dos factos e a liberdade dos povos.

Orlando Manoel de Oliveira, *Rio de Janeiro, Brasil*

## Papa cruel

Leitor assíduo da vossa revista, encontrei na edição de Junho de 1980 o seguinte período no artigo "O projecto do papa Wojtyla": "Não encaixando dentro desta visão os países socialistas, Wojtyla acusa-os de violadores dos direitos humanos. E procura situá-los da mesma forma que as ditaduras repressivas". Penso que o papa foi um tanto cruel na maneira como julgou os países socialistas.

Sebastião Roberto de Almeida da Conceição — *Luanda, Angola*

## Cuba, a ilha de Fidel

Gostaria de ver se possível no próximo número reportagens sobre a ilha do grande Fidel Castro, grande estatista.

Luiz Henrique Meneses, *Aracaju, Brasil*

n.d.r. — Sobre Cuba já publicamos "Os exilados cubanos" no nº 24; "A difícil tarefa de contentar todos" (nº 29); "Redescoberta das reservas petroíferas" (nº 34) e "Institucionalização da revolução" (nº 50) e sobre as relações Cuba-Estados Unidos, "A guerra bacteriológica" (nº 38).

## Atento ao mundo

Neste tempo em que tanto os países ricos quanto os pobres atravessam grande crise, é mais que um dever ficar atento ao mundo. É este o objectivo do Clube de Informação que pretendo criar para divulgação de factos culturais e até a venda de livros a preços baixos. Para participar basta escrever para a caixa postal 803, Belo Horizonte.

Vander Silva, *Belo Horizonte, Brasil*

## Intercâmbio

● Luis Filipe Simões  
Rua 5 de Outubro, 96  
8100 — Loulé, Portugal

● Carlos Alberto Araújo Pinto  
C. P. nº 9 Ribáuè  
Nampula, Moçambique

● Manuel Canhica  
a/c de João Muamiba  
C. P. nº 92 — Dundo, Diamang  
Chitato — Lunda Norte, Angola

● João Daniel da Conceição  
C. P. 935  
Huambo — Angola

● Aristede Bento de Souza  
Rua Maestro Moreira Lopes, 68  
Vila Nova — 13.100 — Campinas  
SP, Brasil

● Geraldo de Oliveira Loureiro  
C. P. 10.091  
23.000 — Rio de Janeiro — RJ, Brasil

● José Luís Teixeira  
C. P. 54.197  
01.296 — São Paulo — SP, Brasil

● Levy Geraldo da Silva  
Rua Noronha Torrezão 407/202/BI 6  
24.240 — Cubango — Niterói — RJ,  
Brasil

Carta do mês

Trabalhadores rurais  
brasileiros reivindicam

Esta é a segunda carta que nós, trabalhadores rurais e membros das Comunidades e da Pastoral da Terra dos 10 municípios da diocese de Crateús (estado do Ceará), fazemos, tentando chamar a atenção de todo o povo brasileiro e das autoridades sobre a nossa situação.

Na nossa primeira carta do dia 20 de Março de 1983, relatámos o nosso sofrimento e apresentámos as nossas reivindicações.

Agora fazemos um balanço da realidade vivida neste duro ano de seca e injustiças, das poucas respostas vindas das autoridades, ao mesmo tempo em que reafirmamos renovamos as nossas denúncias e reivindicações.

De modo geral, nos municípios da região de Crateús, o número de empregados nos "bolsões de seca", subiu, inclusive com significativo número de mulheres, que, às custas de muitas lutas e humilhações, conseguiram entrar no Plano de Emergência. Em Crateús, são mais de quatro mil mulheres empregadas; em Nova Russas, cerca de três mil etc. Mesmo assim, há ainda um grande número de pessoas necessitadas em todos os lugares que não conseguiram se empregar.

O alistamento nos "bolsões" tem sido sempre muito vagaroso, mesmo a conta-gotas, cansando os pobres sofredores. Jogam o povo de um lugar para o outro. Muitos desesperam e vão se embora para as grandes cidades onde enfrentam grandes sofrimentos.

**Tratamento nos bolsões:** Nos bolsões da seca, muitas vezes a gente sente que continua a situação de cativeiro: desde o começo da luta para conseguir emprego e, agora, nos bolsões, as mulheres são, muitas vezes, tratadas com palavrões humilhantes e imorais. Em Tauá, um soldado do exército usou expressões indecorosas com as mulheres que procuravam se empregar: "Se vocês querem ganhar dinheiro, vão abrir as pernas..." Outras oportunidades e lugares, são repetidos tais tipos de desrespeito às nossas mulheres. Ainda num bolsão da região de Tauá, uma mulher chegou a abortar, e, em Crateús aconteceu um caso semelhante.

Os trabalhadores, em muitos lugares, têm sofrido humilhações. Somos chamados de "sem-vergonha", "vagabundos", "ladrões". Em Crateús, quando os chefes do batalhão visitam as obras e não encontram a produção

que eles esperam, ameaçam e amedrontam os trabalhadores, inclusive disparando tiros.

Em vários lugares (Independência, Tauá etc.) estão a obrigar o povo a trabalhar aos domingos, dizendo que vão dar férias. Que férias são essas que a gente tem que trabalhar aos domingos para poder ganhar?

Os trabalhadores não se podem organizar para conseguir nada nos bolsões, pois tudo tem que sair das cabeças dos chefes. Se não for assim, eles não aceitam. Não há liberdade da gente falar o que pensa, nem de exigir os nossos direitos. As pessoas que são de Comunidades e têm de defender os companheiros são ameaçadas. Ex.: uma jovem de Tauá, três senhoras do bolsão da Santa Fé, em Crateús, e três companheiros de Nova Russas que pararam o pessoal, porque estavam com fome...

Está havendo uma repressão clara e directa ao trabalho pastoral da igreja junto ao povo. Um exemplo é o processo contra a irmã Cleide, Sebastião Barbosa Amorim, Francisco José da Silva e Sebastião Mano, de Nova Russas, baseado em mentiras e falsos testemunhos. Já houve também proibições para celebração de missa nas áreas dos bolsões, até mesmo contra o nosso bispo, d. Antônio Fragoso. Por qualquer motivo cortam o ponto do trabalhador. Muitos têm que trabalhar doentes. Mulheres grávidas precisam estar no ponto para o trabalho. A água que se bebe nos bolsões é suja e quente.

Tudo isso, além do próprio ganho de miséria, Cr\$ 15.300 (N.d.R — o salário-mínimo brasileiro é actualmente de 57.500 cruzeiros) até agora. Este ganho é um desrespeito aos nordestinos pais de família, sobretudo quando as autoridades nada fazem para controlar esta carestia horrorosa que mata os pobres. É verdade que há o "cestão" em vários lugares, mas ainda não resolve, pois é descontado no "salário" e até complica a gente com bodegueiros. As famosas "campanhas de esmolas" podem ter aliviado alguns apertos maiores, mas onde consegue chegar, cria sempre muita confusão. É mais um consolo que engana a gente. Como é que a gente precisa de trabalho e um salário digno e os "grandes" vêm com esmolas?

Denunciamos:

1 — Toda a maneira lenta e discriminatória como os alistamentos têm sido feitos pelos órgãos competentes, sem levarem em conta a urgência da

fome do povo. 2 — Todos os desrespeitos cometidos pelas autoridades e responsáveis directos dos bolsões, contra os trabalhadores e as mulheres. 3 — Toda esta forma como estão querendo acabar com a seca no nordeste: com campanhas assistenciais, cheias de programas e interesses polítiques. E as obras que ficam para sustentar o poder dos ricos e patrões, sem uma mudança na política que sustenta o poder daqueles que sempre ganharam com a seca e sem haver uma Reforma Agrária verdadeira para que a terra sirva para quem quer trabalhar e produzir, mesmo que haja o Estatuto da Terra completando os seus 19 anos! (...)

Voltamos a exigir:

— Emprego imediato a quem ainda está fora dos bolsões, com salário mínimo para todos os alistados.

— Libertação total dos trabalhadores para cuidarem do plantio e da limpeza das roças, sem o corte no ganho.

— Fornecimento gratuito de sementes seleccionadas e insecticidas, através das organizações dos trabalhadores, para quem precisa plantar.

— Que seja garantida, através de documentos em cartórios, a utilização pública das obras construídas pelos trabalhadores nos bolsões.

— Tratamento humano para todos os trabalhadores — homens, mulheres e jovens. (...)

Sessenta trabalhadores de: Tauá, Parambu, Independência, Crateús, Novo Oriente, Tamboril, Monsenhor Tabosa, Nova Russas, Ipueiras e Pocrane.

Apoiamos:

— Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Diocese de Crateús.

— Comissão Pastoral da Terra do Ceará/Reg. NE-I

— Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Crateús.

— Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tauá.

— Frente Social Cristã de Crateús.

— União das Mulheres Cearense.

— Núcleo de Crateús.

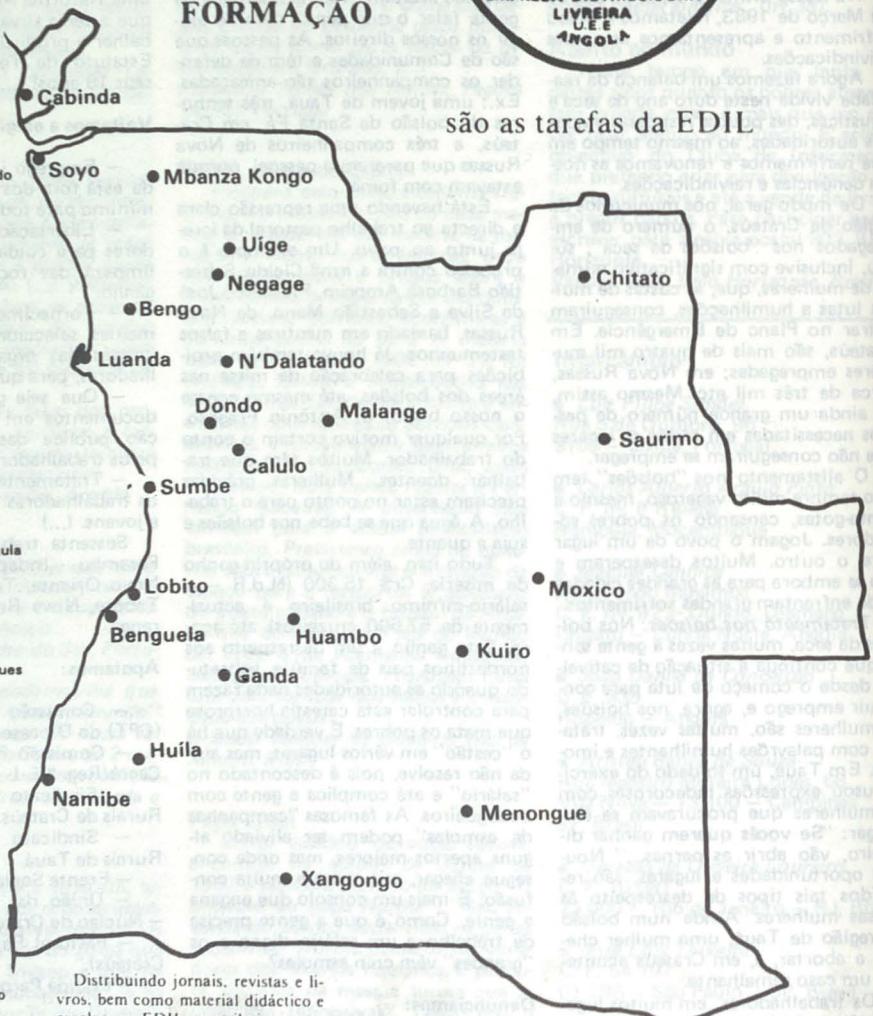
— Pastoral Familiar (Paróquia de Crateús).

— Equipa Paroquial de Crateús.

Assumo solidariamente a denúncia e as reivindicações dos Trabalhadores Rurais.

*Antônio Batista Fragoso — Bispo de Crateús, Ceará, Brasil*

- BENGUELA  
Livraria 10 de Fevereiro
- BIÉ  
Livraria 11 de Fevereiro
- CABINDA  
Livraria Lunda  
Quiosque Maiombé
- CALULO  
Livraria 17 de Setembro
- DONDO  
Livraria 2 de Março
- GANDA  
Livraria 1.º de Maio
- HUAMBO  
Livraria 8 de Fevereiro  
Quiosque Albano Machado
- HUILA  
Livraria 27 de Março
- K. KUBANGO  
Livraria Kilamba
- KUANZA-NORTE  
Livraria 10 de Dezembro
- KUANZA-SUL  
Livraria Aníbal de Melo
- LOBITO  
Livraria 11 de Novembro
- LUANDA  
Casa da Venda  
Armazém Venda Grosso  
Quiosque 4 de Fevereiro  
Livraria Centro do Livro  
Livraria Augusto N'Gangula  
Livraria 4 de Fevereiro
- LUNDA-NORTE  
Posto de Venda
- LUNDA-SUL  
Livraria Deolinda Rodrigues
- MALANGE  
Livraria 1.º de Agosto  
Quiosque N'Dongo
- MOXICO  
Livraria 14 de Fevereiro
- NAMIBE  
Livraria Lutuíma
- NEGAGE  
Livraria Saidy Mingas
- SOYO  
Livraria Lundogi
- UÍGE  
Livraria 10 de Dezembro
- ZAIRE  
Livraria Sagrada Esperança



**LEVAR:  
INFORMAÇÃO  
CULTURA  
CIÊNCIA  
FORMAÇÃO**



são as tarefas da EDIL

Distribuindo jornais, revistas e livros, bem como material didáctico e escolar, a EDIL contribui para a formação cultural do povo de Angola. A EDIL é a distribuidora exclusiva de cadernos do terceiro mundo para todo o território angolano.

**EDIL** Empresa Distribuidora Livreira  
Caixa Postal 1245 — Rua da Missão, n.º 107/111  
Luanda - República Popular de Angola

## Moçambique e Angola: em busca da paz para a África Austral

Dando prosseguimento aos contactos directos iniciados a nível de ministros em Dezembro de 1982, representantes dos governos da África do Sul e Moçambique reuniram-se em Maputo, no dia 20 de Fevereiro passado, para discutir

problemas referentes às relações entre os dois países e à situação existente na região. No decurso de uma audiência concedida a três dos principais enviados de Pretória — os ministros Roelof Botha (Negócios Estrangeiros), Louis L. Grande

(Lei e Ordem) e o general Magnus Malan — o presidente Samora Machel acentuou que na base das conversações se encontravam os princípios da paz, progresso e boa vizinhança. Esses mesmos conceitos foram retomados por Botha durante uma concorrida conferência de imprensa realizada minutos antes de regressar a Joanesburgo.

O comunicado final, lido pelo ministro Jacinto Veloso, chefe da delegação moçambicana, durante o encontro com os jornalistas, afirma, entre outras coisas, que foram motivo de satisfação os progressos alcançados pelos grupos de trabalho sobre segurança, economia, turismo e a barragem de Cabora Bassa. Depois de manifestar que houve coincidência de pontos de vista nos princípios fundamentais relativos a questões de segurança entre os dois países e que há a intenção de se chegar a um acordo nesse aspecto, diz ainda o texto que para ambos os países, os problemas da África Austral devem ser resolvidos pelos próprios Estados da região. O documento expressa também que os conflitos que assolam a área têm colocado dificuldades para se alcançar um avanço na solução dos problemas comuns à zona.

Nas declarações à imprensa, o ministro sul-africano surpreendeu todos os presentes ao não negar, como habitualmente, que os bantos armados actuando em território moçam-



Jacinto Veloso, Alexandre Rodrigues, Roelof Botha e Chester Crocker (da esquerda para a direita e de cima para baixo): interlocutores de um difícil processo de negociações



bicano são organizados, financiados e treinados por Pretória. Anteriormente, sempre que interrogados sobre as acções desses bandos e sobre as acusações formuladas pelas autoridades de Moçambique, a norma em vigor entre os dirigentes *boers* era de negar enfaticamente a existência de qualquer forma de apoio a tais grupos. Em resposta a uma pergunta sobre a retirada da ajuda prestada até agora às *matsangaissa*, Roelof Botha sublinhou que neste momento se encontra em estudo um acordo na área da segurança e que o mesmo não deverá permitir qualquer forma de subversão.

Mais adiante, quando solicitado a explicar o que o seu governo entende por paz, uma palavra sempre presente durante a sua permanência em Maputo, retroruiu afirmando que deve ser compreendida como o facto de nenhum dos lados envolvidos nas conversações permitir o uso da força ou outros actos de violência a partir dos seus respectivos territórios. Sublinhou que isso quer dizer que não haverá ameaças mútuas de emprego da violência. Ao lhe ser perguntado se alguma vez o seu país se viu atacado por Moçambique, recusou-se a considerar a questão e limitou-se a dizer que os dois governos já não estão a discutir o passado mas sim o futuro.

Entre as conversações de Fevereiro último e as de Dezembro de 1982 realizadas em Komatiport, sul-africanos e moçambicanos reuniram-se mais duas vezes. Um dos encontros ocorreu nessa cidade fronteiriça em Maio de 1983 e o outro em Mbabane, capital da Suazilândia, em Dezembro do mesmo ano. Nessa altura, o presidente Samora Machel, que se encontrava na Guiné-Bissau a participar na quarta conferência cimeira dos países africanos de expressão portuguesa, con-

siderou, durante uma conferência de imprensa, as negociações como "decisivas, cruciais para a vida na África Austral", uma opinião compartilhada por diversos países, entre eles, os Estados Unidos e a África do Sul. Revelou ainda que Pretória tinha enviado mensagens ao seu governo recorrendo a diferentes emissários, particularmente Portugal.

Destacou também que os sul-africanos tinham sido advertidos de que Moçambique não tem intenção de reconhecer o *apartheid* e a política de "bantustões" nem de destruir o Congresso Nacional Africano (ANC). Dois dias após as mais recentes conversações com a delegação dirigida por Roelof Botha, o presidente Samora Machel voltaria a insistir nesse ponto. No discurso pronunciado durante a cerimónia de entrega de credenciais dos novos embaixadores da República Democrática Alemã e da Bélgica, o presidente moçambicano condenou as agressões levadas a cabo pelos sul-africanos contra os países da região e reafirmou a decisão de Moçambique de permanecer ao lado da SWAPO e do ANC "que com determinação lideram a luta dos povos da Namíbia e da África do Sul, respectivamente, pela democracia, pela igualdade e pela conquista do seu direito a serem cidadãos da sua própria pátria".

#### Negociações Angola-África do Sul

Quase paralelamente às negociações efectuadas entre Maputo e Pretória, as delegações angolana e sul-africana chegaram também a um acordo na reunião realizada em Lusaka. Precioas de um longo e complexo processo de contactos exploratórios efectuados em Cabo Verde, as conversações na capital zambiana iniciaram-se em 16 de Fevereiro último e

foram chefiadas pelo ministro angolano do Interior, Alexandre Rodrigues, pelo ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, e contaram com a participação de Chester Crocker, subsecretário de Estado norte-americano para Assuntos Africanos.

O acordo prevê o cessar-fogo na região do sul da República Popular de Angola, a retirada do exército sul-africano das zonas ocupadas e a instalação de uma comissão fiscalizadora formada por 200 militares angolanos e sul-africanos.

Mais tarde, num gesto de boa-vontade do governo de Luanda, o ministro angolano do Interior anunciou que o seu país decidira aceitar "um número simbólico de dois ou três observadores norte-americanos", apesar de Washington não ter ainda reconhecido a RPA.

De regresso a Joanesburgo, Roelof Botha declarou que o cessar-fogo já estava em vigor, o que foi confirmado por Alexandre Rodrigues durante uma conferência de imprensa dada em Luanda no dia 21 de Fevereiro ao afirmar que "os actos de agressão do exército sul-africano já cessaram, e o movimento de forças de combate sul-africanas em direcção ao território namíbiano já começou".

Entretanto, a agência noticiosa angolana, ANGOP, anunciou que as FAPLA provocaram grande número de baixas aos bandos da UNITA, durante as últimas ofensivas realizadas em duas províncias do país.

A situação criada pelas negociações entre Luanda, Maputo e Pretória terá – no caso de não surgir nenhum recuo inesperado – profundas alterações na geopolítica da África Austral. Pela sua relevância indiscutível, *cadernos do terceiro mundo*, fará uma abordagem profunda na sua próxima edição. (Etevaldo Hipólito)

## Brasil: teme-se desastre em Carajás

O gigantesco projecto Carajás poder-se-ia transformar num desastre, segundo revelam fontes do *Latin American Bureau* (LAB), com sede em Londres. O LAB, grupo especializado em pesquisas sobre a América Latina, estudou o rendimento potencial e os efeitos do esforço para explorar os vastos recursos minerais, energéticos e agrícolas das densas montanhas de Carajás. Apesar de os resultados da pesquisa não terem sido divulgados oficialmente, os pesquisadores revelaram, em recente entrevista à agência IPS, uma das principais conclusões: o projecto Carajás poderia provocar um desastre económico e social para os sete milhões de habitantes da região, já muito empobrecidos.

O grande projecto Carajás também agravará a crise económica brasileira, na medida em que a companhia estatal Vale do Rio Doce (CVRD) investiu um crédito de 1,8 bilião de dólares num plano que subsidia os investidores estrangeiros, mas que não produz benefícios para a economia do país.

O núcleo do programa — "Ferro-Carajás" — realizará explorações visando a exportação de 27 milhões de toneladas de depósitos calculados em 35 milhões de toneladas de minério de ferro de alto teor. Porém, a CVRD está a aplicar, "preços de saldo a esse minério de alto teor", afirmaram as fontes do LAB. A metade dos lucros obtidos serão destinados ao pagamento de juros à Comunidade Económica Europeia (CEE), ao Banco Mundial e outras agências de financiamento.

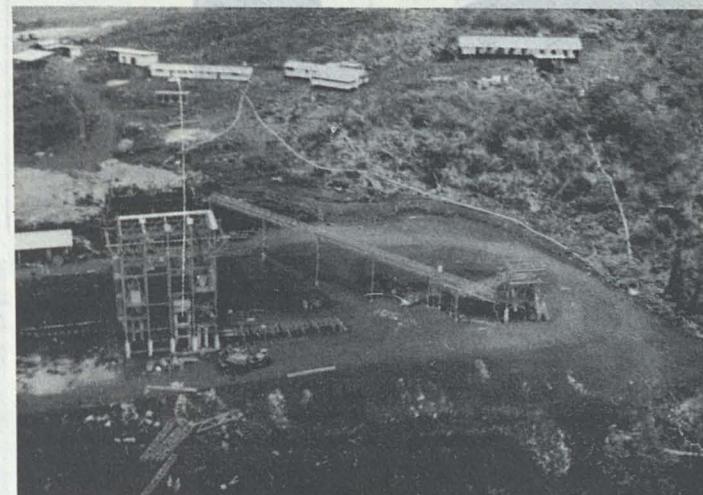
O custo das operações consumirá a outra metade dos benefícios, razão pela qual o item

"Ferro-Carajás" do programa, provavelmente só provocará perdas. Em consequência, a sua manutenção exigirá, no futuro, contrair "novos empréstimos", disseram as fontes do LAB.

A região possui ricos e extensos recursos minerais, calculados em 25 a 30 biliões de toneladas de cobre, além de manganês, ouro, níquel e outras reservas. Esse facto atraiu, de forma considerável, o interesse internacional.

pelo menos 15% mais baixo que o cobrado aos clientes brasileiros. Enquanto o sul industrializado do Brasil sofre uma saturação de electricidade, a procura industrial desta é muito baixa ao norte do país. Essas fontes assinalaram que a electrificação rural não é uma prioridade. "O projecto, no seu conjunto, dá a impressão de um forte subsídio às companhias estrangeiras de alumínio", afirmaram.

A barragem deverá inundar 216 mil hectares de florestas virgens e se o seu potencial de madeira fosse comercializado seria possível financiar entre 30 e 40% do seu custo. Mas, em vez



O projecto, de dimensões faraónicas, pode tornar mais pobres os já empobrecidos habitantes da região

A companhia estatal Eletro-norte emprestou 7,5 biliões de dólares para construir a barragem hidroeléctrica de Tucuruí. Algumas companhias japonesas, a norte-americana Alcoa e a Billington (propriedade, em parte, da Royal Dutch Shell) compraram 800 megawatts de electricidade quando a primeira fase de Tucuruí, cuja capacidade será de 4.000 MW, começar a produzir.

Mas o preço, segundo as mesmas fontes do LAB, será

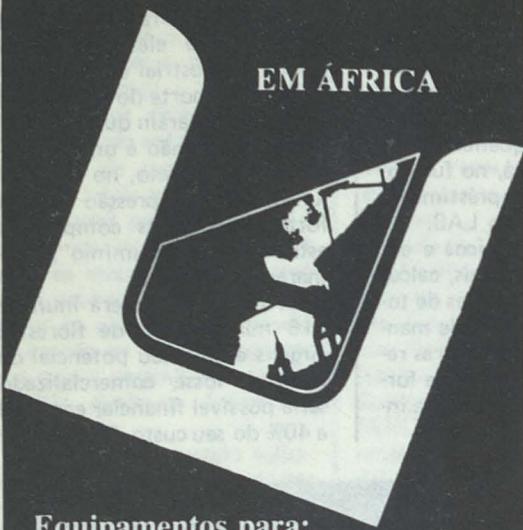
disso, é provável que as madeiras apodrecidas no fundo sujem as suas turbinas.

Para grande parte dos habitantes dos estados do Maranhão, Pará e do extremo norte de Goiás, atingidos pelo projecto, "o problema-chave é a terra". O projecto ignorou os direitos constitucionais sobre as terras e as garantias desse tipo dadas às comunidades indígenas, afirmaram as mesmas fontes.

(Peter Thompson)

COMETNA

EM ÁFRICA

**Equipamentos para:**

- caminhos de ferro
- cimenteiras
- cerâmicas (barro vermelho)
- siderurgias
- centrais hidráulicas e térmicas
- construção civil
- saneamento básico
- (carros e contentores)

**Válvulas industriais****Estudos e Tecnologia****METALOMEÇÂNICA  
E METALURGIA****COMETNA**

Companhia Metalúrgica Nacional, S.A.R.L.

**Sede: R. Academia das Ciências, 5 • 1200 Lisboa  
Tel 320011 • Telex 12819 COMEN**

**Delegação na R.P. de Moçambique:  
Av. Samora Machel, 39 — Flat 603-6.º C.P. 1402  
Tel. 29461 • Telex 6-470 COMEN • Maputo**

**Discriminação salarial e  
acidentes de trabalho na  
África do Sul**

Na África do Sul os trabalhadores negros recebem menos 20% de salário relativamente aos trabalhadores brancos. Cerca de 40% da indústria mineira é dominada pelas transnacionais, tendo ao seu serviço, aproximadamente, 620 mil mineiros, dos quais nove décimos são negros.

Em 1983 morreram 400 pessoas e 800 ficaram feridas em diversos acidentes ocorridos nas minas. Nos últimos dez anos 8.200 trabalhadores pereceram nas minas sendo o número dos feridos na ordem dos 230 mil. Cerca de 95% eram negros.

**Sudão: a «Chevron Oil Company» suspende as suas actividades**

Segundo informações procedentes de Cartum, a empresa norte-americana *Chevron Oil Company* suspendeu as suas operações em certas regiões do país, o que pode significar uma interrupção total das suas actividades.

A medida deve-se ao ataque de rebeldes sudaneses no mês de Fevereiro último, contra um dos acampamentos da companhia, no qual morreram três funcionários.

Olim Smith, administrador da *Chevron* no Sudão, disse aos jornalistas: "Suspendemos temporariamente as nossas actividades na zona de Bentui e evacuámos umas 200 pessoas, interrompendo o bombeamento de petróleo", e acrescentou que "a medida depende da natureza da segurança ou insegurança que possamos ter" daqui em diante. O funcionário desmentiu as informações segundo as quais a *Chevron* teria paralisado as operações no sul do Sudão em consequência do ataque.

## Brasil: criado o Centro Amílcar Cabral

Com o propósito de "investigar e discutir, sistemática e científicamente, a realidade dos países do Terceiro Mundo", foi criado em Fevereiro último na cidade do Rio de Janeiro, o Centro de Estudos e Solidariedade Amílcar Cabral (CESAC), em homenagem ao líder da revolução da Guiné-Bissau e Cabo Verde, assassinado em 1973 por mercenários ao serviço do colonialismo português.

A programação da cerimónia de fundação constou da apresentação de um filme cedido pelo Centro de Informação da ONU, "O fim de uma era", que trata do último período da dominação colonialista de Portugal em África e dos meses que mediaram entre a revolução do 25 de Abril de 1974 e

as declarações de independência dos novos Estados africanos de expressão oficial portuguesa. O nosso companheiro Carlos Pinto Santos, um dos responsáveis da edição portuguesa de *cadernos*, discorreu sobre o processo de libertação das colónias portuguesas, suas características e suas consequências internacionais tendo, em seguida, o nosso editor-geral Neiva Moreira, feito um panorama da actual realidade africana, tecendo comentários particulares sobre a situação do Chade, a guerra em Angola e a questão da Namíbia.

Ainda como parte da programação, antes dos debates que encerraram a cerimónia, foi projectado um diaporama de Beatriz Bissio — editora associada da nossa revista — so-

bre a agressão de Angola por parte do regime da África do Sul.

O CESAC propõe-se a "uma solidariedade política, económica e cultural para com os oprimidos que, consequentemente, promova o desenvolvimento da consciência colectiva e individual em favor da libertação dos povos".

Fazendo seu o pensamento de Amílcar Cabral ("Jurei trabalhar para o meu povo. Jurei a mim mesmo dar a minha vida, toda a minha energia, toda a minha coragem, toda a capacidade que possa ter como homem, até o dia da minha morte, tudo, enfim, ao serviço do meu povo na Guiné e Cabo Verde... Este é o meu trabalho"), o CESAC convida todos os interessados a entrar em contacto com o Centro, convidando a "fazer junto" tudo aquilo a que se propõe. Endereço: Rua Senador Euzébio, 30/411 — Flamengo — 22.250, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### Equador: aumento da exportação de petróleo

A receita do Equador decorrente da exportação de petróleo teve um aumento de 1.200% nos últimos cinco anos, segundo informou o administrador da Corporação Estatal de Petróleo Equatoriano (CEPE), Patrício Rivadeneira.

Em 1983 o país recebeu 220 milhões de dólares a mais que no ano anterior. Segundo o administrador da CEPE, o aumento da receita deve-se às normas adoptadas na racionalização do uso de energia no país, o que permitiu a redução da procura interna, gerando excedentes para a exportação. Com a incorporação de novos campos de hidrocarbonetos à produção, o petróleo representou em 1983 cerca de 64% das exportações equatorianas.

### Créditos ao Terceiro Mundo inferiores aos dos países industrializados

Os mercados financeiros internacionais assistiram em 1983, a uma forte queda dos empréstimos a países do Terceiro Mundo, juntamente com um "energico incremento" dos créditos a países industrializados, segundo dados do Banco Internacional de Compensações (BIS).

O "banco central dos bancos centrais", com sede em Basileia (Suíça), revela que os créditos a países em desenvolvimento não-produtores de petróleo caíram no terceiro trimestre de 1983 para 1,7 bilião de dólares, em vez dos 4,6 biliões do segundo trimestre. Não houve empréstimos líquidos, salvo para os países da América

Latina.

O outro elemento a destacar é que os bancos norte-americanos abandonaram o seu tradicional papel de fornecedores de excedentes de liquidez e passaram a ser grandes recebedores de empréstimos. Entre Abril e Setembro do ano passado, eles captaram fundos no exterior de 14 biliões de dólares, dos quais 10,3 biliões a partir do mês de Julho.

Tanto o BIS como especialistas financeiros concordam em que o fenômeno é uma consequência das graves crises de dívida externa no Terceiro Mundo. O temor às falências limitou as oportunidades para os bancos internacionais que ofe-

recentes os recursos, levando-os a colocarem os excedentes de dinheiro nos Estados Unidos.

A diminuição de créditos para o Terceiro Mundo era visível há alguns meses atrás, mas os dados do BIS, que, a título de caixa de compensação dos bancos centrais, é a testemunha mais exacta do movimento internacional de capitais, não deixam lugar a dúvidas.

Nos três anos anteriores a 1983, os bancos norte-americanos fizeram ofertas no mercado, principalmente no sector de empréstimos e, sobretudo, no hipersensível e subtil mercado interbancário de curto prazo. Até 1982, enquanto havia um forte fluxo de empréstimos para os países em desenvolvimento, em geral foram os bancos norte-americanos que forneceram a liquidez extra necessária para os reaquecidos euro-mercados, obtendo grandes margens acima dos juros bancários normais.

Mas a partir da crise mexicana e brasileira, em 1982, às quais se seguiram as da Argentina, Venezuela, Chile, Nigéria e outras menores, o empréstimo ao Terceiro Mundo foi violentamente retraído, especialmente no que diz respeito ao empréstimo interbancário que em 1982 chegava a aproximadamente um trilião de dólares.

Com a diminuição das oportunidades mais seguras de colocação de capitais e com os Estados Unidos com capacidade receptora, os fluxos financeiros mudaram de destino, surgindo uma espécie de "mercado duplo": os países industrializados e o Terceiro Mundo.

Enquanto decrescia o fluxo para os países do Terceiro Mundo, o relatório do BIS chama atenção para o "enérgico incremento" das operações entre os países industrializados, em particular no mercado interbancário internacional. (Dedoro Roca)



# CACHAPUZ

1928 • MAIS DE MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA DE FABRICA • 1984

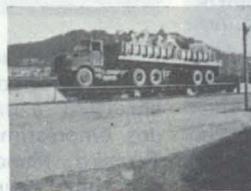


«INTERNATIONAL TROPHY FOR QUALITY», 1979-1980-1981-1982  
«INTERNATIONAL AWARD TO EXPORT», 1982

O MAIOR FABRICANTE E EXPORTADOR PORTUGUÊS DE

## EQUIPAMENTOS PARA PESAGEM

BÁSCULAS E BALANÇAS DE  
TODOS OS TIPOS PARA



### EXPORTADOR PARA

- CUBA
- ANGOLA
- MOÇAMBIQUE
- MARROCOS

JOSÉ DUARTE RODRIGUES, LDA.

TELEF. 73604/73606 - TELEX 32125 CAXPUZ P  
APARTADO 12 - 4701 BRAGA CODEX - PORTUGAL



# Líbano e Nicarágua, dois obstáculos à reeleição de Reagan

Se as arriscadas intervenções militares que promoveu não lhe ocasionarem um duro contratempo e se a recuperação económica pós-recessiva não se interromper prematuramente, Ronald Reagan será reeleito presidente dos Estados Unidos no próximo mês de Novembro. Essa eventualidade implicaria o prolongamento, até o início de 1989, de uma era que provocou um grave retrocesso nas relações internacionais, e que teve a sua expressão no fim do desanuviamento e no retorno à guerra fria com a União Soviética. Se o súbito retrocesso nas relações Leste-Oeste envolve uma ameaça para toda a humanidade, pois aumenta o perigo do holocausto nuclear, o interventionismo de Reagan constitui um movimento contrário à independência das nações soberanas, localizadas na suposta esfera de influência e de interesses estratégicos dos Estados Unidos.

Excluindo o juízo moral a respeito das aspirações hegemónicas de Reagan e dos sectores mais conservadores e belicistas do *establishment* norte-americano que o cercam, os aspectos que nos preocupam agora são a análise e as repercussões da política externa da superpotência na campanha presidencial em curso.

Comecemos pela economia. Não há dúvida que ultrapassada a profunda e prolongada recessão desde o pós-guerra, com as suas graves consequências de desemprego e queda da produção, a economia norte-americana patenteia desde 1983 um índice de crescimento económico contínuo. Influí nesse resultado, em parte, o carácter cíclico das crises recessivas capitalistas, mas também a aplicação de uma política económica dura, que descarregou o maior peso da crise em cima dos assalariados. Isso reflectiu-se tanto no desemprego

como no corte dos subsídios para a assistência social, e em aspectos menos conhecidos, como o menor poder de contratação dos sindicatos, que tiveram de aceitar o congelamento dos salários (isto é, uma diminuição proporcional à taxa inflacionária) sofrendo mesmo alguns desses sindicatos reduções expressivas de salários. A reactivação da economia norte-americana será, perante estes dados, um fenómeno duradouro ou transitório? Esta interrogação que os políticos e economistas se colocam tem uma vinculação directa com a incógnita eleitoral. As sondagens realizadas no primeiro trimestre de 1984 prometem a Reagan uma eleição certa por ampla margem, com base, exactamente, no bom êxito económico e na sua dureza em política externa. Depois, se a recuperação fosse transitória e a economia tornasse a deteriorar-se, o "boomerang" consequente poderia desiludir os eleitores e frustrar a ambição de Reagan de se suceder a si mesmo. Para muitos economistas ortodoxos, o programa económico reaganiano tem pés de barro. Se depois de uma severa política anti-recessiva o Produto Nacional Bruto (PNB) norte-americano cresceu ultimamente, dois problemas crónicos não puderam ser resolvidos. Ao contrário, o défice fiscal e o défice da balança comercial agravaram-se sensivelmente. Tanto o orçamento federal como o intercâmbio comercial com o exterior demonstram, de facto, a acumulação de défices monumentais. E mais: até as próprias previsões oficiais prevêem um próximo e notável incremento de ambos os índices negativos cujo peso, portanto, pode fazer desabar o modelo de Reagan e arrastar a economia norte-americana para uma nova recessão. Esta análise — aqui apresentada do modo mais sucinto — pode verificar-se desde agora, mas

mesmo assim sendo, é bem possível que essa evidência só chegue ao público depois da votação do próximo mês de Novembro. Existem mecanismos de estímulo a curto prazo que a Casa Branca — diante de uma tendência para a estagnação — poderia aplicar, adiando as suas manifestações. Naturalmente, isso seria impraticável perante um evidente retrocesso. A observação do comportamento da economia nos próximos meses é, portanto, de grande importância, mas as previsões indicam que, salvo surpresas, Reagan chegará a Novembro com uma auréola de vencedor económico.

Na frente externa, ao contrário, ele está exposto a contrastes que podem deteriorar rapidamente a sua imagem e fazê-lo perder votos, talvez tantes os necessários para reintegrá-lo na vida privada.

A sensação de que o rompimento do diálogo com a União Soviética coloca um maior risco de guerra nuclear, isto é, uma ameaça à sua própria segurança, preocupa uma parte substancial do povo norte-americano. Contudo, até ao momento, a maioria eleitoral levou em conta outros factores, como foi comprovado nas sondagens de opinião. Em compensação, as áreas de intervenção militar — América Central e Médio Oriente — constituem ainda para os observadores partidários de Reagan terrenos nos quais ele pode dar uma escorregadela fatal.

Em ambos os casos, o presidente lançou a superpotência numa tarefa militar volumosa e dispendiosa, tanto em termos materiais como humanos, sem atingir os resultados políticos que foram fixados.

A participação de um destacamento norte-americano na força multinacional no Líbano foi justificada para assegurar a constituição do Estado nacional e para impedir a luta entre as diferentes facções. A força de "paz" norte-americana afastou-se rapidamente desse objectivo (ao contrário do destacamento italiano que continuou com as tarefas determinadas, revelando, indirectamente, o desvio dos Estados Unidos) e transformou-se num factor activo na guerra civil juntamente com os seus aliados ideológicos e contra os aliados da União Soviética. O carácter sectário assumido pelo presidente Amin

Gemayel — isto é, a favor da direita cristã maronita — e pela força de intervenção norte-americana, agrupou, de facto, forças heterogéneas do povo libanês. Em consequência da ofensiva que esses sectores desferiram, o controlo da situação torna-se impossível para o chefe de Estado e seus aliados.

A perplexidade da opinião pública a respeito do Líbano é grande, e, segundo muitos observadores, ainda é cedo para se avaliar quais serão as repercussões internas da decisão de Reagan de retirar os *marines* de Beirute para os navios da frota norte-americana que vigiam a costa libanesa. Muito vai depender do que acontecer no Líbano nas próximas semanas, e ao que tudo indica, nada acontecerá de bom para os interesses de Reagan, uma vez que a correlação de forças não vai favorecer os aliados de Washington. Os opositores de Reagan aproveitariam a nova conjuntura para lançar uma ofensiva num terreno no qual o presidente teria todas as desvantagens. Isso faz com que, assim como na economia é provável que as dificuldades possam ser disfarçadas até o momento de votar, no Médio Oriente aconteça o contrário. A região é um foco de extrema sensibilidade que pode acarretar dissabores ao actual presidente. Vai depender da magnitude dos contrastes que estes dissabores possam erguer uma barreira às suas aspirações à reeleição. Na América Central, o governo Reagan também se empenhou numa escalada militar infrutífera. A cada declaração sobre as suas intenções pacifistas, o governo norte-americano acrescenta um incremento à sua intervenção militar, trate-se da guerra por meio das Honduras contra a Nicarágua, trate-se do reforço ao exército salvadorenho em combate contra a resistência guerrilheira. Nem as operações estimuladas pelos serviços especiais norte-americanos que treinam, armam e dirigem as forças anti-sandinistas, nem as operações militares conjuntas dos Estados Unidos e as Honduras, apesar da sua alarmante dimensão, foram suficientes para introduzir em território nicaraguense uma actividade contra-revolucionária que possa significar uma ameaça para a estabilidade do governo sandinista. Da mesma forma, o aumento incessante de conselheiros e armamentos norte-americanos foi capaz de

proporcionar aos militares salvadorenhos condições para acabarem com a resistência guerrilheira. O fracasso na Nicarágua, decorrente da substancial unidade popular de apoio à Junta e de repúdio à intervenção norte-americana, devia ter dado lugar à busca de uma solução diplomática. Esse é o objectivo perseguido pelo Grupo de Contadora, integrado por quatro países da área, que obteve, à mesa de negociações, uma fórmula aceitável para as partes envolvidas, com concessões significativas da Junta Sandinista. Ao mesmo tempo, o governo da Nicarágua pôs em andamento o processo de convocação eleitoral, cumprindo dessa forma com o seu programa e as suas promessas e, inclusive, deixando a descoberto o intervencionismo norte-americano.

A resposta de Reagan consistiu em intensificar brutalmente as hostilidades através das Honduras, levando a situação à beira da guerra entre as duas nações centro-americanas.

O comportamento de Washington foi tão flagrante que, apesar da retórica do presidente e do eco amplificado pelos meios de informação norte-americanos, é cada vez mais visível para o público a contradição entre as suas palavras e os factos da sua política.

Reagan colocou-se contra a paz regional e transformou-se em factor de activação dos conflitos bélicos nessa área estratégica e tão próxima das suas fronteiras.

Pois bem: será possível que não ocorra uma explosão bélica no decorrer deste ano se Reagan continuar essa política agressiva? O período eleitoral norte-americano passará sem o surgimento de um conflito?

A extrema tensão militar que incendeia a fronteira entre a Nicarágua e as Honduras leva a pensar que, salvo uma espectacular modificação da atitude de Reagan (que seria exactamente o contrário da orientação que até agora tomou) é quase inimaginável que não ocorram factos graves. Neste caso, paradoxalmente, a distensão, seja ela táctica ou transitória, até depois de Novembro, parece ser a variante que provocaria menores problemas eleitorais ao presidente. A oposição não poderia objectar uma aproximação real às propostas do Grupo de Contadora, de forma que uma rectificação da política em relação à América

Central não seria apresentada como politicamente onerosa.

Em compensação, um conflito bélico — de cuja responsabilidade Reagan não conseguiria desvincular-se — levantaria uma oposição e críticas de tal envergadura que poderiam tirar-lhe numerosos votos que o favorecem nas sondagens do início de 1984.

Como no caso do Líbano, estamos a analisar situações e conflitos reais e concretos, embora as suas projecções sejam imprevisíveis. Isso é, talvez, mais visível em relação ao problema centro-americano. Nessa região, apesar do notável grau de intervenção da superpotência, as tropas norte-americanas não actuam ainda directamente. Por outro lado, os soldados dos Estados Unidos na América Central não teriam nem a cobertura de uma força de "paz" nem o pretexto de uma guerra civil. Nessas condições, a eclosão de uma guerra que acarretasse uma intervenção directa dos Estados Unidos provocaria um trauma na sociedade norte-americana, reabriria as feridas do Vietnam, isolaria a superpotência no terreno internacional e mostraria aos eleitores os trágicos resultados de uma política baseada na força e na ameaça militar.

Segundo a tradição, em vésperas de eleições, os presidentes em busca de um novo mandato apresentam uma prudência que não deixa que eles sejam responsabilizados pelos erros e pelos fracassos. Um dos segredos da popularidade interna de Reagan consistiu em que ele se mostrou energético com os seus adversários sem que, até agora, as graves consequências internacionais dessa atitude tivessem repercussões negativas dentro dos Estados Unidos. É provável que Reagan seja prisioneiro dessa experiência e continue actuando à margem da prudência.

A fracassada intervenção no Irão para resgatar o pessoal diplomático norte-americano foi um dos elementos que pesaram na derrota do predecessor de Reagan.

Por todos esses antecedentes, o Líbano e a América Central são focos de tensão que poderiam modificar as posições numa corrida na qual o actual presidente parte com grande vantagem. Essas graves situações podem deteriorar-se e irromper com vigor na competição pela Casa Branca.

# PARA SI QUE VIVE DE OU PARA A AGRICULTURA

## COLEÇÃO DOIS NOVOS LIVROS DA **EUROAGRO**



### OS FERTILIZANTES

*Prof. J. Quelhas dos Santos*

Os fertilizantes são um meio poderoso para conseguir o aumento da produção. Este livro é um contributo para que os adubos e os correctivos possam ser utilizados adequadamente. Um livro indispensável a professores e alunos, técnicos agrícolas e agricultores.

### PARASITOSSES DOS BOVINOS EM PORTUGAL e seu combate

*Prof. Silva Leitão*

As parasitoses dos bovinos são um obstáculo ao aproveitamento integral das raças bovinas. Este livro apresenta-nos a forma racional e eficaz de as combater como meio de conseguir maior rendibilidade das explorações bovinas portuguesas.

Adquira-os no seu livreiro ou peça-os ao editor  
utilizando este cupão



Enviem-me, contra reembolso, os livros assinalados com

- Os Fertilizantes* - 750\$
- As Parasitoses dos Bovinos em Portugal e Seu Combate* - 580\$

**NOME**

**MORADA**

**PROFISSÃO**

**C. POSTAL**

**LOCALIDADE**

**TELEFONE**



Publicações Europa-América, Lda.

APARTADO 8 - 2726 MEM MARTINS CODEX

00000  
4844

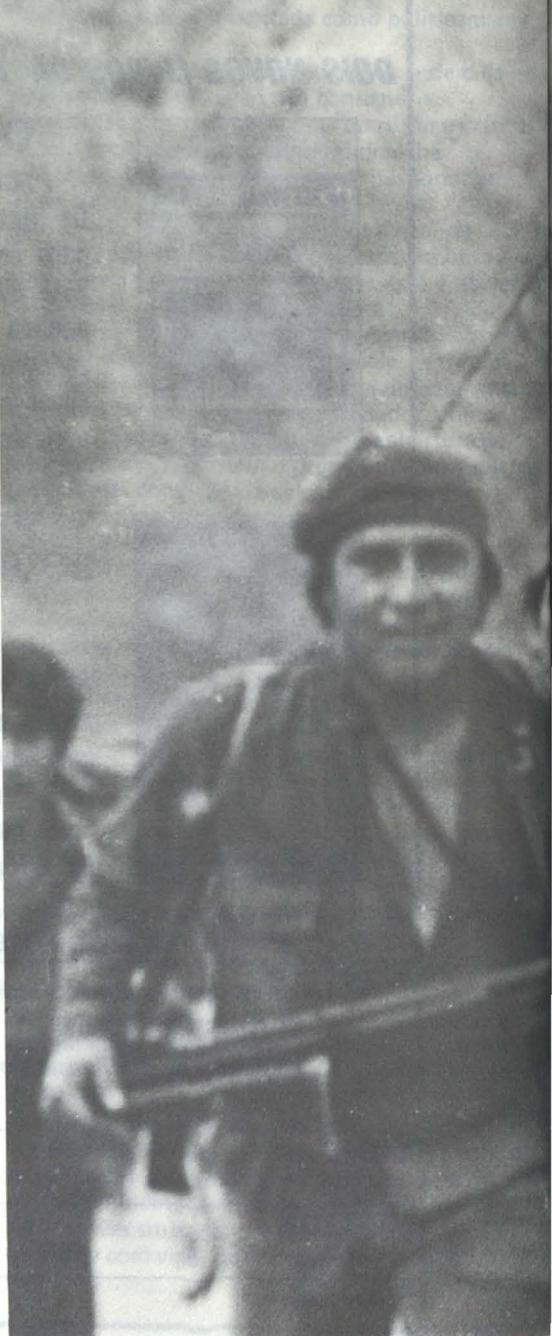
A Nicarágua é o lugar do mundo onde técnicos soviéticos ensinam num colégio salesiano; onde um agente da CIA arrependido ajuda na colheita do algodão e explica qual poderá ser o próximo ataque norte-americano; um político do Partido Conservador integra a Junta Revolucionária ao lado de um comandante guerrilheiro que escreve poemas e de um famoso romancista que, para lutar contra a ditadura de Somoza, voltou-se totalmente para a política; onde vários sacerdotes ocupam altos cargos num governo revolucionário e um deles explica que chegou ao marxismo a través do Evangelho; numa economia em vias de socialização, 52% da produção de um sector principal como o açúcar está nas mãos de uma empresa privada que recebe crédito do Estado e cumpre os objectivos fixados pelos planificadores; edita-se um jornal privado que ataca o governo, porque diz que não há liberdade para atacar o governo; onde a Reforma Agrária é um projecto produtivo antes de ser redistributivo e o planeamento uma forma de hegemonia da luta de classes que não se suprime por decreto; e um povo em armas para repelir uma invasão norte-americana, arrisca as conquistas de 18 anos de guerra e cinco de revolução, num processo eleitoral no qual a oposição burguesa poderá aspirar ao poder nas urnas.

Este é o desconcertante modelo nicaraguense, que se explica nas três palavras-de-ordem do pluralismo político, economia mista e não-alinhamento, cuja originalidade trataremos de expor nas diferentes matérias desta edição. O seu apego à realidade da Nação e do Povo, a sua indiferença pelas fórmulas dogmáticas tem potencialmente uma grande influência sobre revoluções futuras. Daí o seu enorme interesse, e o esforço norte-americano por reduzi-lo ao confronto Leste/Oeste, isolá-lo e esmagá-lo.

*Textos, fotos e entrevistas: Carlos Castilho e Horacio Verbitsky, enviados especiais*

Nicarágua

# Os caminhos



# da revolução



# As eleições e o papel da burguesia

O sandinismo oferece garantias e compromete-se a respeitar os resultados



**S**egundo a tradição muçulmana a palavra *dimmi* define o papel que era concedido, tradicionalmente, a judeus e cristãos: o de minorias protegidas cujos direitos elementares eram respeitados, mas que não podiam aspirar a um papel predominante sobre os seguidores do Corão.

A semelhança desta situação com a da burguesia nicaraguense é inocultável. Como se explicita no artigo dedicado ao pluralismo económico, a originalidade do modelo que floresce hoje no país centro-americano abre um amplo espaço para a localização dessa classe dentro do aparelho produtivo, graças à prioridade concedida pelo sandinismo ao desenvolvimento que permitirá a melhoria das rudes condições de vida da população. "Não queremos que a nossa revolução se torne cinzenta, ortodoxa. O problema básico que temos de enfrentar é a extrema pobreza da Nicarágua", explica o membro da Junta de Governo Sergio Ramírez Mercado, exprimindo numa frase dois temas fundamentais que nem sempre se percebem como as faces de uma mesma moeda.

Mas os dirigentes da Nicarágua preocupam-se também em destacar que a coexistência de diversas formas de propriedade e gestão não implica que o sector privado usufrua uma zona franca para um sistema de produção intocado e arcaico. A chave está naquilo que os nicaraguenses chamam "da lógica do sistema", que fez uma volta de 180 graus com o derrube de Somoza em 1979. A lógica das maiorias que substituiu a lógica dos lucros, implica que o sistema está organizado ao serviço do povo.

A burguesia *dimmi* produz, lucra e usufrui dos seus ganhos, mas já não comanda. A sociedade nicaraguense demonstra, assim, uma insólita realização de um conceito teórico antigo e válido, mas nunca posto em prática de forma tão clara: a Frente Nacional hegemonizada pela classe trabalhadora e pelo seu partido de vanguarda.

Sergio Ramírez baptizou a antiga classe dominante num Congresso de Ciências Sociais como "os sobreviventes do naufrágio". Advogado, historiador, romancista, Sergio Ramírez afirma que a burguesia deve entender que a base da sua participação social radica na sua participação na produção. Deste modo, os sandinistas não deixaram margem para dúvida.

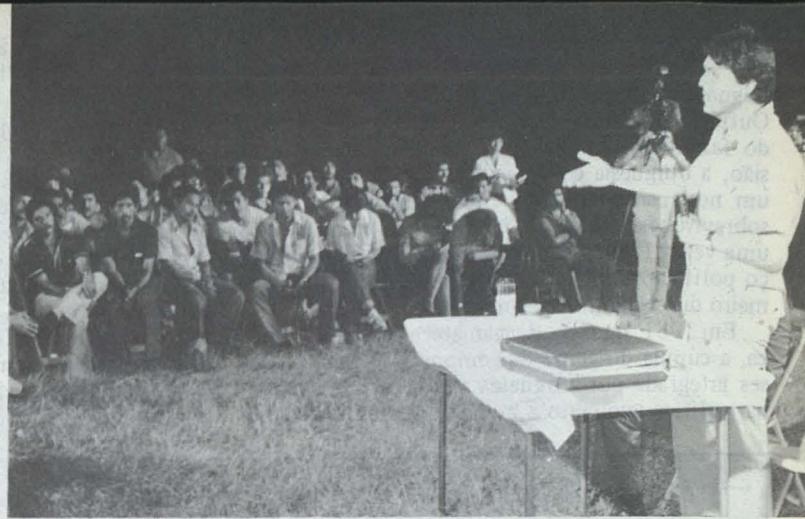
## As eleições

Mas a Frente Sandinista resolveu realizar eleições gerais em que será eleito o presidente, o vice e uma Assembleia Constituinte que também cumprirá funções legislativas. Isso equivale a reconhecer, como o governo o fez através de uma lei, que os partidos burgueses podem aspirar inclusive ao poder, isto é, a sair do seu estatuto *dimmi* e apresentar-se como força hegemónica da Nação.

Isso constitui, sem dúvida, uma contradição, e os dirigentes da revolução demonstraram ao longo de quatro anos e meio que não as temem, que estão habituados a conviver com as contradições e que sabem extrair forças criativas da sua resolução correcta. Agem como se a realidade operasse de forma dialéctica, e até agora não se deram mal.

Os chineses conservam os seus burgueses, e inclusive o último imperador, que constituem atrações habituais do turismo político, mas que são peças de museu, memória do passado. Não têm jornal nacional, nem bispo conspirativo, nem rádios que defendam os seus interesses como na doce e áspera Nicarágua. Aqui a luta de classes salta aos olhos, é um processo dinâmico que acontece à luz do dia, e a Frente Sandinista hegemonizou-a até agora através da mobilização do povo que está em armas e aceita todos os desafios confiando na vitória em qualquer terreno.

A direita, por sua vez, passou anos exigindo



Carlos Núñez Telles (à esquerda) e Sergio Ramírez (à direita), em pleno debate eleitoral

eleições, mas agora tem dúvidas se deve concorrer ou não. "Eles têm medo delas", sintetizou Carlos Núñez Telles, um dos Nove Comandantes da Revolução e presidente do Conselho de Estado. De todas maneiras, é muito difícil que a burguesia consiga evitar o desafio, já que a abstenção numa disputa eleitoral pode transformar-se numa renúncia definitiva à existência política futura, diante de uma revolução que se mostrou generosa mas não fraca.

"Se a Frente Sandinista obtiver menos de 70% dos votos eu caio em pranto", disse outro dos Nove, o ministro do Interior Tomás Borge. Essa confiança, compartilhada sem exceção por todos os sandinistas, e pelo que pudemos observar na Nicarágua solidamente justificada pela realidade, explica porque estão eles dispostos a correr um risco que nem Lenine, nem Mao e nem Fidel consideraram conveniente nem necessário. E o risco é real, porque como anunciaram Daniel Ortega e Tomás Borge, não haverá censura à imprensa, os partidos usufruirão de todas as garantias e se a Frente Sandinista for derrotada, entregará o governo e as Forças Armadas Sandinistas obedecerão às ordens dos vencedores. Isto deixa enfurecido o marxista-leninista Movimento de Ação Popular, que se opõe à eleição de uma Assembleia Constituinte com participação dos partidos burgueses e advoga, em compensação, pela instalação de uma Assembleia de Operários, Camponeses e Soldados.

A confiança sandinista baseia-se tanto na fortaleza das suas organizações de massas e no despertar da consciência do povo, do qual aquelas são causa e efeito, como na fraqueza da burguesia, que antes de ser *dimmí* da revolução foi *dimmí* de Somoza, a quem só enfrentou depois do terremoto de 1972, quando o ditador e os chefes da sua Guarda Nacional se apossaram de todos os negócios lucrativos,

obrigando-a a lutar pela sobrevivência.

Actualmente esse não é o caso, já que a Frente Sandinista considera que tanto para o desenvolvimento das forças produtivas como para preservar a união nacional, a burguesia pode continuar a existir como classe. Além do mais, para enfrentar Somoza, os burgueses podiam aliar-se com a guerrilha que o combatia, enquanto que carecem hoje em dia dentro da Nicarágua de sócios com poder de fogo. Têm-nos, potencialmente, no exterior: Pastora, Robelo, Calero Portocarrero, o coronel Bermúdez, Chamorro, os ex-guardas somozistas, o exército das Honduras, e por trás destes, coordenando e financiando, o governo dos Estados Unidos, e os seus vários milhares de soldados nas fronteiras da Nicarágua.

A grande contradição da burguesia é, então, participar segundo as regras do jogo democrático que o sandinismo coloca, para sua grande surpresa, perder e servir como minoria legitimadora da revolução, ou recusar-se a aceitar a aliança com aqueles que, a partir das fronteiras espreitam armados até aos dentes, apostando em ganhar o poder total mas correndo riscos que por serem demasiado óbvios nem vale a pena descrever.

#### Uma oportunidade histórica

Sergio Ramírez lembra que este dilema não é novo para os burgueses do seu país, que perderam, juntamente com os instrumentos fundamentais do seu poder, a confiança histórica, e ainda não se decidem como classe a aceitar a aliança que lhes oferecem os trabalhadores organizados.

Um antecedente fundamental é a crise de Maio de 1980, quando Alfonso Robelo e Violeta Barrios renunciaram à Junta de Governo, as organizações

empresariais e os partidos tradicionais ameaçaram não se integrarem no Conselho de Estado e a sua linguagem tornava-se extremamente agressiva. Em Outubro do mesmo ano, após a aventura armada do fazendeiro Jorge Salazar, que morreu na ocasião, a burguesia compreendeu que devia negociar um novo entendimento como único caminho de sobrevivência, segundo explica Ramírez, e mais uma vez a Frente Sandinista lhes concedeu o espaço político que lhes fora determinado desde o primeiro dia. Nem mais, nem menos.

Em 1981, quando Reagan aterrou na Casa Branca, a cúpula dirigente dos empresários nicaraguenses integrada por burgueses médios — que actuam na política enquanto a grande burguesia produz e

não rompe o silêncio — pensou que poderia conquistar maiores fatias do poder apresentando-se como mediadora da revolução diante do *big stick* que começava a projectar a sua sombra sobre a Nicarágua. Mas, diz Sergio Ramírez, tiveram de aprender que a “flexibilidade não se consegue com ameaças mas na base da construção de um espaço político adequado”. Hoje, os Estados Unidos e a burguesia estão a incorrer no mesmo erro.

“Talvez para uma burguesia menos atrasada, ou menos primitiva, ou melhor dizendo, mais moderna, teria sido mais fácil entender quais são as regras do jogo num país em que, apesar da perca definitiva das suas armas, existe contudo, e recebe a garantia de uma oportunidade histórica de participação

## Panorama político

□ A Frente Sandinista de Libertação Nacional é a principal força política do governo, mas não a única. Juntamente com os seus aliados, o Partido Popular Social Cristão, o Partido Socialista e o Partido Liberal Independente, forma a Frente Patriótica.

À sua direita, milita a Coordenadora Democrática, agrupamento da oposição não armada contra a revolução que engloba os partidos Social Cristão, Social Democrata e Liberal Constitucionalista, e uma facção do Conservador Democrata, a Central dos Trabalhadores da Nicarágua, a Central de Unificação Sindical e o Conselho Superior da Empresa Privada (COSEP). Integrado por médios empresários, o COSEP domina a Coordenadora e exige o regresso dos dois chefes contra-revolucionários em armas, o ex-gerente da Coca-Cola na Nicarágua, Adolfo Calero Portocarrero, e o ex-membro da Junta de Governo, Alfonso Robelo. Nega, no entanto, ter contactos com o últi-

mo membro da dinastia deposta em 1979, Anastasio Somoza Portocarrero, *El Chigüin*.

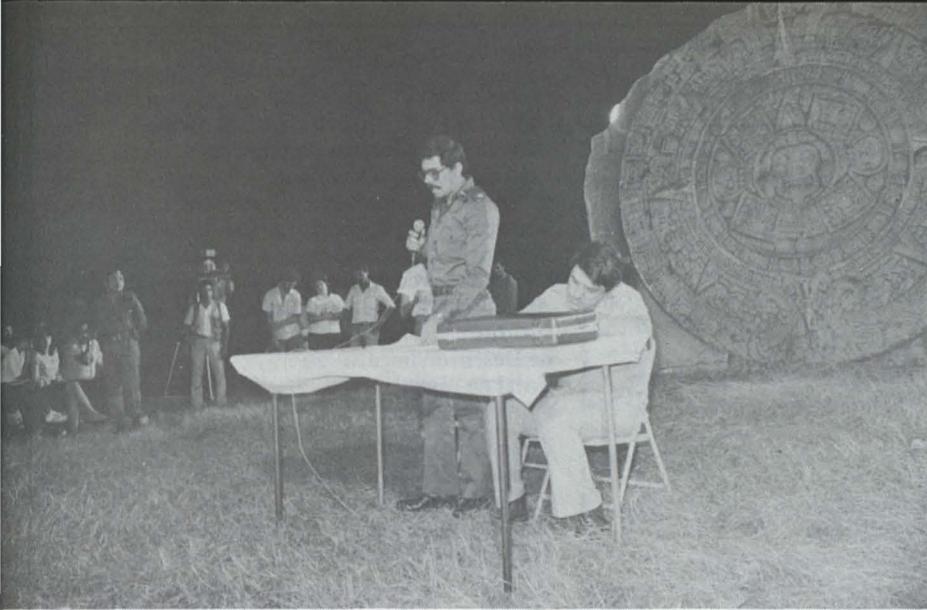
O Partido Conservador Democrata está dividido em três facções. Uma, dirigida pela florista Miriam Arguello, tem uma posição de extrema-direita. Outra, cujo líder é Clemento Guido, está mais ao centro. A terceira é comandada pelo doutor Rafael Córdova Rivas, membro da Junta de Governo. Córdova Rivas, conhecido popularmente como *Tinajón*, declara-se anti-imperialista e partidário da mudança e da justiça social. À esquerda do governo encontram-se o Movimento de Ação Popular (MPA) e a sua expressão sindical, a Frente Operária (que não compartilham da definição sandinista de pluralismo político e econômico misto) e o Partido Comunista.

A Lei dos Partidos Políticos, sancionada pelo Conselho de Estado no segundo semestre de 1983 e regulamentada em Janeiro de 1984, reconhece o direito dos partidos a optarem pelo poder político e só proíbe aqueles que apoiam o regresso do somozismo. É permitido fazer propaganda em todo o país, fazer críticas ao governo, contratar espaços nos meios de comunicação, arrecadar fundos no país e receber donativos do exterior.



O PSN (socialista) apoia o conservador Córdova Rivas, cujo partido (o PCD) rompeu com a Junta





O coordenador da Junta Daniel Ortega, num debate político ao vivo pela televisão

no processo, como classe", continua Ramírez.

#### Os quartos bates

Uma das coisas que à burguesia custa mais a admitir é a continuidade do projecto sandinista, que em Agosto de 1980 prometeu eleições para 1985 e que se ajusta agora a essa data. A sua perplexidade a impede de perceber que a convocação de todas as forças nacionais para participarem no processo tem carácter estratégico e voluntário, e não conjuntural ou imposto. Surgem daí vários equívocos que se reflectem no processo eleitoral: o pedido de amnistia para os chefes somozistas e os demais burgueses que se levantaram em armas como Robelo ou Calero, o que implica não perceber os limites do que é tolerável. A incredulidade acerca das intenções e a pureza das eleições, pode conduzir a gestos de confronto no vazio e, sobretudo, a forma como a agressão externa incide no processo político não é útil à direita. Acreditam que a presença norte-americana os fortalece, quando na realidade lhes cria sérios riscos.

*La Prensa* recorreu a uma metáfora do jogo de *baseball* para exigir o regresso e a participação dos "contras", e disse que a direita não podia competir sem os seus quartos *bates*, isto é, sem os seus melhores homens. Perante isto, o comandante Núñez Telles disse a *cadernos do terceiro mundo* que a "revolução pode ser generosa com os equivocados e com os guardas somozistas que se armaram para combatê-la, mas não com os chefes das organizações que planeiam e executam massacres de comunidades para servir o imperialismo. Além do mais, mesmo que nós quiséssemos, não lhes poderíamos

dar garantias. Se Bermúdez, Calero ou *O Suicida* andam pelas ruas, não podemos garantir que a população não os linche."

#### Exército e Sociedade

Para participar nas eleições a Coordenadora Democrática exige que estas sejam submetidas à supervisão internacional, que os militares não votem, que a Assembleia Constituinte nomeie uma Junta Provisória pluralista e que por sua vez esta convoque novas eleições presidenciais.

"Pedem a supervisão da OEA, que é um fantasma. Na crise das Malvinas não teve nenhum papel, assim como na crise centro-americana. Pergunto-me porque motivo alguns cadáveres devem começar a andar", disse-nos Carlos Núñez. Mas não há, inclusive dentro da oposição, unanimidade a esse respeito, já que é difícil esquecer aqui que os liberais somozistas derrotavam os conservadores chomorristas (as "paralelas históricas") em eleições controladas directamente pelos Estados Unidos ou por comissões internacionais. Há bastante consenso acerca de que a supervisão não assegura pureza e é uma intromissão inadmissível na soberania. Além disso, a Frente Sandinista não se opõe, e pelo contrário promove, a presença de observadores da ONU, do Grupo de Contadora, do Movimento de Países Não-Alinhados, da Internacional Socialista, da Internacional Democrata-Cristã, e como disse Núñez, "inclusive da Internacional dos liberais se eles conseguirem se organizar".

Maior ainda é a divisão dos partidos burgueses em torno das questões de técnica eleitoral, e é di-

## O Conselho de Estado

*Actual composição do Conselho de Estado, o órgão legislativo da Nicarágua.*

<i>Partidos Políticos</i>	<i>Representantes</i>
Frente Sandinista de	
Libertação Nacional	6
Partido Liberal Independente	1
Partido Socialista	1
Partido Popular Social Cristão	1
Partido Conservador Democrata	1
Partido Social Cristão	1
Partido Liberal	
Constitucionalista	1
Partido Comunista	1
Partido Social Democrata	1
Total de partidos políticos	9
Total de representantes	14

Total de organizações	11
Total de representantes	17
<i>Organizações empresariais privadas</i>	
Câmara das Indústrias da Nicarágua	1
Confederação das Câmaras de Comércio	1
Câmara Nicaraguense da Construção	1
União dos Produtores Agro-pecuários da Nicarágua	1
Instituto Nicaraguense de Desenvolvimento	1
Total de organizações empresariais	5
<i>Organizações sociais</i>	
Comité de Defesa Sandinista	9
Juventude Sandinista 19 de Julho	1
Associação de Mulheres Nicaraguenses	
Luisa Amanda Espinoza	3



### *Organizações sindicais*

Central Sandinista dos Trabalhadores	3	Conselho Nacional de Educação Superior	1
Associação dos Trabalhadores do Campo	2	Eixo Ecuménico (MEC-CELADEC)	1
Confederação Geral dos Trabalhadores Independentes	2	Forças Armadas Sandinistas	1
Central de Trabalhadores Nicaraguenses	1	Total de organizações	6
Central de Unificação Sindical	1	Total de representantes	16
Central de Acção e Unidade Sindical	2	Total de organizações membros do Conselho	31
Federação dos Trabalhadores da Saúde	1	Total de representantes	52
Associação Nacional de Educadores Nicaraguenses	1	O economista Xabier Gorostiaga S. J. fez uma análise muito interessante sobre a composição do Conselho. Calculou que a Frente Sandinista e as organizações de massas identificadas com a sua política ocupavam 49% dos lugares, a direita política e empresarial 21,6%, a esquerda política e sindical não-sandinista, 13,7% e os independentes 15,8%. Afirmou também que, segundo o seu critério, "a oposição militante da direita contra a Revolução não passa de 21,6% e, portanto, esses sectores estão excessivamente representados".	
Confederação Nacional de Associações Profissionais	1		
União Nacional de Agricultores e Pecuaristas	2		

fícl refutar o argumento sandinista transmitido por Núñez a *cadernos do terceiro mundo*: "Não se pode fazer dois investimentos, organizar duas eleições, que custam pelo menos 300 milhões de córdobas cada uma (30 milhões de dólares, ao câmbio oficial) sem atingir os programas de Defesa, Educação e Saúde". A realidade de um país muito pobre será certamente imposta sobre considerações técnicas que não são a raiz do problema. A Nicarágua não é a Alemanha e os seus processos não podem ter as mesmas formalidades.

A questão-chave das posições da direita é a objecção ao voto dos militares porque torna-se a colocar aqui uma contradição real, neste caso entre os mecanismos de uma democracia directa, de massas, e os de uma democracia representativa, de cunho burguês. Nas democracias ocidentais europeias e nos Estados Unidos, traçar uniforme não impede passar pela cabine secreta, desde que a concepção liberal rousseauiana iguala todos os indivíduos como cidadãos, independentemente da sua actividade produtiva, sindical ou corporativa. O problema verdadeiro é o papel do Exército Popular Sandinista.

É um pequeno exército, de 25.000 homens, mas a mobilização popular pode colocar em posição de combate, em 24 horas, outros 300 ou 400 mil homens. "A nossa doutrina militar inclui a participação das massas na defesa", declarou a *cadernos do terceiro mundo* o comandante Hugo Torres, responsável pela direcção política do EPS. "Sem as massas, a defesa seria impossível. A defesa da paz é a tarefa mais importante e a que torna possível as eleições. Eleições dentro do quadro de um processo revolucionário, e não de fora, como a direita pretende". Ou como afirma outro dos Nove Comandantes da Revolução, Víctor Tirado, "o povo armado é o núcleo central da sociedade nicaraguense e o principal protagonista das transformações sociais da revolução".

"A direita sustenta que o nosso exército é político", completa o secretário do Conselho de Estado, sub-comandante Rafael Solís, "e nós dizemos que em todos os países os exércitos não ficam de fora da sociedade em que se desenvolvem, pois os militares estão identificados com o poder estabelecido em cada país".

É evidente a diferença entre os exércitos tradicionais e o da Nicarágua, onde é impossível traçar uma divisão clara entre civis e militares. A intenção dos partidos burgueses de dissolver a forma organizativa do povo em armas e que se recrie o que chamam de um Exército Nacional choca-se frontalmente com esse dado básico da sociedade nicaraguense, que responde à história recente da insurreição contra Somoza, e aos actuais episódios de defesa contra a agressão. Qualquer argumento que trate de marginalizar da vida política os que plan-

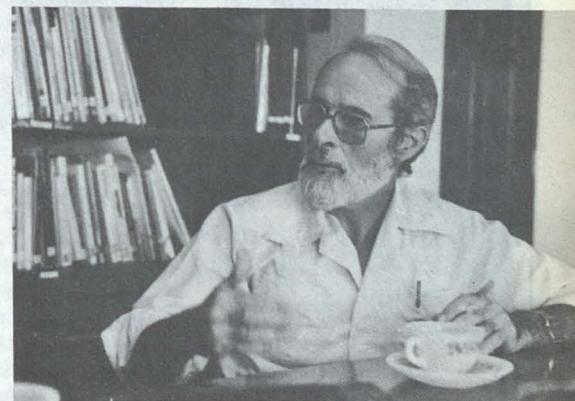
tam e colhem com a arma no ombro arriscando a vida diante dos bombardeamentos e incursões somozistas, e pretenda ao mesmo tempo incluir nesse processo os que dirigem a agressão significa, numa definição benigna, um apreciável grau de ignorância acerca das condições da realidade.

Essa contradição entre democracia directa e democracia representativa será resolvida com as armas predilectas desta última, o sufrágio secreto dos maiores de 18 anos, que em caso de vitória permitiria aos partidos burgueses sancionarem uma nova Constituição, nela consagrando as suas ideias sobre a relação entre Exército e Sociedade. Pretender que como parte do processo eleitoral o próprio sandinismo legisle contra a sua forma organizativa central, é como tratar de vender a pele antes de caçar o urso.

#### Diversificar a dependência

Isso conduz ao tema principal: a burguesia e os Estados Unidos pensam que a pressão nas fronteiras abre espaço para a oposição interna, sem perceber que os sandinistas tiveram consciência desde o primeiro dia das dificuldades de levar adiante uma revolução no quintal norte-americano e colocaram a participação de todas as classes e sectores sociais num projecto de unidade nacional contra o subdesenvolvimento e a exploração.

Não se propuseram sequer acabar de forma im-



Xabier Gorostiaga S. J.

diata com a dependência, o que teria sido um enunciado tão legítimo como simpático, mas diversificá-la, segundo a expressão exacta do economista Xabier Gorostiaga S. J., pois consideravam que um país tão pequeno, pobre, subdesenvolvido em recursos produtivos e humanos, e aberto ao mercado mundial, não podia modificar essas condições pela simples vontade oficial.

O jesuíta Gorostiaga, director do Instituto Nicaraguense de Pesquisas Económicas e Sociais, e

da Coordenadora Regional da Pesquisas Económicas e Sociais, explica que para diversificar a dependência é preciso "andar em quatro pernas: uma quarta parte do total das relações económicas com os Estados Unidos (contra 70% anterior), uma quarta parte com os países da América Latina e os Não-Alinhados, uma quarta parte com os países capitalistas europeus, e está a iniciar-se um processo tendente a estabelecer a outra quarta parte com os países socialistas".

O próprio Gorostiaga lembra que "as autoridades norte-americanas prenderam os pilotos nicaraguenses que foram comprar helicópteros civis.

Os Estados Unidos protestaram perante a França pela venda de um pequeno equipamento militar à Nicarágua. Que se pretende? Manter a revolução sem força aérea nem força naval, enquanto os Estados Unidos armam de maneira desproporcionada as Honduras e El Salvador?" e resume as agressões económicas: "pressões para bloquear créditos do BIRF (Banco Internacional de Reconstrução e Fomento) e do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), pressão sobre o Canadá para que desvie a sua ajuda económica de Manágua para Tegucigalpa, e sobre os bancos privados para que não concedam financiamento à Nicarágua, apesar de es-

## A polarização da Igreja

□ A missa do arcebispo de Manágua, Miguel Obando, começa às onze da manhã na igreja de Santo Domingo. É uma boa hora para os fiéis da burguesia, que praticam antes do almoço uma actividade que tanto é religiosa como política e social.



A missa aristocrática de dom Obando em Las Sierras

A missa do padre franciscano Uriel Molina no bairro popular de Rigueiro só se inicia às cinco da tarde. Antes, o sacerdote e os seus fiéis já estiveram no campo participando nas tarefas voluntárias da colheita do algodão. Há justamente em cima do altar uma jarra com vários galhos brancos que exibem os seus flocos. Nos bancos da igreja de Santa María de los Angeles há camponezes de pele curtida pelo sol, e também louros internacionais norte-americanos e europeus, atraídos pela revolução sandinista.



A missa camponesa do padre Uriel Molina, em Rigueiro

No último domingo de Janeiro, Obando começou a celebração entoando o hino dos racistas do sul dos Estados Unidos na Guerra de Secesão, o Glória Aleluia e Molina, com um tema habitual na sua missa camponesa: *Tu és o Deus dos pobres*. Obando leu um telegrama da UPI com declarações do papa sobre a educação religiosa na Itália, que aplicou um pouco à força à situação da Nicarágua, e Molina consagrou a missa em memória de vários combatentes sandinistas assassinados pela contra-revolução.

O contraste poderia ser extensamente ampliado, mas o que foi dito é suficiente para entender o que o padre Molina nos explica com precisão: "A Igreja da Nicarágua está profundamente polarizada, em linhas que respondem à luta de classes".



Miskitos nicaraguenses

## Prémio Nobel denuncia massacre

□ O Prémio Nobel da Paz Adolfo Pérez Esquivel denunciou que, em 6 de Janeiro, 220 mísquitos que tentavam regressar à Nicarágua para se acolherem à lei de amnistia, foram massacrados pelo exército hondurenho. Torna-se a colocar, assim, em termos extremamente dramáticos a situação de uma minoria étnica de 70.000 pessoas, utilizada no século XVII pelos ingleses para fustigar o império espanhol e, segundo o Movimento de Índios dos Estados Unidos, actualmente manipulada pela CIA contra a revolução, como o foram os hmong do Laos e Vietnam e

es curdos do Iraque.

Após o chamado Natal Vermelho de 1981, quando os contra-revolucionários desencadearam ataques contra as comunidades mísquitas sobre o Rio Coco, na fronteira com as Honduras, o governo sandinista resolveu evacuá-las e destruir as habitações e cultivos para que não fossem aproveitados pelos invasores. Uns 10.000 mísquitos foram reinstalados em Tasba Pri, onde com o crédito oficial e a assistência técnica cultivam arroz, milho, juca, banana e feijão. Um número similar que não quis abandonar o seu meio original atravessou o rio e dirigiu-se para as Honduras. Os contra-revolucionários recrutaram à força os homens jovens nos campos de refugiados, e armaram-nos para atacar a Nicarágua. O massacre denunciado por Pérez Esquivel produziu-se quando estes mísquitos tentavam voltar à Nicarágua.

tar a cumprir todos os seus compromissos, inclusive a dívida externa contraída por Somoza nos seus últimos dias. Será que a administração Reagan está a provocar o alinhamento cada vez maior da revolução nicaraguense com o bloco socialista com o fim de deslegitimar a sua originalidade e evitar que esse modelo de economia mista e pluralismo político se consolide? A administração Reagan confia que diante das crescentes ameaças, o sandinismo se veja obrigado a formas mais rígidas de governo e a um alinhamento internacional com os países socialistas, que confirmem a sua profecia de que a Nicarágua é uma nova Cuba e não uma nova Nicarágua", concluiu Xabier.

Chegamos assim ao extremo paradoxo, que nem o jovem Chamorro de *La Prensa*, nem o agressivo monsenhor Obando, nem a Coordenadora Democrática, nem o Conselho da Empresa Privada (COSEP) parecem perceber: não é a agressão norte-

americana que protege a sua existência e garante as suas liberdades, mas o sandinismo, cujo diagnóstico da realidade nicaraguense e da sua inserção no hemisfério e no mundo determina a conservação da unidade nacional, a celebração de eleições livres e a manutenção tanto da economia mista como da abertura à área capitalista.

A índole estrutural dessa necessidade explica que apesar do Estado de Emergência provocado pela agressão externa, a Frente Sandinista seja a primeira interessada na aplicação do calendário eleitoral. Naturalmente, se a invasão se concretizar, não haverá eleições nem a burguesia subsistirá tal como ela é hoje conhecida. Mas então os sobreviventes do segundo naufrágio deveriam dirigir as suas reclamações à avenida Pensilvânia número 6.000, Washington DC. O ancião que lá mora tem o destino da burguesia nicaraguense nas suas mãos. •

# O que se joga no processo eleitoral?

Daniel Ortega afirma que uma vitória sandinista não modificará os rumos estratégicos



diversos ministros do seu gabinete e como algumas centenas de milhares de nicaraguenses que veneram Rubén Darío e escrevem poesias com a mesma naturalidade com que os pássaros voam.

De estatura média, magro e de bigode ralo, Daniel Ortega Saavedra usa óculos com forte graduação lentes ligeiramente escuras que disfarçam um intenso olhar afectivo. Não é um orador habituado à retórica, exprime-se através de palavras francas que pronuncia sem ênfase, em voz baixa.

As suas viagens a Buenos Aires e Caracas para as cerimónias de posse de Raúl Alfonsín e Jaime Lusinchi, demonstraram que podia trocar sem muita dificuldade as calças e a camisa verdes do guerrilheiro, pelo fato escuro e a gravata do diplomata e que comprehende a importância das relações políticas internacionais para proteger o seu povo revolucionário da agressão que o ameaça. Foi esse o tema inicial da entrevista realizada em Manágua numa noite de Janeiro, depois de concluída a jornada de trabalho.

## O risco da invasão

Como avalia a situação diplomática e de segu-

O coordenador da Junta de Governo de Reconstrução Nacional, Daniel Ortega, de 38 anos, é o chefe de Estado mais jovem da América Latina, e também o mais versátil. Comandante da Revolução, preso durante vários anos no decorrer da guerra contra a ditadura somozista, é também poeta, como



Ortega: "O perigo de uma invasão ainda existe"

rança perante o risco de uma invasão norte-americana?

— O perigo de intervenção norte-americana na América Central deixou de ser iminente, mas continua a ser um risco potencial. Os norte-americanos não renunciaram a essa alternativa, em El Salvador e na Nicarágua. Temos a certeza, através de informação segura, que os norte-americanos desenvolveram planos nesse sentido. Os esforços do Grupo de Contadora a favor da paz, as posições claras de outros países latino-americanos e de países europeus amigos dos Estados Unidos contra a intervenção, são pressões muito importantes para chamar a atenção sobre esse perigo. Só o facto de se pronunciarem contra a intervenção significa que o perigo existe. Os avanços em Contadora continuam sendo dificultados pela política norte-americana. Cada esforço realizado pelo Grupo e que dá os seus frutos em pronunciamentos ou em acordos — como os que foram obtidos recentemente no Panamá — devem param com uma resposta norte-americana no sentido de dificultar esses esforços, de criar embarracos. Após a reunião do Panamá, onde ficou resolvido formar comissões para tratar da temática política e da temática económica, os norte-americanos

não hesitaram em anunciar a instalação de uma nova base militar em território hondurenho. Diante dessa intransigência norte-americana, os esforços de Contadora, dos países latino-americanos e dos países europeus interessados numa solução política, devem ser muito maiores. É preciso chamar à razão, se isso for possível, a administração norte-americana, ou pelo menos chamar a atenção do povo dos Estados Unidos e apoiar as posições dos congressistas norte-americanos contrários à política intervencionista. A movimentação de forças militares dos Estados Unidos na região ratifica a existência do perigo de intervenção. Essa presença norte-americana é reforçada pelas manobras *Ahuas Tara III* que estão em vias de serem realizadas agora na zona do Pacífico, na fronteira com a Nicarágua e El Salvador, a partir de território hondurenho.

*Como se conciliam os esforços da defesa contra a agressão com as eleições?*

— As eleições constavam do programa da Frente Sandinista de 1977, quando lançámos uma forte ofensiva contra a ditadura de Somoza, e foram ratificadas depois do triunfo, em 1979. Em 1980, nós anunciamos que, devido à difícil situação em que havíamos encontrado o país e à necessidade de enfrentar outras tarefas prioritárias, como a alfabetização e a reactivação económica, as eleições seriam realizadas em 1985 (ver entrevista de Daniel Ortega no nº 62 de *cadernos*). A nossa apreciação falhou, pois nós não considerávamos então a possibilidade da agressão norte-americana. Contudo, a revolução fortaleceu-se, derrotámos os planos dos Estados Unidos e o seu instrumento militar que são os contra-revolucionários. Continuamos a caminhar no sentido da institucionalização. Aplicámos ao mesmo tempo os nossos projectos económicos e sociais, num contexto que a revolução definiu como de economia mista, não-alinhamento e pluralismo político. O maior inimigo do processo eleitoral da Nicarágua foi a acção permanente dos Estados Unidos, tanto militar quanto política e económica. Ratificamos agora a nossa proposta de 1980: processo eleitoral a partir de Fevereiro de 1984. Se isso não for possível, será devido unicamente à acção agressiva dos Estados Unidos.

*Menciona-se insistenteamente a possibilidade de intervenção norte-americana em El Salvador, caso haja uma eventual derrota do exército daquele país, intervenção que poderia estender-se para o sul, rumo à Nicarágua. Se essa intervenção for concretizada, quais são os passos que a Nicarágua daria no plano diplomático, além da defesa popular que se está a preparar?*

— Recorreríamos à solidariedade internacional, principalmente dos povos latino-americanos. Embora consideremos que o peso da defesa da revolução assenta nos nicaraguenses, (no caso de intervenção em El Salvador, nos salvadorenhos) e, fundamentalmente, nos centro-americanos, já que seria uma agressão directa aos povos da nossa região. A resposta seria, no mínimo, a nível centro-americano, e confiamos que encontrariamos também um apoio continental.

*“Nós colocamos a necessidade de todas as forças sociais participarem na reconstrução nacional”*

**O modelo de acumulação**

*A empresa privada actua sem problemas aqui, enquanto produzir. Observámos que uma empresa privada produz, com crédito oficial, 52% do açúcar do país, o que é um traço expressivo num processo revolucionário. Isso funciona a curto prazo, mas o que vai acontecer a médio e longo prazo com o modelo de acumulação? Até agora, a empresa privada produz com eficiência dentro do planeamento do governo revolucionário, mas não há um conflito latente por causa da acumulação e do investimento dos lucros?*

— Nós colocamos a necessidade da participação de todas as forças sociais, económicas e políticas da Nação na reconstrução do país. Mas um princípio fundamental sobre o qual não se podem fazer concessões, é que o esforço deve beneficiar os amplos sectores laborais da Nação, antigamente marginalizados e explorados. A redistribuição de riqueza que isso implica atinge as possibilidades de acumular nas condições anteriores. Há, indiscutivelmente, uma contradição permanente pelo simples facto da presença de um sector privado que é fonte de acumulação e que é incompatível com uma justa distribuição da riqueza. Mas existem mecanismos fiscais, através dos impostos, que tornam possível uma redistribuição cada vez mais justa, sem excluir a presença do sector privado, incentivado por um lado, mas solicitado por outro. Dessa maneira, aqueles que estiverem dispostos poderão continuar a caminhar com o processo revolucionário. Mas já existem sectores privados que não aceitam esses mecanismos redistributivos, que estão a assumir políticas activas contra a revolução, não reinvestem nas empresas, tendem a ser uma força parasitária do Estado, dos bancos nacionalizados. As pessoas que pensam e agem assim não têm fu-

turo nesta revolução. O processo de transformação chegará em dado momento a uma distribuição justa da riqueza, mas isso não pode ser feito de forma arbitrária ou voluntarista. Estamos num momento muito importante, em que a incorporação de todos os sectores pode acelerar a reactivação da economia nacional, sem menosprezar os riscos e as limitações que isso acarreta.

*"Estamos diante do mesmo comportamento dos EUA com relação à Nicarágua em, 1909, 1912 e em 1926"*

*Ouvimos dizer que o povo arrisca no processo eleitoral as conquistas de cinco anos de revolução, e que a direita também deveria arriscar as suas posições. Significa isso que, caso a Frente Sandinista ganhe as eleições, o processo de estatização da economia seria acelerado a partir, por exemplo, do primeiro plano a longo prazo?*

– Isso não é uma premência económica, mas um tema político. A revolução apresentou uma série de transformações económicas, como a reforma agrária ou a consolidação e o desenvolvimento do sector estatal, tanto agro-pecuário como industrial. Do ponto de vista económico não é necessário que o Estado procure açambarcar tudo. Ao contrário, deve por um lado consolidar aquilo que foi expropiado a Somoza e seus cúmplices, e continuar a desenvolver as bases da reforma agrária que atingiram o grande latifúndio que pode ainda sobreviver. Se bem que a Frente Sandinista deverá apresentar uma plataforma que signifique, em alguns aspectos, um avanço e um aprofundamento da revolução, esse não é o problema fundamental no momento das eleições.

*O primeiro plano a longo prazo, então, não poderá ser considerado como o preço a pagar pela direita se perder as eleições...*

– A questão do plano não vai alterar a estratégia da revolução. Se um empresário violar as normas, é ele quem se afasta e se torna passível de sanções legais. Mas as eleições não alterarão a estratégia definida pela revolução.

**Burguesia e processo eleitoral**

*Em termos internos, uma vitória eleitoral da Frente Sandinista seria apenas a continuidade de*

30 - terceiro mundo

*um processo de institucionalização da revolução. Por outro lado, acaba de dizer que no campo económico não haverá modificações na estratégia fixada. Que consequências teria na frente diplomática?*

– Seria uma ratificação do apoio popular ao processo revolucionário, que se legitimaria, inclusive, nos aspectos jurídicos que alguns governos colocam. Seria um triunfo da Nicarágua, a pôr mais uma vez em evidência uma realidade que os Estados Unidos não quiseram reconhecer.

*Mas as eleições dificilmente vão modificar a política de força dos Estados Unidos. Reagan não vai abandonar os seus planos...*

– A UPI já está, inclusive, a divulgar sondagens afirmando que a maioria votaria a favor da direita. É um trabalho de condicionamento da opinião pública, para acusar a Frente Sandinista de fraude eleitoral e justificar uma política agressiva contra a Nicarágua.

*Acha que a burguesia estará tão disposta no plano político a subordinar-se ao projecto hegemônico revolucionário, e incluir-se nele como minoria legitimadora, tal como o faz no plano económico?*

– Eles estão ainda na expectativa da intervenção norte-americana, na qual poderiam desempenhar um papel determinante. Essas esperanças que ainda restam à burguesia nicaraguense levam-na a não aceitar o quadro de institucionalização apresentado pela revolução. Têm a esperança de que se os Estados Unidos agirem contra o regime sandinista vão colocá-los no poder. Supõem que em caso de intervenção, os Estados Unidos levarão vantagem. Isso é o que sua lógica lhes indica, porque subestimam a capacidade do povo, a resistência do povo. O confronto com os Estados Unidos terá que chegar a um ponto mais duro, para que se convençam e aceitem a realidade.

*O que fará a burguesia quando perder as esperanças de poder mudar as regras do jogo?*

– Ela atravessou diversos períodos de adaptação, e acho que grande parte vai permanecer no país.

*Como compara a situação da Nicarágua diante dos Estados Unidos, com a de Cuba há um quarto de século atrás?*

– Eu iria mais longe. Estamos diante do mesmo comportamento dos Estados Unidos com relação à Nicarágua em 1909, em 1912, em 1926. Há uma continuidade da agressão imperialista aos povos centro-americanos e em especial ao povo nicaraguense.

*A atitude dos Estados Unidos pode ser a mesma.*

no. 64 — Março — 1984

ma, mas a situação internacional não é.

— É isso mesmo. Há uma grande diferença. Os Estados Unidos já não contam com governos latino-americanos dóceis e cegamente submetidos à sua política. Eles conseguiram agrupar a maioria dos governos latino-americanos no isolamento, no bloqueio e na agressão contra a revolução cubana. Em compensação, enfrentam agora uma atitude diferente da América Latina, uma atitude digna, que identifica correctamente os seus interesses, em aspectos de soberania e económicos. Também mudou a atitude da Europa. Independentemente da atitude obcecada dos Estados Unidos, apesar da sua política intervencionista, prosseguiram as mudanças revolucionárias na África, na Ásia, na América Latina, e surgiram novas situações apesar da sua política de hegemonismo na Europa. A política norte-americana de agressão é rejeitada actualmente no mundo todo. Sem bases para enfrentar essa rejeição, o único argumento que resta aos norte-americanos é chantagear a humanidade com as suas armas atómicas.

#### Uma OEA sem os Estados Unidos

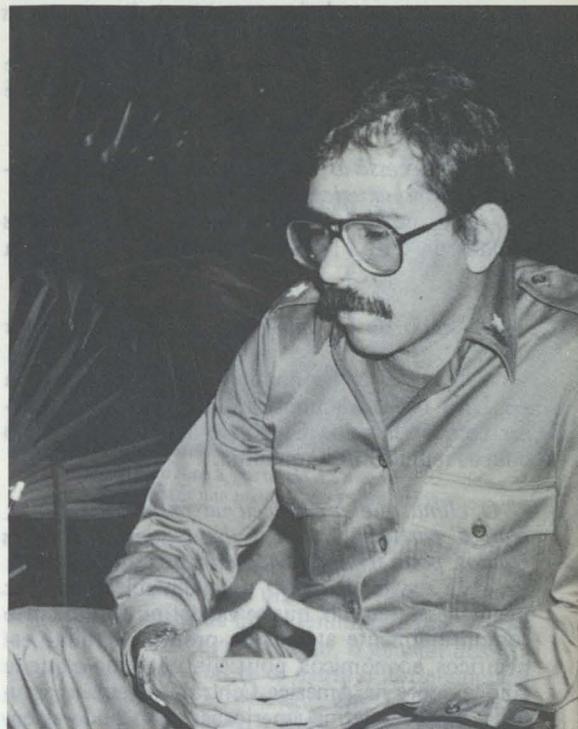
*Depois da derrota nas votações do TIAR durante a guerra das Malvinas, os Estados Unidos deixaram de recorrer à OEA...*

— Essa é uma das maiores evidências. Os Estados Unidos definiram-se a favor de uma política imperialista, como era de esperar, e a partir desse momento abandonaram, não a OEA, mas a América Latina.

*Não acha que a guerra das Malvinas obrigou os Estados Unidos a adiar os seus planos contra a Nicarágua?*

— Em primeiro lugar é preciso levar em conta a luta dos povos da América Latina. Desde a década de 60, depois do derrube de Pérez Jiménez e Batista, houve um auge da luta na América Latina, manifestado nas mais diversas formas, que não podemos lançar no lixo, porque essa luta reflectiu-se nos governos. Os governos não são um produto alheio à força das massas. Foi a força das massas latino-americanas que fez com que partidos e governos de tendência político-ideológica distinta (mesmo que possam estar identificados com determinados interesses) tenham assumido posições cada vez mais sérias e dignas e latino-americanas. O que aconteceu nas Malvinas não pode ser analisado à margem da força do povo argentino. A cúpula militar argentina procurou apropriar-se da reivindicação justa do povo argentino, que era ao mesmo tempo uma reivindicação justa dos povos latino-americanos, para segurar uma situação que já era insustentável. Com isso se fortaleceu a luta dos povos da América Latina, o sentimento latino-

americano e esta aproximação formidável dos povos obriga a uma aproximação dos governos, independentemente da sua tendência política e ideológica. Isso é positivo para todos os povos latino-americanos, e principalmente para os povos em revolução como o nosso.



**“Os EUA já não contam com governos latino-americanos dóceis e submetidos cegamente à política da Casa Branca”**

*Há na Argentina uma incipiente polémica sobre o apoio de governos revolucionários ao regime militar naquele momento. O escritor David Viñas defendeu que nem sequer nesse tipo de conflito se deveria ajudar a ditadura genocida. Qual é sua opinião?*

— Respeito esse critério, mas a solidariedade era para com o povo argentino. Os militares lançaram mão da ocupação das Malvinas por causa da pressão popular latente. Nunca lhes teria ocorrido agir dessa maneira se não houvesse existido essa força das massas argentinas. Não eram os interesses dos

militares que estavam em jogo, mas os do povo argentino, que são os interesses da América Latina. O sacrifício do povo argentino deu como resultado o seu próprio fortalecimento e um fortalecimento da unidade dos povos latino-americanos.

*Qual seria, fora da OEA, o organismo indicado para que os povos latino-americanos discutissem os seus problemas comuns?*

— Durante a guerra das Malvinas, falou-se de uma OEA sem os Estados Unidos. Eu acho que é disso que a América Latina precisa.

*Seria necessário criar um novo organismo sómente latino-americano?*

— Um novo organismo, ou afastar os Estados Unidos da OEA. Nela os Estados Unidos estão a mais.

*O Grupo de Contadora, o SELA, podem ser a base?*

— Os esforços económicos que se têm feito na América Latina demonstram o choque de interesses com os Estados Unidos, e acontece o mesmo com as reuniões de Contadora.

*O clima que prevaleceu na reunião de Quito, com a participação de Cuba e sem os Estados Unidos, pode servir de base a um acordo político?*

— Já existe de facto uma dinâmica cada vez maior nesse sentido, que se vai definindo um tanto conjunturalmente através de problemas muito específicos, económicos, políticos, ou como o que se coloca agora na América Central, e que têm agrupado posições latino-americanas. Isso pode assentar as bases para se ter no futuro um verdadeiro organismo regional.

*Acha que o Brasil, México, Venezuela e Argentina aceitariam um organismo desse tipo, sem os Estados Unidos? Avançou-se alguma coisa nesse sentido?*

— Mais do que palavras, trata-se de uma questão à qual as circunstâncias irão impôr o seu ritmo e o seu próprio desenvolvimento. Quando numa reunião económica os países latino-americanos coincidem, é porque ninguém concorda com a forma como os Estados Unidos conduzem a situação económica, e porque há um confronto objectivo com os países ricos do norte que agredem as nossas economias.

**A dívida externa**

*A dívida externa podia ser o elemento fundamental na definição política das relações entre os Estados Unidos e a América Latina?*

— Acho que é um dos mais importantes, e no

momento é o que mais une, não somente os povos latino-americanos, mas todo o Terceiro Mundo.

*Que desenvolvimento pode ter esse tema?*

— Depende da clareza que se consiga para enfrentá-lo com acções cada vez mais coordenadas. Se as acções forem mais coordenadas, estar-se-á a fazer uma frente comum maior, que deverá levar em conta certas especificidades, sem cair numa posição romântica, sem ilusões excessivas, mas avançando na coordenação.

**“Quando os países latino-americanos coincidem, é porque ninguém aceita a posição dos EUA”**

*Está planeada a realização de outra reunião do nível da de Quito?*

— Trata-se sobretudo de ir aplicando algumas medidas decorrentes dessas reuniões, tanto a nível regional como sub-regional, de estimular o intercâmbio, de estimular um certo tipo de política e acções concretas. Nós apoiamos com entusiasmo esse tipo de iniciativa.

*Nesse contexto latino-americano que age como um travão à política agressiva dos Estados Unidos, qual é o sentido da publicação de mapas nicaraguenses que reivindicam atóis e ilhotas que a Colômbia considera sob a sua soberania?*

— Esses mapas não foram publicados agora, mas há algum tempo, e têm sido tomados como pretexto na Colômbia, por alguns elementos interessados, que servem de caixa acústica da política norte-americana. Os norte-americanos aspiram ver a América Latina dividida, em disputa.

*A nossa pergunta é justamente por isso...*

— Nós já dissemos claramente que os litígios fronteiriços não devem constituir barreiras entre os povos latino-americanos, que têm outros problemas maiores. De que adianta ter mais território, mais população, se os grandes problemas sociais e económicos nos esmagam a todos da mesma forma, independentemente da extensão territorial ou da população que cada país tiver? Não aceitamos nem a polémica, nem o confrontamento nesse terreno, porque enfraquece a unidade latino-americana.

# Uma guerra em três frentes

A Nicarágua está a ser atacada em todas as suas fronteiras terrestres



**A** estrada que liga as cidades de Ocotal e Jalapa no extremo norte da Nicarágua tem pouco mais de 60 quilómetros de extensão. Corre quase paralela à fronteira com as Honduras, com trechos onde a distância chega a ser inferior a dois quilómetros. Esta poeirenta e sinuosa estrada é um dos principais objectivos dos grupos contra-revolucionários que partem do território hondurenho para emboscadas contra fazendas, cidades e outros alvos civis na Nicarágua. Quase três mil guardas somozistas estão mobilizados no que ficou conhecido como o "Plano Sierra", elaborado por assessores militares norte-americanos, e cujo objectivo é a tomada da cidade de Jalapa, a mais importante da região de Nova Segóvia.

Ocotal, com os seus 30 mil habitantes é um importante centro económico ligado ao café, exploração de madeira, gado e tabaco. À entrada da cidade, o primeiro contacto com a guerra. Um velho jipe Toyota leva na sua carroçaria de madeira uma patrulha sandinista. Entre os ocupantes do veículo, todos de uniforme militar, está um jovem, no máximo com 12 anos, carregando uma metralhadora AK. Está sentado entre dois milicianos mais velhos também armados com metralhadoras e espingardas. O garoto está seríssimo e nem se move quando é fotografado. A sua posição dentro do jipe mostra que ele não goza de nenhum privilégio em relação aos restantes. Dentro de Ocotal, os uniformes estão por todos os lados. Há sacos de areia em frente aos principais edifícios públicos. Atrás das casas, foram cavadas trincheiras, mas o movimento de pessoas não mostra a menor tensão. Nas paredes das casas multiplicam-se as inscrições de apoio à revolução sandinista, com um destaque especial para



Jovens a partir de 12 anos  
participam nas milícias de voluntários

o grito de guerra copiado dos republicanos espanhóis da década de 30: *No pasarán*.

Na praça principal, um velho prédio ostenta uma lustrosa placa de metal lembrando que naquele local Augusto César Sandino, o general dos homens livres, lutou contra os marines norte-americanos que invadiram a Nicarágua em 1927. Um pouco mais adiante, numa parede ainda esburacada por tiros, sobrevive um slogan sandinista anterior ao derrube da ditadura somozista. As paredes de Ocotal são testemunhas mudas do longo passado de resistência da cidade contra invasores estrangeiros, mercenários e ditadores.

A mobilização militar ganha contornos mais nítidos nos primeiros quilómetros da estrada para Jalapa. Na beira do caminho, os únicos que não vestem uniformes ou carregam armas são os velhos, mulheres e crianças. A tensão e expectativa pela entrada na chamada zona de combates vai aos poucos desaparecendo tal o número de milicianos, soldados ou voluntários em movimento nas bermas da estrada. Damos boleia a três soldados que, finda a folga, regressam à frente de guerra em Jalapa. Um deles usa um uniforme pouco convencional. Calça jeans, chapéu de pano feito em casa, em contraste com os dois outros, todos de verde oliva. Depois de uma rápida troca de palavras, ele explica: o uniforme está a ser lavado, mas isto não tem muita importância, porque ele segura na mão o essencial, uma espingarda FAL já bastante usada, mas perfeitamente lubrificada.

Em cada casa, sítio ou bar da beira do caminho, há sempre pelo menos um homem armado. Até os vaqueiros que conduzem lentamente umas 40 vacas e bois pela estrada, levam nas costas as suas espingardas e carabinas. Numa curva do caminho, os restos de um camião destruído por uma mina terrestre. Logo adiante, em frente a um grupo de árvores, os nossos companheiros de viagem relembram um combate com os "contras" numa madrugada de Outubro do ano passado. Mais alguns quilómetros, paramos em frente a uma enorme plantação de tabaco, e surge mais um relato de uma emboscada, onde foram mortos cinco somozistas. A todo instante o nosso jipe mergulha na poeira levantada por camiões alemães orientais IFA do exército sandinista que transportam desde soldados até camponeiros com galinhas e cabritos. Se os veículos militares levam carga pouco convencional, o mesmo acontece com os superlotados autocarros que fazem o transporte local. Em todos eles, nota-se, no mínimo, dois ou três canos de espingardas saindo pela janela.

#### "Los sombreritos"

Ninguém sabe ao certo qual é o total de homens armados nesta região, considerada uma das mais críticas da fronteira com as Honduras. Os nossos passageiros dizem que é segredo militar, mas em Manágua ouvimos informações de que mais de cinco mil soldados, milicianos, voluntários e reservistas estão concentrados entre Ocotal e Jalapa. Estão misturados com a população e a prova disso é que os três que vêm no jipe acenam frequentemente para conhecidos na beira da estrada ou nos pequenos povoados ao longo do caminho. A ligação entre soldados e camponeiros ganha um colorido especial nas histórias contadas pelos nossos colegas de viagem sobre as consequências da reforma agrária, da nova política de créditos para a agricultura, assistência médica e alfabetização. Todos os três soldados moram na região e não têm a menor dúvida de que os "contras" não conseguem o apoio da população e nem chegarão a dominá-la apesar das ajudas externas. Nem mesmo a promessa de distribuição de terras em caso de vitória permitiu que surgisse um mínimo de simpatias em relação aos somozistas. O governo de Manágua acredita que a luta na fronteira é também política e por isso intensificou a assistência técnica e os planos de criação de cooperativas na região, com o objectivo de neutralizar a propaganda dos "contras".

Pelas conversas com soldados sandinistas torna-se evidente que os guardas somozistas preferem alvos civis. Nos últimos seis meses, os ataques contra fazendas, povoados, emboscadas a civis e seqüestros de camponeiros, superaram largamente as investidas contra postos militares nicaraguenses. Para

cada combate directo com soldados há pelo menos sete ataques contra-revolucionários contra civis. Os somozistas procuram evitar especialmente os confrontos com os "sombreritos", nome pelo qual são conhecidos os membros dos Batalhões de Luta Irregular, que usam um chapéu de caçador em vez dos quépis dos soldados.

Jalapa é uma cidade pendurada nas encostas das montanhas que servem de limite com as Honduras. Para alguns parece o Macondo de García Márquez, só que com menos selva. Os seus nove mil habitantes vivem no "olho da guerra", porque a cidade foi escolhida pelos "contras" como a capital de um hipotético território conquistado, caso venham a tomar a estrada de Ocotal, isolando Jalapa do resto da Nicarágua. A estrada já esteve interrompida pela destruição de uma ponte mas foi recuperada pelo exército logo em seguida. Um plano que os habitantes da cidade consideram simplesmente fantástico e que os militares da guarnição local classificam de impossível. De Jalapa saem as patrulhas que mantêm vigilância constante ao longo da fronteira e fazem contactos regulares com os camponeiros estabelecidos na região. Além da segurança militar, o exército sandinista intensificou a partir de Outubro do ano passado o trabalho político junto da população local. Professores voluntários participam em brigadas de alfabetização e unidades especiais garantem a assistência médica aos locais mais distantes. Há também duas personagens muito conhecidas na região. Nasceram em países distantes mas têm em comum a profissão: são padres. Um deles é espanhol, trabalha na assistência aos camponeiros, tarefa para a qual depende basicamente da sua incrível dedicação, e de uma metralhadora. O outro, além das funções missionárias, é capelão de uma unidade do exército sandinista e cidadão norte-americano.

#### O Plano Sierra

Os dois padres católicos travam à margem do exército regular uma batalha própria contra os "contras". Nos últimos meses os somozistas passaram a distribuir cartazes nos quais afirmam que o papa apóia a campanha contra o governo sandinista, e acusam o clero nicaraguense de haver traído a igreja. Entre os camponeiros de Jalapa circulam histórias de que os "curas" estrangeiros seriam um dos alvos mais procurados pelos somozistas, que têm no sequestro de civis uma das suas táticas preferidas. Desde Junho do ano passado já foram registados em toda a fronteira norte 170 casos de captura de camponeiros, funcionários do governo e técnicos estrangeiros por ex-guardas somozistas.

Por ser a cidade mais importante da fronteira norte, Jalapa foi escolhida como alvo principal do "Plano Sierra", elaborado no final do ano passado

depois do fracasso do "Plano C" e da "Operação Colheita". (Ver texto "O fracasso do Plano C")

O Plano Sierra prevê ataques contra as localidades de Murra, Ciudad Sandino, Santa Clara, San Fernando e Teotecacinte, com o objectivo de cortar a estrada Ocotal-Jalapa e, numa segunda etapa, ocupar esta última cidade, onde seria proclamado um governo provisório que por sua vez pediria ajuda dos exércitos centro-americanos aliados dos EUA, na organização chamada CONDECA (Conselho de Defesa da América Central). Como alternativa no caso de fracasso, foi prevista uma ofensiva contra a região de Punta Cosiguina, no litoral do Pacífico, onde seria tentado um desembarque de forças que avançariam para o interior do departamento de Chinandega.

Jornalistas nicaraguenses que assistiram a interrogatórios de somozistas detidos no norte, revelam que a FDN mobilizou pelo menos duas "forças-tarefa" para tentar a tomada de Jalapa. A "força-tarefa" Nicarao-Monimbó teria 300 homens dentro da Nicarágua e 900 em território hondurenho, nas bases de Lodoza, Las Conchitas e Las Dificultades. O chefe do grupo é o somozista Benito Bravo, encarregado de tomar a estrada Ocotal-Jalapa e os povoados de Santa Clara e San Fernando. A outra "força-tarefa" contra-revolucionária tem o nome de Pino I e reúne 1.100 homens sob o comando de José Maria Rodrigues, outro criminoso somozista procurado pela polícia nicaraguense. Os presos capturados em combate revelaram também que a Pino I tem como missão a conquista de Jalapa, com a eventual ajuda de uma terceira "força-tarefa", a San Jacinto, que operaria na região de Murra e Ciudad Santino com mil homens.

Ao todo acredita-se que existam mais cinco outras "forças-tarefa" da FDN actuando no norte da Nicarágua. No total elas alcançariam no máximo oito mil homens, a maioria das quais composta por ex-oficiais e ex-membros da Guarda Nacional, o exército particular da oligarquia dos Somoza. Os guardas são odiados pela esmagadora maioria dos nicaraguenses devido às atrocidades que cometem durante os 50 anos em que o país foi transformado num feudo da família Somoza. Entre outras coisas, os actuais membros da Frente Democrática são acusados de terem lançado prisioneiros para dentro da cratera de vulcões em actividade, de se divertirem atirando contra crianças nas ruas da cidade de León ou de treinarem crianças com menos de 12 anos para torturar presos políticos. Hoje os ex-guardas continuam a usar métodos sanguinários nos seus ataques contra camponeses do norte da Nicarágua.

#### O caso Pantasma

Em Outubro de 1983, uma "força-tarefa" somozista com 200 homens, chefiada por um certo Mike



A artilharia sandinista em acção nos arredores de Jalapa

Lima, atacou o vale de Pantasma, no departamento de Jinotega, onde nos três últimos anos foi desenvolvida uma ampla experiência de cooperativismo. Os ex-guardas somozistas atacaram inicialmente as aldeias mais isoladas onde foram executando sistematicamente famílias inteiras de camponeses. Dedicaram-se simultaneamente à pilhagem e destruição de tractores, equipamentos agrícolas, sementes e animais. O povoado de Vimeda foi reduzido a cinzas. Oito tractores foram incendiados e quando as forças sandinistas chegaram ao local, poucas horas depois de iniciado o ataque contrarrevolucionário, 47 camponeses estavam mortos, entre eles 15 mulheres e crianças. Os "contras" demonstraram uma violência especial contra as instalações de cooperativas de trabalhadores sem terra, que no vale de Pantasma organizaram mais de 30 comunidades de produção com a ajuda do governo. Três meses depois do ataque, os camponeses recuperaram um tractor com as peças dos outros que ficaram inutilizados, receberam máquinas emprestadas de fazendas estatais das proximidades ou de outros camponeses, e a vila de Vimeda já foi parcialmente reconstruída. Foi criada uma milícia de auto-defesa e tudo já teria voltado ao normal se não fosse a lembrança de nove adolescentes sequestrados pelo bando de Mike Lima e levados à força para território hondurenho. Devido à sua reduzida capacidade de recrutar adeptos, os "contras" usam

o sequestro como um recurso para tentar ampliar os seus efectivos. Eles atemorizam os capturados, na sua maioria jovens, dizendo-lhes que serão considerados traidores se voltarem às suas terras. Usam também os reféns para ameaçar as famílias que ficaram e esperam a volta dos filhos.

Em Manágua, o comandante Hugo Torres, chefe da secção política do Exército Popular Sandinista, garante que a campanha de emboscadas, sabotagens e sequestros promovida pelos somozistas da FDN não chega a preocupar o governo da Nicarágua. "Eles até agora não conseguiram nenhum objectivo importante, salvo aterrorizar a população e tentar desorganizar a produção na fronteira. Além disso têm perdido homens em número cada vez maior. Só nos primeiros dez dias de Janeiro foram mortos mais de 230 contra-revolucionários em choques com o exército e com as milícias. A própria população local já encontrou os meios para conviver e neutralizar o terrorismo "contra". O que nos preocupa é o que está por detrás de tudo isto", diz Torres, um militar com pouco mais de 30 anos, tido como um dos 10 homens mais influentes na hierarquia nicaraguense.

A preocupação dos dirigentes sandinistas é a possibilidade de que o exército hondurenho se envolva directamente na actividade dos somozistas a pretexto de um qualquer incidente. O apoio de um sector do exército das Honduras à FDN é aberto. Além de facilidades logísticas como os acampamentos de La Lodoza, Las Conchitas, Dificultades, Santa Rita, Mercedes, Las Vegas e Banco Grande, todos do lado hondurenho da fronteira, os "contras" usam aeroportos e aviões fornecidos pelo governo de Tegucigalpa para ataques como o registado no dia 1 de Fevereiro contra o departamento de Chinandega. A FDN disse que o ataque com aviões militares sem insignia na fuselagem visava destruir os estúdios centrais da rádio *Venceremos*, operada pela guerrilha salvadorenha, supostamente instalados em Chinandega. Mas minutos depois do bombardeamento, a rádio esteve no ar normalmente, o que segundo o *New York Times* mostrou que a emissora não estava a operar de território nicaraguense.

### Como no Vietnam

Desde Julho de 1979, as Honduras transformaram-se na principal base de apoio militar dos Estados Unidos na América Central. O efectivo do exército hondurenho aumentou em 50% nos últimos dois anos. Em 1981, havia apenas um general de brigada. Hoje, cinco militares hondurenhos já atingiram esse grau da hierarquia castrense. O número de bases aéreas e pistas militares aumentou de 7 para 13, e o número de helicópteros de combate aumentou em 300%. Os efectivos navais

como lanchas rápidas e embarcações de desembarque duplicou. Três complexas instalações de radar e rádio-comunicação foram montadas recentemente na Ilha Tigre, em Cerro Ule e em Puerto Lempira (no Atlântico). Em 1981, nada menos que 56 chefes militares norte-americanos visitaram as Honduras. Em 1982 e 1983, o número de visitas subiu para mais de cem, período em que a ajuda militar norte-americana às Honduras chegou a 40 milhões de dólares.

No ano passado, o Pentágono organizou as mais longas manobras militares já realizadas com um exército latino-americano. Desde o ano passado já foram realizadas duas manobras conjuntas denominadas *Ahuas Taras I e II* (Pinheiro Grande) e para 1984 está prevista a realização de uma terceira versão ainda maior. Cerca de seis mil soldados norte-americanos sob o comando do coronel Arnie Schlossberg realizaram exercícios conjuntos com quatro mil soldados hondurenhos. A partir deste mês de Março acredita-se que pelo menos dez mil soldados norte-americanos sejam levados para as Honduras em aviões de transporte do *Military Airlift Command*. No ano passado, as manobras realizaram-se na costa Atlântica e na região central. A *Ahuas Tara III* dar-se-á agora na costa do Pacífico, perto das fronteiras das Honduras com a Nicarágua e El Salvador. Segundo especialistas militares, a duração das manobras contraria todas as regras militares, que geralmente classificam estes exercícios como de curta duração.

Outro sintoma de que a presença norte-americana nas Honduras não tem carácter transitório está no facto de que cerca de 800 militares dos Estados Unidos continuarão em território hondurenho até ao início da operação Pinheiro Grande III para vigiar instalações militares consideradas secretas.

No dia 11 de Janeiro de 1984, os soldados sandinistas derrubaram um helicóptero que penetrou no espaço aéreo nicaraguense na região de Teotecacinte. O aparelho tinha como tripulação, um piloto e dois engenheiros militares, todos eles norte-americanos. O voo do helicóptero do tipo OH-58, sem identificação na fuselagem, trouxe às manchetes dos jornais a prática quase rotineira de invasões do espaço aéreo nicaraguense por aviões norte-americanos e hondurenhos.

O ministro da Defesa da Nicarágua, Humberto Ortega, revelou pouco depois, que em 1983 ocorreram 620 violações do espaço aéreo do seu país, 200 delas por aviões dos Estados Unidos. Em 1982, as invasões não ultrapassaram os 270 casos e em 1981, foram registados apenas 80 voos não autorizados. A grande maioria dos aviões detectados pela defesa nicaraguense partiu do aeroporto de Toncontín, em Tegucigalpa ou da base de Palmerola, construída recentemente pelos hondurenhos.



No norte da Nicarágua, os camponeses andam permanentemente armados durante o trabalho no campo

nhos com financiamento e assistência técnica norte-americanos. A presença militar dos Estados Unidos também se faz sentir tanto no oceano Atlântico como no Pacífico, ao largo do litoral da Nicarágua. Fragatas da marinha norte-americana estão localizadas perto do golfo de Fonseca e de Puerto Cabezas, a uma distância inferior a 200 milhas, isto é, dentro de águas territoriais nicaraguenses. Nos últimos meses foi notado um aumento da actividade de lanchas rápidas do tipo Piranha, perto do golfo de Fonseca.

A ameaçadora presença norte-americana nas Honduras é na verdade a grande preocupação do governo sandinista. No final do ano passado, Humberto Ortega deu uma entrevista à revista *Patria Libre* na qual afirmava: "Nesta guerra de agressão intervencionista dos Estados Unidos contra a Nicarágua, o governo Reagan utiliza como primeiro instrumento os restos da guarda somozista, e traidores como Edén Pastora. Como segundo escalão e força de apoio imediato, usam o exército hondurenho. Esta política intervencionista se não for suspensa pode levar a uma confrontação do exército hondurenho com as nossas forças, o que poderia servir ao imperialismo para intervir militarmente na Nicarágua com o objectivo de recuperar a hegemonia sobre o nosso país. Este é o grande perigo da actual política da Casa Branca, já que, ao não poder contar com a contra-revolução, porque esta já está a ser desarticulada pelo nosso exército, não lhe restaria outra opção senão envolver directamente o segundo escalão e algumas outras forças da área, daquilo que nós conhecemos como triângulo do norte, cujo vértice são os Estados Unidos (...) Na medida em que continuarmos vencendo os grupos somozistas no terreno militar (...) este

triunfo torna mais próximo o perigo de uma guerra com as Honduras".

#### Zero à direita

Mas não é só pelo lado norte da sua fronteira, que a Nicarágua é atacada. O pequeno povoado de San Carlos, situado a pouco mais de 10 quilómetros da fronteira com a Costa Rica no sul da Nicarágua é, desde 1982, o alvo principal da organização contra-revolucionária dirigida por Edén Pastora, o irrequieto Comandante Zero que rompeu com o governo sandinista em Junho de 1981. O rompimento provocou uma grande expectativa porque os norte-americanos esperavam usar Pastora para tentar provocar uma divisão interna entre os sandinistas. O principal defensor desta tese foi o ex-presidente argentino Leopoldo Galtieri que procurou vender ao Departamento de Estado a ideia de que Pastora era a peça que faltava para a ofensiva contra o governo de Manágua. Mas o ex-comandante sandinista logo decepcionou os seus admiradores por causa do personalismo e pelas suas contradições declarações políticas. Ao deixar Manágua, Pastora classificou a revolução nicaraguense como a mais bela de todas as revoluções latino-americanas. Garantiu que nunca se aliaria aos somozistas e classificou os ex-guardas como criminosos. Mas meses depois, em 1982, criou a Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), junto com grupos direitistas e ferrenhamente anti-sandinistas como o Movimento Democrático Nicaraguense, de Alfonso Robelo; a União Democrática Nicaraguense, de Fernando Chamorro e o grupo Misurasata, dirigido por Stedman Fagot.

Pastora acabou também por receber dinheiro da

CIA para organizar uma "força-tarefa" de 1.200 homens que passou a agir na fronteira sul a partir de território da Costa Rica. Apesar dos sequestros e ataques de emboscada, os homens da ARDE nunca chegaram a constituir uma ameaça séria à integridade territorial da Nicarágua. A actuação de Pastora sempre teve um forte conteúdo anedótico, como o gesto de lançar pedras sobre um povoado do sul a bordo de uma avioneta para comemorar uma emboscada. Em Outubro de 1982, Pastora esteve nas Honduras com Robelo, Chamorro e Brooklin Rivera, um dirigente do grupo Misurasa, para um encontro com o general Gustavo Alvarez, comandante do exército das Honduras e responsável pela coordenação dos grupos contra-revolucionários. Segundo uma reportagem publicada por Alan Riding, no *New York Times* de 9 de Novembro passado, Alvarez teria dito ao grupo da ARDE, que "a guerra contra os sandinistas estava a ser ganha sem Pastora, e que se ele quisesse trabalhar com os ex-guardas somozistas teria que seguir ordens dos Estados Unidos, Honduras e Argentina". O correspondente do *New York Times* na América Central acrescentou que o general Alvarez esteve acompanhado na reunião por um oficial argentino chamado Oswaldo Rivero e por dois norte-americanos que se identificaram como Donald e John.

A reunião aparentemente sepultou as pretensões de Edén Pastora de se transformar no líder de todos os contra-revolucionários. A partir desta data, a ARDE entrou em decadência. O governo da Costa Rica aumentou as pressões contra o grupo, principalmente depois de Pastora ter anunciado que iria deflagrar uma guerrilha contra o governo sandinista. Também de nada adiantaram os repetidos anúncios dos "contras" de que Pastora já estava dentro da Nicarágua. Na verdade, a única coisa que ele usa com eficiência é o microfone, onde exercita a sua retórica e a sua velha paixão por aparelhos eletrónicos de radiotransmissão. A nível local, os "contras" de Pastora mantiveram as emboscadas e sequestros de camponeses no sul da Nicarágua até Fevereiro, quando o chefe da ARDE anunciou bombasticamente que mil dos seus homens se entregariam à polícia da Costa Rica, um país que nunca teve muitas simpatias pelos anti-sandinistas, embora tenha em várias ocasiões tolerado a acção de funcionários da CIA encarregados de coordenar as tentativas de desestabilização da Nicarágua.

Na costa Atlântica, a campanha contra a revolução sandinista é dirigida pela organização Misurasa. O seu chefe, Stedman Fagot, tenta reunir dissidentes misquitos, sumas e ramas, para neutralizar os esforços do governo para integrar na economia e na política da Nicarágua, estes grupos étnicos que foram ignorados pelo regime somozista. A campanha de atemorização dos misquitos residentes em

Zelaya Norte procura forçá-los a emigrar em massa para as Honduras, onde também existe uma importante comunidade da mesma origem étnica. No dia 20 de Dezembro de 1983, um comando Misurasa atacou o povoado de Francia Zirpi, obrigando mil misquitos a emigrar para as Honduras, entre eles o bispo de Bluefields, Salvador Schlafer, que depois voltou a Nicarágua desmentindo ter dirigido um êxodo em massa, conforme chegou a ser anunciado por alguns jornais ocidentais.

Os membros do Misurasa contaram com cobertura hondurenha para realizar ataques aéreos e navais contra instalações petrolíferas em Puerto Cabezas. O seu principal objectivo estratégico é tentar criar um regime separatista na costa Atlântica. Os sectores mais anti-comunistas do exército hondurenho apoiam este projecto no que se refere à tentativa de fraccionar o território nicaraguense, mas são contra a pretendida unificação dos misquitos da Nicarágua com os das Honduras. Isto implicaria também um fraccionamento do território hondurenho. Por esta razão, os guardas somozistas não confiam muito nos misquitos (ver "Prémio Nobel denuncia massacre").

As divergências entre os três grupos contra-revolucionários tornam instável e precária qualquer união entre eles, mesmo que os especialistas da CIA tentem coordená-los. No plano das emboscadas e sabotagens, eles podem mostrar algum grau de união, mas no plano político são poucas as hipóteses de que algum dia venham a ter qualquer plataforma comum, tal o grau de rivalidades e ambições pessoais dos seus líderes.

#### O exército dos fins de semana

Quem tiver hoje um pouco de curiosidade e examinar as traseiras das casas, edifícios públicos, conjuntos habitacionais e até mesmo dos hotéis nicaraguenses, vai ter uma supresa. Por toda a parte existem buracos em forma de L, outros imitam espirais e existem também alguns que formam um quadrado. Quase todos foram feitos recentemente. A terra fresca amontoada nas proximidades está ali desde Outubro e Novembro. São as trincheiras e abrigos anti-aéreos cavados pela população desde que o estado de emergência foi decretado para enfrentar uma possível invasão estrangeira ou ataques aéreos em massa. Nos bairros mais povoados de Manágua, bem como noutras cidades, existem cartazes colados em muros e paredes com instruções sobre defesa civil e protecção contra bombardeamentos.

A mobilização em massa da população contra um ataque está em vigor desde o agravamento das tensões militares com as Honduras e Estados Unidos no ano passado. Segundo cálculos oficiais, o governo sandinista espera poder mobilizar entre



*Barricada*  
200 a 400 mil pessoas em armas no espaço de 48 horas. Todas as armas disponíveis no país já foram distribuídas, principalmente na região norte e nas zonas agrícolas onde a baixa densidade demográfica cria maiores possibilidades para a infiltração de "forças-tarefa" contra-revolucionárias.

O estado de emergência em vigor desde Março de 1982 provocou também uma série de medidas adicionais como a redução do consumo de energia eléctrica, diminuição do número de páginas dos jornais para economizar papel, centralização do noticiário em rádios e na TV, e a promulgação de uma nova lei de serviço militar. Mas o plano mais importante foi a mobilização em massa da população. De manhã bem cedo, em Manágua, é possível encontrar grupos de jovens correndo pelas ruas em uniformes, ou até mesmo sem eles, em treino militar. No interior, nos sábados e domingos, instrutores do exército ou das milícias ensinam como manejear armas e as instruções básicas para defesa cívil.

A estrutura criada para enfrentar uma possível invasão engloba hoje os ministérios da Defesa e do Interior. O da Defesa tem o controlo directo das Tropas Guarda Fronteiras (TGF), Batalhões de Luta Irregular (BLIR), Unidades de Blindados, Artilharia e Infantaria. Tem também a coordenação

das Milícias Populares Sandinistas (MPS) às quais estão subordinados os Batalhões de Reserva (BIR) e os Batalhões Territoriais. Além disso, existe a Força Aérea, as Unidades de Artilharia Anti-Aérea e a Marinha. Tirando as milícias, o efectivo básico do Exército Popular Sandinista está calculado em torno de 20 mil homens e mulheres em serviço regular.

As Tropas Guarda Fronteiras e de Luta Irregular, junto com alguns batalhões de reserva e das milícias são os responsáveis pelo combate directo contra as "forças-tarefa", nas frentes de batalha. Os BIR recebem treino especial, enquanto as milícias territoriais realizam os seus exercícios nos fins-de-semana e são basicamente compostos por voluntários. As milícias territoriais têm como responsabilidade básica proteger os locais de residência e trabalho em caso de ataque, providenciando a construção de abrigos, trincheiras, ao mesmo tempo que organizam comunicações, alimentação e formação de estoques de combustíveis.

Em Manágua, por exemplo, a mobilização das milícias é mais intensa nos bairros situados perto de objectivos estratégicos como a refinaria situada na zona sudoeste da cidade. Os bairros vizinhos de Las Brisas, Los Arcos, Valle Dorado e Linda Vista foram transformados em verdadeiros labirintos de

trincheiras. Nos fins-de-semana ainda é possível ver grupos cavando, mais de cinco meses depois da região ter sido colocada na lista de prioridades imediatas para a organização da defesa da população. Os moradores destes bairros sabem que na eventualidade de um ataque, a zona será um dos alvos mais visados e por isso continuam tomando precauções. À noite, nos fins-de-semana, as milícias realizam exercícios de evacuação em massa da população.

No interior, a mobilização dos civis para a defesa segue mais ou menos o mesmo programa das cidades, só que aí o realismo dos exercícios é maior porque o convívio diário com a ameaça de ataques está mais presente. As milícias regionais distribuem folhetos com instruções sobre como procurar refúgio e como ajudar pessoas atingidas por ataques aéreos ou emboscadas. O jornal *Barricada*, editado pela Frente Sandinista, está a imprimir edições especiais para camponeses que são distribuídas por milicianos ou lançadas de helicóptero fornecendo instruções de segurança ao mesmo tempo que estimulam a discussão política em torno da ameaça de invasão estrangeira.

O mais recente de todos os planos de defesa implantou o serviço militar obrigatório para todos os homens entre os 17 e 50 anos, e as mulheres entre 18 e 40. Devem prestar serviço militar de dois anos em unidades regulares do exército. O período de serviço pode ser aumentado ou reduzido até seis meses, de acordo com as necessidades de defesa. A nova lei enfrentou uma forte resistência dos sectores conservadores da Igreja e críticas generalizadas da oposição de extrema-direita. (ver "A polarização da Igreja"). Mas o facto que provocou mais polémica foi a intensa mobilização dos sectores femininos da Frente Sandinista que exigiram igualdade de tratamento em relação aos homens no serviço militar. Trinta por cento dos efectivos das Milícias são formados actualmente por mulheres.

"Se pudéssemos contar com todas as espingardas que precisamos — garante o ministro da Defesa, Humberto Ortega, irmão de Daniel Ortega, coordenador da Junta de Governo — nós armariamo-nos todos os milhares de nicaraguenses que já estão organizados nas Milícias Populares. Além disso, gostaríamo-nos que todo o povo nicaraguense tivesse com que se defender, porque enquanto não variar esta política agressiva dos Estados Unidos, o nosso povo corre o risco de ser invadido, a exemplo do que já aconteceu várias vezes no passado. Por isto nós não renunciamos ao nosso direito de armar cada cidadão. E quando não houver espingardas vamos estimular a criatividade popular para fazer as suas bombas artesanais, empunhar as suas picaretas e até facões, porque o mais importante é a decisão moral deste povo para enfrentar os agressores".

40 - terceiro mundo

Nicarágua

## O fracasso do "Plano C"

Arqueles Morales



Os chefes da Agência Central de Informações (CIA) nas Honduras estavam radiantes naquele dia de Dezembro de 1982: haviam concluído o que a imprensa norte-americana mais direitista chamaria de "um grande plano operativo". Os chefes dos contra-revolucionários somozistas receberam envelopes lacrados onde se pormenorizava o "Plano C" da CIA, através do qual pensavam ocupar uma parte do território nicaraguense em menos de dois meses.

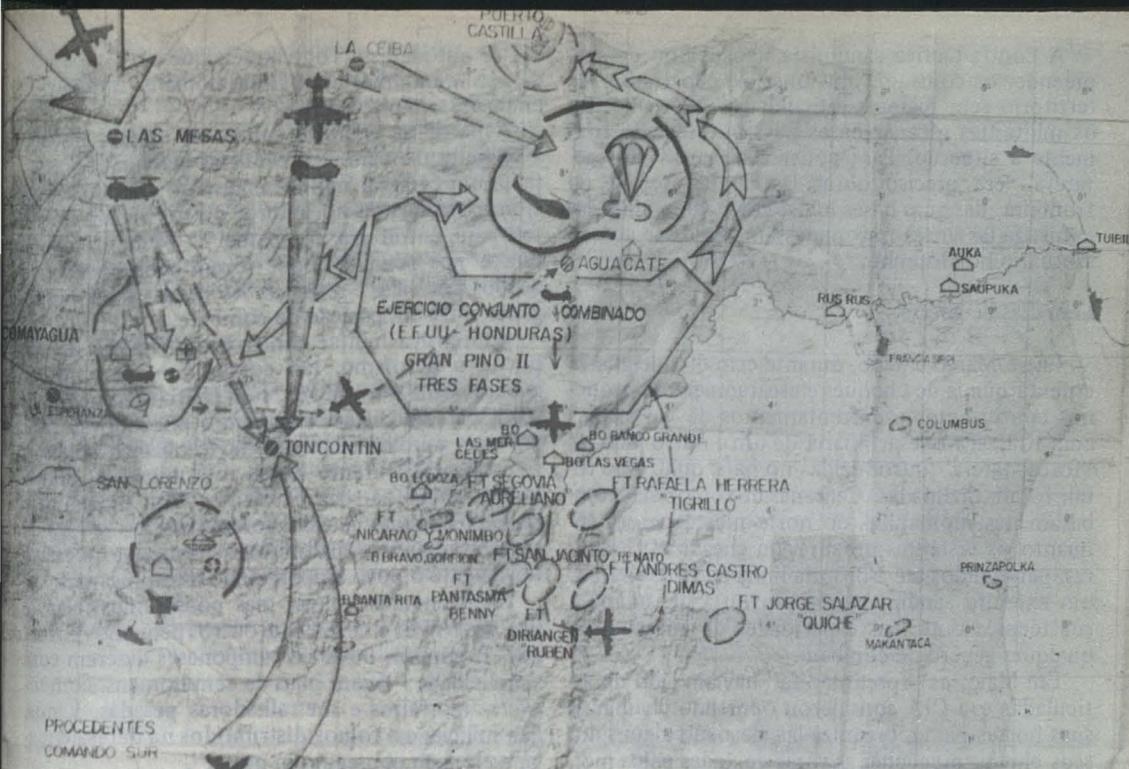
O optimismo, como se verificou mais tarde, era prematuro. Na realidade, o "Plano C" era a consequência da derrota militar dos somozistas que tentaram em vão, durante 1982, instalar-se na Nicarágua e criar bases estáveis para operar com maior eficácia. Basicamente, o plano previa uma mudança táctica dos somozistas. Em vez de operarem em pequenos grupos, empregariam agrupações militares maiores e com mais poder de fogo.

Em Dezembro de 1982, essas agrupações estavam formadas e treinadas, os seus chefes designados pela CIA e todas elas tinham a seu cargo regiões do norte nicaraguense que seriam infiltradas a partir das suas verdadeiras bases no território hondurenho. Seu nome: "Forças-Tarefa", uma simples tradução do conceito norte-americano *Task Force* que foi utilizado no Vietname.

Armas norte-americanas capturadas aos contra-revolucionários



"Barricada"



Mapa militar nicaraguense mostrando as principais bases militares das Honduras perto da fronteira

### Entram em ação

Em Novembro-Dezembro de 1982, o Exército Popular Sandinista percebeu que tinham havido variações no estilo da acção dos mercenários da chamada "Força Democrática Nicaraguense" (FDN), nome atrás do qual se escondem os ex-oficiais e soldados do exército do ditador Anastasio Somoza. Obedecendo à palavra-de-ordem de que a cada mudança é preciso responder com outra, os sandinistas apressaram-se em fazê-lo.

Vários povoados e postos fixos sandinistas foram atacados naqueles meses por contingentes somozistas que excediam às vezes uma centena de homens. A Nicarágua decidiu, então, eliminar os postos fixos da fronteira, uma espécie de primeira linha defensiva, e reagrupar as suas forças. Surgiram ao mesmo tempo os primeiros indícios da autodefesa dos campesinos nos povoados, que se transformariam, doze meses depois, num baluarte de combate revolucionário.

Os ataques foram uma experiência comandada pela CIA. Em Janeiro de 1983, apareceriam no norte nos departamentos de Jinotega, Matagalpa e Nueva Segovia, as primeiras "forças-tarefa", algumas das quais chegavam a contar com 700 homens.

Não se tratava só de uma mudança no uso tácti-

co maciço de soldados. O armamento também estava distribuído de outra maneira. Um pelotão de uma dessas forças, integrado por 20 homens, carregava uma metralhadora de calibre 30, uma bazuca Law (fabricada nos Estados Unidos e que nenhum exército centro-americano possui), um morteiro, uma bazuca portátil RPG, granadas, rádio, etc. Tratava-se, pois, de uns vinte efectivos com grande poder de destruição.

### Infiltram-se na Nicarágua

Com armamento pesado, armas longas do mesmo calibre, abundantes munições e uma força logística composta por mais de 500 homens estacionados na fronteira e o abastecimento aéreo a cargo de helicópteros e aviões do exército das Honduras, os chefes somozistas gabaram-se dizendo que "tudo era questão de meses".

Basicamente, o Plano C concentrava-se na conquista de um povoado importante ou pelo menos significativo, no domínio e controlo de uma parte do território a partir de onde os somozistas, uma vez criado um "governo", pediriam o "reconhecimento dos Estados Unidos e dos governos democráticos e amigos da região e do mundo", como anuncia a FDN.

A contra-táctica sandinista não deixou de surpreender os contra-revolucionários: penetraram no território sem maiores dificuldades. Na realidade, os militantes nicaraguenses haviam calculado friamente a situação. Para poder esmagar as "forças-tarefa" era preciso obrigá-las a afastarem-se da fronteira, das suas bases logísticas e então atacá-las e fustigá-las antes que pudessem regressar ao seu santuário hondurenho.

### Cem dias de guerra

Entre Março e Maio, durante cem dias de guerra cruenta que ia de choques e escaramuças de pequenos contingentes a confrontamentos de vários dias com utilização de artilharia de um e outro lado, as "forças-tarefa" introduzidas no país, quatro no total, foram dizimadas. Centenas de somozistas tombaram nas montanhas do norte nicaraguense, enquanto os restantes procuravam chegar às Honduras, perseguidos até à própria linha da fronteira por um exército sandinista que provou a sua moral, a sua técnica e as suas capacidades de adaptação a qualquer género de combate.

Em Maio, as "forças-tarefa" haviam sido desarticuladas e a CIA considerou oportuno chamar as suas hostes para reorganizá-las, destituir alguns dos seus chefes, preencher as vagas deixadas pelos mortos e insistir no plano.

Na realidade, a derrota durante aqueles cem dias de combates ininterruptos ia mais além do tático. Do ponto de vista estratégico, os somozistas não atingiram nenhum dos seus objectivos. Não conseguiram ocupar em nenhum momento a parte de território de que tanto necessitavam. Uma vez iniciada a ofensiva, os sandinistas não lhes deram tréguas, obrigando-os a viver, segundo depoimento de prisioneiros, internados nas montanhas inóspitas, distante dos lugares povoados e colocados militarmente na defensiva.

Além de umas quantas cooperativas que eles destruíram com fogo de morteiros, também não conseguiram ocupar nenhum povoado, nem sequer uma vila, que era seu outro objectivo. Enquanto anunciam a partir das Honduras que haviam ocupado um ou outro povoado, o Exército Popular Sandinista conduzia ao suposto lugar jornalistas estrangeiros, muitos norte-americanos, que se encarregavam de desmentir as versões.

### O povo na autodefesa

Os ataques contra-revolucionários obrigaram a população da região norte da Nicarágua, a aprender a viver entre as tempestades da guerra. A invasão das "forças-tarefa", entre Janeiro e Maio fez com que se aprofundasse a experiência, e as milícias camponesas transformaram-se em destacamen-

tos de autodefesa. Todo aquele que tiver capacidade para empuhar uma arma, homens, mulheres e crianças, tem o seu posto.

A partir de então, o cultivo de cereais básicos, a colheita do café, entre outras actividades, assumem um carácter militar: enquanto uns trabalham com a espingarda no ombro, outros vigiam, prontos para entrar em combate... O esquema reproduz-se nos povoados, que foram subitamente rodeados por valas e refúgios. Ao menor sinal, toda a gente entra em posição de combate.

A ofensiva militar contra-revolucionária multipliou o heroísmo, tão comum no povo nicaraguense. Uma e outra vez, com todo o seu poder de fogo, os somozistas ocuparam o povoado de Jalapa, com aproximadamente nove mil habitantes, e fracassaram. Durante horas intermináveis, procuraram atingir os seus habitantes com morteiros e *rockets*. Dezenas de casas foram varridas da face da terra. E quando a sua infantaria avançava, lá estava novamente o povo empunhando as espingardas.

Mencionamos Jalapa, mas poderíamos falar de El Cuá, Wiwilí e dezenas de outros pequenos povoados. É comum ouvir os camponeses dizerem com simplicidade: "Eram mais de cem homens, com *rockets*, morteiros e metralhadoras pesadas. E nós, dez milicianos, fomos distribuídos na defesa circular e eles não conseguiram passar".

### Novas tentativas

Em Julho de 1983 foi elaborado um novo plano da CIA, o "Plano Colheita", com os mesmos propósitos do anterior. Desta vez enviaram os melhores contingentes dos somozistas. Tropas experientes do Exército Sandinista, jovens chefes militares treinados na guerra de libertação, bateram-se contra eles e novamente os derrotaram.

Face à derrota, as "forças-tarefa" organizaram-se em pequenos bando, particularmente dedicados a emboscar e destruir veículos em caminhos e estradas, assaltar cooperativas e, sobretudo, assassinar civis. Mas também não atingiram os seus objectivos e foram repelidos. A CIA assumiu então o controlo directo dos planos terroristas.

Enquanto se preparava um novo ataque mercenário, sucederam-se o bombardeamento do Aeroporto Internacional de Manágua, as tentativas de assassinar os padres Miguel D'Escoto e Ernesto Cardenal, ministros dos Negócios Estrangeiros e da Cultura, respectivamente, a explosão de depósitos de combustível no porto de Corinto, entre outras ações. O povo e o exército comportaram-se à altura das circunstâncias. Foram derrubados pelo menos quatro aviões inimigos.

Enquanto isso, preparava-se o novo plano que foi posto em acção em Novembro de 1983: trata-se de uma invasão de maior envergadura, com o

objectivo de ocupar a cidade de Jinotega, capital do departamento do mesmo nome, no norte do país. "Passaremos o Natal em Jinotega", diziam os chefes contra-revolucionários aos seus homens. Mas mais uma vez o prognóstico não foi cumprido. Nem sequer puderam aproximar-se da cidade, e foram desarticulados mais rapidamente que em ocasiões anteriores. Algumas forças mal permaneceram durante uma semana em território nicaraguense e optaram por passar o Natal nas... Honduras.

#### Desmoralização

Entrevistas realizadas com prisioneiros, entre eles alguns chefes militares, deixam claro a existência de um alto grau de desmoralização nas fileiras dos homens da CIA. Segundo afirmam, essa desmoralização vem, entre outras coisas, do eterno problema do dinheiro que os chefes açambarcam em detrimento do próprio equipamento e abastecimento dos seus mercenários. Mas existem também outras razões.

Falando militarmente, apesar do seu poder de fogo e do apoio de uma técnica militar sofisticada,

a FDN não pôde evitar as três derrotas sucessivas de 1983. Mas há mais. A 4 de Dezembro do ano passado, o governo sandinista publicou um decreto pelo qual se oferece àqueles que não tenham cometido crimes e desejem viver em paz, que entreguem as armas em troca da garantia de que serão reintegrados nas suas famílias.

Os resultados são evidentes: pelo menos mil homens, que viriam a ser o equivalente a duas "forças-tarefa", renderam-se entregando as armas em menos de dois meses. Muitos dentre eles tinham sido libertados e estão de volta às suas terras, se meando, trabalhando, beneficiando da amnistia do poder revolucionário.

A combinação de uma tática militar adequada e uma política de generosidade que dá possibilidade "de que os que se equivocaram tenham uma oportunidade", foi demolidora. Torna-se evidente que os Estados Unidos irão procurar outros recursos no seu poderoso arsenal conspirativo. Mas o povo nicaraguense, depois de 365 dias de guerra em 1983, está em condições para extrair da sua força moral e da sua inestimável experiência combativa, a resposta à opção de Reagan.

#### Nicarágua

## O dilema entre desenvolvimento e justiça social

O comandante da Revolução, Bayardo Arce, explica o novo pacto social com a burguesia



**B**ayardo Arce é um dos nove Comandantes da Revolução e, como tal, membro da Direcção Nacional da Frente Sandinista. Ex-jornalista, de discurso estruturado e expressão fluida, Arce tem sob sua responsabilidade a Comissão Política da Frente, um organismo cujas elaborações não serão ignoradas durante o processo eleitoral em curso. Nesta entrevista, Arce reflecte sobre o modelo nicaraguense, o



Bayardo Arce, o responsável pelo sector político da Frente

novo pacto social com a burguesia, sua repercussão no plano político e a interferência norte-americana.

Ouvimos mencionar uma frase sua que desejáramos que nos explicasse em pormenor: "Se há um conflito entre a classe trabalhadora e o Estado,

*a Frente Sandinista deve ficar do lado da classe trabalhadora".*

— Teoricamente o Estado é uma expressão política e de classe dos trabalhadores. Porém, em termos operativos pode acontecer que haja ações concretas do Estado que não interpretem o sentimento da classe trabalhadora. E aí, a Frente Sandinista, antes de colocar-se ao lado de um ou de outro, deve propiciar o diálogo, a busca conjunta da resposta correcta. Na Nicarágua não se concebe nenhuma tarefa que o Estado leve adiante num sentido revolucionário sem a participação das massas. As grandes conquistas palpáveis da revolução são o resultado da participação organizada das massas. A alfabetização não teria sido possível sem a mobilização dos 90 mil professores voluntários. A erradicação da poliomielite, do paludismo, a medicina preventiva não são possíveis sem 90 mil voluntários de saúde vindos directamente das massas. A educação de adultos que abrange 150 mil alfabetizados não é possível sem 18 mil professores voluntários. A própria colheita do café e do algodão, que podem apreciar neste momento, não é possível sem o trabalho de aproximadamente 30 mil cortadores voluntários que vêm das cidades, pois nem sequer são camponeses. A participação das massas na ação estatal demonstrou ser indispensável e já adquire uma expressão orgânica.

**"É importante entender que a burguesia da Nicarágua não chega a 700 empresários"**

No Conselho da Reforma Agrária há representação dos camponeses, dos trabalhadores agrícolas. A Reforma Agrária é o eixo fundamental de transformação da realidade económico-social do país. Nos ministérios de Planeamento, da Indústria, há representantes dos sindicatos. No ministério do Trabalho também. Não há um ministério que não tenha um conselho consultivo com representação dos trabalhadores. O ministério da Educação Pública tem representação dos professores, da classe operária, para definir os planos de estudo. É muito difícil que possa ocorrer uma ação fundamental do Estado que entre em choque com os interesses das massas. Onde podem surgir problemas? Na operacionalização de algumas coisas. Têm surgido problemas em relação aos interesses imediatos dos trabalhadores. Muitas vezes, por exemplo, atrasam-se os pagamentos dos professores por desordens administrativas. Os professores não podem sobreviver se não são pagos mensalmente e, algumas vezes, como consequência do não funcionamento

dos mecanismos de diálogo, saíram à rua. Então, nesse momento, a Frente Sandinista acompanha os professores. Não pode colocar-se ao lado do ministério que tem um problema administrativo. Os professores não estão a questionar a filosofia da educação, nem a essência da gestão revolucionária do ministério.

O mesmo sucede com o problema do abastecimento. Às vezes o povo protesta pois, embora exista um nível de produção que permitiria satisfazer as necessidades mínimas, nem sempre os produtos são distribuídos, talvez por obstáculos administrativos, por burocracia, até por falhas pessoais de funcionários. Nem todo o funcionário do Estado é um tipo impecável. Nós temos depurado a nossa estrutura revolucionária. O nosso Estado mudou de cúpula, mas a maioria dos funcionários vem do regime anterior. Há pois um processo de reeducação. Não se trata de expulsar dos ministérios os empregados do velho regime, porque trabalhavam aí por necessidade. Alguns terão que ser afastados, mas outros conseguem adaptar-se à nova situação. Por esta razão nós afirmamos que se os mecanismos de diálogo estabelecidos não funcionam e se o povo tem que protestar sobre algum aspecto concreto, o papel da Frente é estar nesses momentos ao lado do povo.

#### O novo pacto social

*Quais são as vantagens e as desvantagens do modelo nicaraguense que permite a livre expressão das contradições de classe, deixa que a burguesia conserve um sector importante da economia, os seus órgãos de difusão, as suas instituições educativas, com relação a outros modelos revolucionários onde desde o começo foram expropriadas as posses da burguesia, suprimidas as suas formas de expressão e de reprodução das relações de produção anteriores?*

— A vantagem é que respondemos à nossa realidade concreta. É importante entender o que é a burguesia da Nicarágua, que não vai além de 700 empresários que têm um determinado capital. Desses empresários, um importante sector não esteve vinculado politicamente à ditadura. É claro que operou e obteve lucros durante a ditadura. Mas o ódio do povo pela ditadura não se converteu em ódio do povo pela burguesia, porque inclusive alguns desses sectores burgueses ou se mantiveram afastados da política (o que na nossa opinião também era uma forma de manter a ditadura) ou adoptaram atitudes de oposição formal ao regime de Somoza.

Por outro lado, o grosso da produção privada, do que podemos chamar a burguesia, provém de um sector pequeno e médio de proprietários que constituem uma ampla camada do país. No caso

do algodão e do café, o grosso da produção não advém dos grandes proprietários e sim dos médios e pequenos.

Em El Salvador, por exemplo, a riqueza está concentrada em 14 famílias. (Uma vez o ditador Fidel Sánchez disse que já não eram 14, mas 18.) A situação que se apresentava na Nicarágua era completamente diferente: os grandes capitais estavam divididos entre duas famílias, os Somoza e a família Pellas (que ainda subsiste, embora elementos estratégicos para a transformação revolucionária, como o principal banco do país e algumas empresas comerciais da sua propriedade, já tenham sido expropriados). Os Pellas ainda são os principais produtores de açúcar do país (mais de 50% do total), produzem todo o rum de exportação e praticamente todo o rum de consumo nacional. Mas existe um novo pacto social que se expressa nos níveis salariais que agora têm que ser pagos aos trabalhadores e nas contribuições fiscais. A contribuição ao fisco que agora fazem é totalmente distinta da época de Somoza.

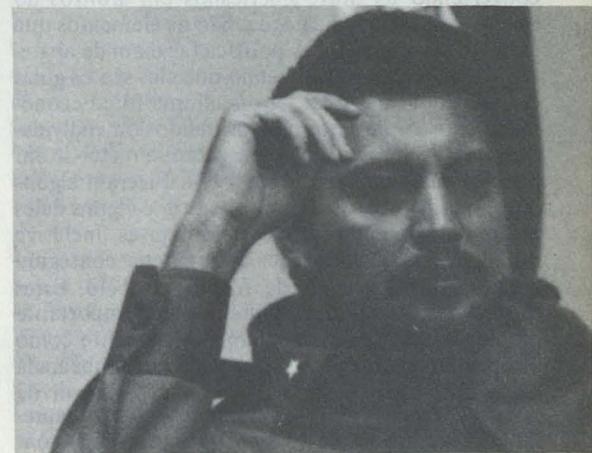
Há novas regras do jogo. Essa é a vantagem de não se ter pretendido implantar mecanicamente outro esquema revolucionário. O erro de algumas revoluções é querer trabalhar com esquemas, com manuais. Não há manual que tenha respostas para os problemas de um país. Eles só fornecem ideias para serem interpretadas. A nossa vantagem é ter sabido entender qual era o nosso fenómeno. Como Sandino, atribuímos às cooperativas campesinas valor estratégico para a solução dos nossos problemas socio-económicos. Porém seria um erro cooperativizar os campesinos pela força. Eles têm de entender por conta própria as vantagens de estar numa cooperativa. O camponês não cooperativizado tem visto que os seus vizinhos — agrupados de 50 a 60 — têm tractores, camionetas e camiões. Ele não tem nada disso. Os seus vizinhos podem alugar um avião para fumigar e ele ainda tem de andar a fumigar manualmente.

É lógico que esta nossa opção também tem desvantagens. Num país como o nosso, que ainda não produz o que consome, não só quanto a alimentos, mas ao consumo social em geral, o facto de que existam tão marcadamente as diferenças de classe pode tornar difícil para os sectores explorados e marginalizados entender e aceitar que há pessoas que têm condições de vida muito superiores às suas. Porém, está aí o papel e o peso político da Frente Sandinista.

Eu acredito que aqui não haveria nenhuma outra força política capaz (já que abrimos o processo eleitoral) de conter esse povo, com essas diferenças sociais. Sobretudo agora, quando passaram pelas escolas e campos de treino de milicianos mais de duzentos mil nicaraguenses que sabem manejear armas; quando foram distribuídas armas aos

operários e campesinos; quando este povo está em combate há dois anos graças à inspiração de Ronald Reagan e não aprendeu na teoria o uso das armas, mas foi lutar com elas concretamente. Quando muitas famílias viram regressar seu filho, seu pai, morto ou inválido.

Que nos faz, então, merecedores da confiança do povo? A nossa trajectória revolucionária. Sandino dizia que "o homem que não pede ao seu povo nem um palmo de terra para a sua sepultura merece não só ser ouvido como também ser acreditado". O povo sabe de onde nós viemos, que passámos anos na clandestinidade, na montanha, afastados das nossas famílias, das nossas profissões, do nosso bem-estar, arriscando as nossas vidas, vendo morrer os nossos melhores irmãos. Não estávamos a lutar para nos enriquecer. Então, o povo sabe que lhe fala um homem consequente, um homem que deu o exemplo. Porém, se desaparecesse essa



Arce: "Aqui há duas burguesias, uma patriota e outra entreguista"

contenção da Frente Sandinista, quem deteria o povo?

Nos primeiros meses de triunfo, o povo apoderou-se de tudo. A propriedade privada que existe actualmente foi assegurada pela Frente Sandinista que convenceu os trabalhadores de que era necessário devolver as empresas. Tivemos que ir de empresa em empresa para dizer-lhes: "Não, este homem não foi somozista, é preciso devolver-lhe a sua propriedade". Eles só podiam confiar na Frente. Nenhum dirigente burguês ou pequeno-burguês, que na sua vida nunca soube o que é caminhar um quarteirão para conseguir comida, conseguia convencer o povo destas coisas.

As duas burguesias

*No plano económico, nós vemos com clareza a*

*realização prática na Nicarágua de um modelo que teoricamente se planeou em muitos lugares, mas que nunca foi realidade: a frente nacional hegemonizada pela classe trabalhadora. No plano económico é muito evidente esta definição da burguesia cerceada e obrigada pela mobilização popular e a organização político-militar a um novo pacto social. Mas como funciona isso no plano político? No processo eleitoral que começa, a burguesia aceitará o papel de participação subordinada que aceita no plano económico, ou desejará uma participação a um outro nível?*

— A Nicarágua tem uma série de particularidades. Em primeiro lugar, aqui existem duas burguesias. A uma delas nós chamamos burguesia patriótica, os empresários patrióticos, e aos outros, de empresários entreguistas. Empresários traidores, como Sandino identificava todos os que viviam fazendo a apologia da intervenção norte-americana e convertendo os norte-americanos em árbitros do que se passava na Nicarágua. São os elementos que estão mais vinculados à política (acabam de aparecer numa conferência dizendo que eles são os guias dos partidos) mas não têm nenhuma força económica. São empresários médios, falidos ou endividados, que na sua maioria começaram a meter-se em política mais ou menos em 1974. Fizeram alguns questionamentos tímidos à ditadura e alguns deles assumiram depois posturas mais abertas, inclusive militando no partido que a burguesia conseguiu então formar, o MDN de Alfonso Robelo. Estes elementos não exercem nenhum papel importante na gestão económica, actuam praticamente como um partido político, vivem metidos na embaixada norte-americana e são os que se encarregam de questionar a revolução em nome do sector empresarial. Digo em nome do sector porque, como controlam os organismos empresariais reconhecidos — neste caso o Conselho Superior da Empresa Privada — aparecem como os que representam o empresariado.

Aos empresários patrióticos, ao contrário, não interessa entregarem-se ao jogo político. Eles estão envolvidos com a produção. Compreenderam as regras do jogo e, através de convénios de produção directos com o Estado, mantiveram a produção, como por exemplo, os 50% da produção de açúcar, e o mesmo de arroz. Mais de 50% da produção de arroz é privada e os arrozeiros produzem e entregam toda a sua produção ao Estado.

Esses 50% são produzidos por dois empresários, Samuel Amador e Samuel Manzi. Podem ver o caso do algodão. Com todos os problemas dos preços, com as dificuldades que existem, passámos de 195 mil hectares no ano passado para 255 mil hectares este ano. Se a burguesia não estivesse com a revolução, neste caso, a produção não teria aumentado em 60 mil hectares num ano. No café passa-se a

mesma coisa. Este sector não participa nestas organizações gremiais. Para eles, a Frente Sandinista, de alguma maneira, também é a sua representação política. Sabem que nós estamos a interpretar uma realidade actual e que na discussão com eles colocamos claramente a nossa posição: este Estado não vai defendê-los incondicionalmente.

— A toda revolução, quando surge, coloca-se uma alternativa. A que dar a prioridade? Ao desenvolvimento ou à justiça social? Não é realmente uma alternativa cabal. Não se pode dar prioridade ao desenvolvimento em detrimento da justiça social nem vice-versa, mas é preciso que se dê mais peso a uma coisa, sem descuidar da outra. Devido à nossa situação — pois nem sequer temos assegurada a auto-suficiência alimentar — temos que dar prioridade ao desenvolvimento. E a esta dinâmica de desenvolvimento é preciso incorporar a experiência e a capacidade de gestão que, devido às injustiças do passado, se acumularam numa classe.

A classe trabalhadora, embora seja a classe de vanguarda, a classe politicamente dirigente, ainda não está preparada, nem ela nem os seus filhos, para administrar este desenvolvimento, porque historicamente lhe foi negada a cultura. A herança foram 62% de analfabetos. As universidades aceitavam 70 estudantes de medicina por ano e, no decorrer do curso, muitos iam sendo eliminados para que não houvesse muita concorrência profissional. Quando a revolução triunfou havia a escola de arquitectura. Já funcionava há 9 anos e ainda nenhum arquitecto tinha sido formado. Todos os arquitectos que tínhamos haviam tirado o curso fora e não era possível fazer-lhes concorrência. O povo vai estar capacitado na medida em que um dos eixos prioritários do nosso trabalho esteja na educação. Declarámos toda a educação gratuita, desde a primária até à universidade. Aqui não se paga para estudar. Pelo contrário, pagamos a muitos para que estudem, pelo sistema de bolsas. Neste momento temos cerca de 40 mil estudantes no ensino superior, além das carreiras técnicas. Ingressam, por ano, mais de 600 estudantes de medicina. O total de médicos formados este ano, de 1984, será de aproximadamente 380. Porém, a capacidade paga-se em qualquer parte e esse é o pacto social. Não se pode estabelecer para os donos dos engenhos, que souberam administrar as suas fábricas, um salário igual ao de um trabalhador do engenho.

*Se a burguesia produtora não actua politicamente, o que representam os partidos políticos da direita, não integrados na Frente Patriótica?*

— É preciso entender, de maneira geral, a formação dos partidos na Nicarágua. Teoricamente os partidos são a expressão dos interesses de classe, mas no nosso país isso não ocorreu. Os partidos, em termos gerais, correspondem a interesses de

classe, mas nas suas realidades orgânicas são produto de ambições pessoais. A ditadura foi especialista em dividir. Sempre havia alguém que fazia o seu jogo nas eleições para dar uma fachada de democracia. E assim foi-se dando uma atomização de partidos.

Quando a revolução triunfou havia três partidos conservadores que se fundiram num só. Havia dois partidos social-cristãos, havia três partidos liberais. E a burguesia não tinha partido. O partido da burguesia era, em termos objectivos, a ditadura, porque podia actuar sob a sua protecção. Sabia que na hora de uma greve chegavam os guardas para espancar os trabalhadores. E o que fazia era financiar esse partido que garantia os seus interesses, mas também financiava outros, para ter voz sobre eles. Os burgueses aqui não se metiam em política. Só depois de verificarem o avanço da Frente Sandinista e do processo revolucionário, quando se deram conta de que éramos uma alternativa de poder (estou a falar de 1977, 1978), é que se apressaram em formar o seu partido. Porque nenhum dos partidos existentes representava os seus interesses de classe e a ditadura, que melhor os representava, estava a sucumbir. Então nasceu o MDN, mas com um problema para eles: nós infiltrámos o MDN. A Frente Sandinista, que tinha dentro dos seus quadros, sectores médios, profissionais, técnicos, executivos da burguesia e que necessitava dar-lhes certa cobertura no seu trabalho, colocou-os no partido da burguesia, que era o menos atingido pela ditadura. Inclusive ocupou, praticamente, todos os cargos dirigentes. Quando a revolução triunfa, o MDN sente-se uma força poderosa, mas como nós passámos em seguida a reorganizar as nossas fileiras como partido, tirámos toda essa gente e o MDN torna-se um esqueleto, porque os activistas, a gente que se movia, era militante da Frente.

Os partidos, hoje, não representam interesses de classe nesse sentido. A burguesia não se sente representada e é por isso que marca presença directa através do COSEP, na coligação política. Porque sabe que nem os conservadores, nem os socialistas, vão representar os seus interesses.

*Quando a Coordenadora Democrática afirma que se não houver determinadas condições que enumera, não participará nas eleições, a quem está a representar socialmente?*

— Estão a representar os Estados Unidos. Aqui, internamente, representam muito pouco. Porque aqui, pela primeira vez, os médicos estão a ir para o campo para exercer a medicina e os engenheiros, inclusive, sentem-se orgulhosos por estarem a arriscar a sua vida, embrenhados na montanha. Antes eram engenheiros de gabinete. Eram os inimigos dos trabalhadores, representantes do dono da empresa. Agora, não. É um companheiro de trabalho

mais. E não falo das novas gerações, dos que se formaram após a vitória. Estou a falar, inclusive, de velhos engenheiros, que descobriram finalmente como realizar-se. Inclusive temos como funcionários do governo uma série de companheiros da Frente que eram sócios dessas empresas e que se retiraram e entregaram o seu capital à Frente.

*“Não participar nas eleições é liquidar-se como partido político”*

*Que significado teria se esses partidos — o Social-cristão, o Social-democrata, o Conservador Democrata — decidissem não participar no processo eleitoral e nas eleições?*

— Nós acreditamos que essa é uma possibilidade que não deve deixar de ser considerada dentro da estratégia norte-americana. Se analisarmos a agenda de discussão dos Estados Unidos com a Nicarágua e os elementos centrais que nós colocamos sobre a mesa, constata-se que os Estados Unidos não estão em condições de discutir. Não estão em condições de chegar a um acordo sobre esses pontos, porque o problema da América Central não é a Nicarágua e eles sabem isso perfeitamente. E por isso é que nós lhes dizemos que eliminamos todas as bases, se eles dizem que têm medo que instalemos bases soviéticas. Se o problema são os assessores, eles serão todos retirados amanhã. O problema são as armas? Elas serão limitadas imediatamente. Dizem que têm receio do nosso armamentismo: podemos discutir, inclusive, reduções, equilíbrio. O único que resta é o elemento interno. Nós sabíamos, e demonstrámos isso em toda a acção político-diplomática da ofensiva final contra Somoza, que não era — como diz o nosso povo — “comida de trompudo” (expressão populosa para dizer que não é fácil) fazer a revolução no quintal dos Estados Unidos.

Definimos um projecto de institucionalização para legitimar a vontade popular. E estamos a cumprir. Então, o que resta fazer aos Estados Unidos? Tratar de deslegitimar o que nós fizemos. Um dos caminhos pode ser o abstencionismo. E nesta conjuntura se entenderá melhor a nossa divisão da burguesia entre patriotas e traidores. Pode acontecer que haja dentro desses partidos mais de um entrevista que se preste a esse jogo. Mas é possível também que elementos patrióticos, mesmo apesar das suas divergências com a revolução, não aceitem esse jogo. Nós acreditamos que este é o elemento que vai prevalecer. Porque, por outro lado, não participar é liquidar-se como partido. E não se nos

poderá responsabilizar de não havermos dado um espaço para a existência dos partidos. No fim de contas, todos eles têm direitos. Imaginem se nós utilizássemos agora os mecanismos da ditadura. Em cada ano que havia eleições exigia-se que o partido se inscrevesse e, para isso tinha que apresentar 30 mil assinaturas. Nenhum partido tinha possibilidade de alcançar esse número e só os somozistas e os conservadores, que eram as duas forças paralelas, cumpriam esse requisito. Se alguém pedisse agora 30 mil assinaturas a algum desses partidos, duvido que as conseguissem recolher.

*Qual é agora a exigência mínima para constituir um partido?*

— Nenhuma. São partidos porque são. Porém depois das eleições, não. Será estabelecido um mecanismo pelo qual terá que haver um número mínimo de votos. Talvez estejam então em condições de cumprir esse requisito. Nas revoluções que se deram em outras épocas existia a esperança para a burguesia de abandonar o país, porque havia economias um pouco mais estáveis. Mas para onde irão nesse exato momento, com todas as economias endividadas, as empresas em falência, as burguesias decadentes em todos os lados? Muitos foram para os Estados Unidos (alguns regressaram) e ganham a vida lavando carros. Eu conheço um em-

presário de autocarros que foi para a Costa Rica e está a vender coalhada e não volta por vergonha. Nós dissemos à burguesia desde o começo, que a crise que tentaram provocar na primeira Junta de Governo (quando se deram as duas renúncias de Robelo e Violeta Chamorro) estava a ser utilizada pelos Estados Unidos.

— A nós não iam assustar com uma guerra. Não ví-nhamos de uma guerra? Apesar de a termos feito com prazos, sempre nos dispussemos a lutar o tempo que fosse necessário. Então, graças a Reagan, as nossas panças não cresceram, como dizem, porque imediatamente nos impôs outra guerra.

*Há algum tipo de condição especial que leve o governo da Nicarágua a admitir a possibilidade da não realização das eleições?*

— Existe. Se a guerra se agravar, aqui não haverá eleições. Estamos a fazer muito esforço para levar adiante o processo eleitoral nas condições actuais. Aqui há ataques, sequestros, sabotagens, mortos do nosso lado e ainda assim nos decidimos fazer as eleições. Porém, se o quadro se complicar por uma escalada da agressão imperialista, as eleições não poderão realizar-se. Não vamos gastar dinheiro, esforços, a atenção das pessoas, numa coisa que seria absolutamente secundária, já que o principal é subsistir como revolução.

Nicarágua

## O pluralismo económico

As conquistas de um modelo inédito entre todas as revoluções latino-americanas



manifestação apaixonada

48 - terceiro mundo

**N**o dia 23 de Janeiro, uma segunda-feira, o jornal *Barricada* saiu às ruas com uma manchete que deixou espantados os leitores estrangeiros, e até mesmo alguns "nicas": *Nicarágua com a taxa de crescimento mais elevada da América Latina*. A primeira reacção foi de que se tratava de uma de patriotismo. Mas se

levarmos em conta que o país está em guerra, a afirmação ganha ares de uma enorme surpresa, ainda mais quando os dados são relativos a 1983, um ano em que quase todos os restantes países do continente, incluindo gigantes económicos como México, Brasil e Venezuela, registaram uma queda da actividade económica da ordem de 3,3 pontos negativos.

No dia seguinte o jornal opositor *La Prensa* voltou ao assunto com uma manchete agressiva na primeira página: *O Barricada mente e distorce a realidade económica*. A partir daí os leitores nicaraguenses, que a exemplo do resto do mundo não têm muita intimidade com estatísticas e gráficos, envolveram-se numa apaixonada polémica sobre o comportamento da economia do país no ano passado. E o *La Prensa* saiu-se mal. O feitiço voltou-se contra o feiticeiro, depois que a CEPAL confirmou oficialmente que a economia nicaraguense registou um crescimento superior a 4%, formando com Argentina, Cuba, Panamá e Colômbia, o grupo dos cinco únicos países latino-americanos que tiveram

no. 64 — Março — 1984



O algodão é, junto com o café e o açúcar, responsável por 80% das receitas externas da Nicarágua

índices positivos do Produto Interno Bruto (PIB) em 1983. Para o Ministério do Planeamento da Nicarágua, o índice foi de 5%.

“A agressividade do *La Prensa* foi mais uma contribuição do jornal somozista para a consolidação do governo revolucionário” garantiu com um ar irónico, o padre jesuíta panamiano Xabier Gorostiaga, director do Instituto de Investigações Económicas e Sociais (INIES), um organismo privado que edita a publicação mensal *Pensamiento Propio*. Gorostiaga acha que se não fosse a polémica, muitos nicaraguenses não teriam tomado consciência da importância dos resultados alcançados pelo país no ano passado. “As pessoas não entendem bem o que representam certos números cabalísticos como o PIB e outros indicadores. Até mesmo nós, técnicos, ficámos surpreendidos com o que o *Barricada* publicou. Mas trata-se da mais pura verdade, por mais espantoso que pareça”, diz ele.

“Nós aqui do INIES — explica o padre Gorostiaga — vínhamos a trabalhar com um índice de 2%, enquanto o Ministério do Planeamento calculava em 3% a taxa positiva do PIB nicaraguense. Ai veio a CEPAL e começou a perguntar sobre vários multiplicadores, como o da construção civil, dos investimentos, etc., etc. Foram eles que levantaram a lebre, obrigando-nos a reavaliar todos os nossos índices, porque nos cálculos feitos no exterior, a nossa economia deveria ter-se expandido em taxas superiores às que nós havíamos calculado. E quando

verificámos que o país investiu nos anos de 81 e 82 em despesas infra-estruturais quantias que alcançaram os 20% do nosso produto interno, é que descobrimos a razão do excepcional comportamento da economia, mesmo numa fase de guerra e mobilização geral para a defesa”.

Na verdade, os índices apurados pelos economistas nicaraguenses revelaram uma reorientação profunda na economia nacional, que antes do derrube do somozismo estava inteiramente voltada para o exterior e para o consumo sumptuário de uma pequena élite oligárquica, a família e os sócios do ex-ditador. Quando a Frente Sandinista assumiu o poder em Julho de 1979, houve uma mudança qualitativa profunda nos rumos económicos. A taxa de investimento que havia caído a zero, foi rapidamente elevada para índices recordes na América Latina, com aplicação maciça em investimentos na agricultura e na energia. A reorientação económica provocou um aumento de 30 a 40% na procura de produtos básicos entre 1980 e 1984. No mesmo período a pecuária reagiu rapidamente e hoje o país já tem um rebanho calculado em dois milhões e meio de cabeças. A área agrícola cultivada aumentou em 49%, a safra de café cresceu 76%, enquanto o açúcar registou uma elevação de 16%, o algodão 96%, o arroz 121%, o milho, 185% e o sector avícola 474%. Estes são alguns resultados já visíveis, porque outros investimentos ainda não chegaram à maturidade como as duas fábricas geo-



Os países europeus ajudaram na recuperação da pecuária

térmicas recentemente concluídas e as duas hidroeléctricas que devem entrar em funcionamento a partir de 1985. Também não começaram a produzir frutos os enormes investimentos feitos em bens de capital e as obras de irrigação que hoje já beneficiam 14 mil hectares de terra para café, na região de Carrazo.

### O milagre

O "milagre" económico nicaraguense tem proporções modestas comparadas com os números dos grandes países do continente. As exportações nicaraguenses atingiram os 500 milhões de dólares no ano passado, ou seja 1/12 do que o Brasil exportou. Um economista nicaraguense chegou a fazer uma piada dizendo que o seu país "ganha por ano, o que alguns funcionários de outros países recebem como comissão por um grande negócio". Mas os reflexos da mudança na vida dos quase três milhões de nicaraguenses (menos do que a população que mora nas favelas de uma cidade como o Rio de Janeiro) são considerados notáveis, principalmente para os que vivem no campo. Foram estes os principais beneficiários do aumento da produção agrí-

50 - terceiro mundo

cola, que ainda regista problemas sérios no sector de distribuição nas cidades.

As razões da rápida recuperação do país depois da guerra contra Somoza estão na estrutura deixada pelo ex-ditador que detinha sozinho o controlo de mais de 40% da economia e exercia sobre todos os seus concorrentes um controlo e uma dominação esmagadores. Quando Somoza fugiu, o governo sandinista expropriou todos os bens da família que dominou a vida política e económica do país durante 50 anos e ao mesmo tempo conseguiu um entendimento com os sectores privados que viviam à sombra do somozismo. Esta é talvez uma das características mais originais de uma revolução que os Estados Unidos consideram marxista-leninista, mas que convive tranquilamente com um sector privado que controla 54% das actividades industriais e agrícolas. Uma revolução que destina 53% dos créditos públicos à iniciativa particular e que tem como ministro das Finanças um influente empresário.

Outro factor que deu aos sandinistas "ar suficiente" para que a economia pudesse respirar logo a seguir a 1979 foi o manejo da dívida externa. Quando os jovens guerrilheiros abriram os cofres do Banco Central depois da queda de Somoza, não havia quase nenhum dinheiro e o ex-ditador deixara contas para pagar no valor de mais de 1.500 milhões de dólares (ver *entrevista com ministro do Planeamento Henry Ruiz*). Dos empréstimos contraídos por Somoza, um pouco menos da metade nunca havia entrado no país, pois o dinheiro fora depositado em bancos da Suíça, e toda a gente sabia disto. Tanto que quando o coordenador da Junta de Governo, Daniel Ortega foi à Assembleia das Nações Unidas e disse que apesar de considerar a dívida espúria, o seu país iria pagá-la se recebesse um período de carência de cinco anos, o pedido foi aprovado sem maiores problemas.

Logo depois entrou em acção outro factor decisivo para a recuperação. Nos quatro anos de governo da Frente Sandinista, o país recebeu doações e empréstimos em condições extremamente vantajosas num total de quase 700 milhões de dólares. Em 82, a Nicarágua não pôde pagar alguns débitos pendentes porque desde 1981, o Banco Mundial havia suspendido todas as operações financeiras com o país sob pressão dos Estados Unidos. A Junta de Governo propôs então uma negociação política, afirmando que a sua promessa de pagar tudo continuava de pé, mas para tanto era necessário que os organismos credores mantivessem também a promessa de garantir o fluxo de recursos. Apesar das pressões de Washington, outros países como o Canadá, México e Brasil continuarão a fornecer créditos à Nicarágua, que pode assim superar os apertos financeiros, mesmo numa situação de guerra. Até agora a Nicarágua não gastou um tostão em com-

no. 64 - Março - 1984

pra de armas, na sua maioria doadas por países socialistas. A única despesa prevista é a compra de lanchas, helicópteros e mísseis na França, num valor de 17 milhões de dólares.

"Na verdade, a política agressiva de Reagan é a principal responsável pela consolidação desta revolução. Devemos a ele o regresso a certos objectivos originais, que haviam ficado um pouco de lado, em virtude da acumulação de tarefas imediatas após o triunfo". A frase do padre Gorostiaga serve para de alguma forma definir os dilemas actuais da economia nicaraguense. Apesar dos êxitos colhidos nos quatro primeiros anos de revolução, o país continua a importar mais do que exporta. A inflação caiu de 35% para 25% ao ano, e os salários tiveram que ser congelados para permitir que as despesas com a defesa continuem sob controlo. O PIB ainda é inferior ao do período final de Somoza, a taxa de desemprego está avaliada em 17% e o salário-mínimo (cem dólares) é considerado baixo para as necessidades de uma família nicaraguense, que tem em média seis a sete pessoas.

Estes problemas somados à ameaça constante de uma invasão militar aumentaram o debate interno sobre a natureza do modelo de desenvolvimento, seu alcance e suas consequências. E neste debate, a mobilização está a ser feita no sentido de fortalecer a unidade política para que a partir deste ponto seja possível redefinir objectivos económicos. A Frente Sandinista está a mobilizar todos os seus quadros no sentido de regressar à austeridade dos tempos da luta contra Somoza, passado o período em que as conquistas da revolução geraram uma série de benefícios imediatos para a população. Mas a nível de técnicos, as discussões concentram-se na preocupação de planear o futuro do país. Até agora, o governo nicaraguense orientou a sua economia de acordo com planos de curta duração, com base nos treze pontos do Programa da Junta de Governo de Reconstrução Nacional, redigido em São José da Costa Rica, em Julho de 1979, nas vésperas da tomada de Manágua. Foram três planos parciais aplicados em 80, 81 e 83. Agora começa a ser discutido o primeiro projecto de longo prazo que segundo os especialistas do Ministério do Planeamento deve dar uma resposta aos problemas de uma economia que se foi tornando mais complexa na medida em que os revolucionários passaram a dispor de um conhecimento mais profundo da realidade nacional.

E nas discussões sobre o futuro do país, uma das grandes interrogações que surgem em quase todos os debates é sobre a situação da iniciativa privada, da economia mista e da reforma agrária.

#### A burguesia cercada

Actualmente convivem na Nicarágua três formas distintas de propriedade: a estatal, a cooperati-

va e a privada individual. No sector da agricultura, a iniciativa individual tem uma participação de 54%, vindo depois o sector da pequena propriedade e das cooperativas com 25% e a Área de Propriedade do Povo (nacionalizada) com 21%. A família Pellas por exemplo, controla 52% da produção de cana-de-açúcar dispondo de um dos maiores engenhos do país. No algodão, a maior parte da produção está nas mãos do empresário Oscar Herodocia, que divide o sector com os empreendimentos da família Montealegre. O Estado tem o controlo total da produção de tabaco, mas participa com apenas 16,5% na produção de café, um dos três principais produtos de exportação da Nicarágua. A maior participação privada na agricultura reflecte-se na distribuição dos créditos, já que segundo os dados de 1982, 68% dos financiamentos concedidos pelo governo para a agricultura foram destinados aos grandes fazendeiros.



A distribuição de alimentos e bens de consumo ainda é um problema sem solução definitiva

Na indústria, os interesses privados também são majoritários detendo 54% do total das propriedades, enquanto a área estatal participa com 31% e a pequena propriedade com 15%. No sector metalúrgico, os investimentos estatais controlam 99%, enquanto nos alimentos, papel, bebidas e combustíveis, a participação privada é maioritária, o mesmo ocorrendo com o vestuário e na borracha. No que se refere aos investimentos ocorre o contrário da agricultura. Na indústria 66% dos créditos vão para o sector estatal.

As relações entre o Estado e a iniciativa privada na Nicarágua constituem um tipo único e inédito na América Latina. Não existe competição nem

PRINCIPAIS INDICADORES DOS PROGRAMAS ECONÓMICOS DA NICARÁGUA

	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983*
<b>1. Produção (Milhões de C\$ de 1980 **)</b>	29.353	27.050	19.902	21.892	23.752	23.420	24.966
PIB (US\$ milhões de 1980)	2.691	2.481	1.826	2.023	2.204	2.173	2.316
População (mil)	2.510	2.572	2.635	2.700	2.766	2.834	2.902
PIB Per Cápita (US\$)	1.072	965	693	749	797	767	798
Crescimento do PIB (taxa %)	5.9	-7.8	-26.4	10.0	8.5	-1.4	6.6
Material	10.6	-4.1	-25.8	1.3	8.0	-1.1	9.3
Serviços	5.9	-12.0	-27.0	20.9	9.0	-1.7	3.8
Crescimento do Consumo (taxa %)	8.6	-4.1	-22.8	27.5	-2.4	-4.1	3.2
Público	8.0	20.9	7.1	34.9	21.2	18.7	3.5
Privado	8.7	-6.8	-27.0	25.9	-7.8	-10.8	2.4
Básico	n.d	1.1	24.4	26.6	5.1	-4.7	6.0
Não Básico	n.d	-14.1	-29.8	25.1	-22.7	-20.5	-4.6
Investimentos Fixos	32.6	-44.5	-65.0	139.8	72.1	-25.4	8.5
Público	51.6	-47.6	-59.7	292.7	53.8	-54.0	n.d
Privado	17.8	-41.4	-69.7	-95.5	594.4	-35.2	n.d
<b>2. Preços (taxa %)</b>	11.4	4.6	48.2	35.3	23.9	24.8	n.d
<b>3. Relações Externas (US\$ milhões)</b>							
Exportações (FOB)	636.2	646.0	615.9	450.4	499.8	414.6	504.5
Importações (FOB)	704.2	533.3	388.7	802.9	922.4	719.6	899.3
Balança Comercial	-68.0	92.7	227.2	-352.5	-422.6	-305.0	-394.8
Balança de Serviços	-125.2	-127.1	-138.6	-135.8	-154.9	-190.8	n.d
Movimento de Capital	125.4	-190.6	-155.2	210.9	578.4	345.3	n.d
Dívida Externa (US\$ milhões)	1300.0	1426.0	1453.0	1579.0	2163.0	2410.0	n.d
Serviços da dívida	44.0	47.0	n.d	60.0	171.0	196.0	n.d
Serviço : Exportação (%)	6.9	7.3	n.d	13.3	34.2	47.3	n.d
Importações de Petróleo : Exp. (%)	n.d	13.8	13.2	34.9	37.6	47.4	40.2
Taxa de câmbio (C\$ por US\$)	7.0	7.0	7.0	10.0	10.0	10.0	10.0
<b>4. Contas Fiscais (milhões de C\$)</b>							
Receitas Fiscais	1.839	1.750	1.986	4.518	5.623	7.246	n.d
Gastos correntes	1.462	1.889	2.575	4.789	6.724	9.090	n.d
Gastos de capital	1.004	1.028	300	1.694	1.596	1.709	n.d
Défice Fiscal	-627	-1.167	-979	-1.965	-2.697	-3.653	n.d
Défice : PIB (%)	4.2	8.1	6.7	9.0	10.4	12.4	n.d
<b>5. Metas Sociais</b>							
Empregos gerados (Nº)	60.000	0	0	112.300	56.500	-5.900	44.900
Produtivos	n.d	0	0	59.600	n.d	n.d	n.d
Não Produtivos	n.d	0	0	52.700	n.d	n.d	n.d
Taxa de desemprego (%)	13.0	n.d	28.0	17.5	13.5	19.8	17.9
Alunos matriculados (mil)	488	502	n.d	678	—	897	1.005
Salário-mínimo legal nom.	552	584	738	888	907	902	1.025
Nº de alfabetizados (mil)	0	0	0	406	106	101	—
Taxa de analfabetismo (%)	42.1	n.d	50.4	13.0	12.1	—	—
Professores (mil)	9	n.d	13	16	19	21	—

\* Dados estimativos oficiais

\*\* Córdoba - moeda nicaraguense

Fonte: Pensamento Proprio, número 6-7, Manágua

uma divisão rígida de áreas. A coexistência dos dois tipos de iniciativa económica é um princípio da revolução sandinista, que passou a ser conhecido como economia mista. O Estado não procura a nacionalização total dos meios de produção nem pretende a extinção das leis do mercado. O ministro da Reforma Agrária, Jaime Wheelock, num depoimento incluído no livro "O Grande Desafio" chegou a afirmar em tom de piada que "quando os economistas nicaraguenses pensaram em eliminar a lei do valor, depois do derrube do somozismo, o que começou a desaparecer foram os cereais básicos". O mesmo Wheelock, um dos ministros mais jovens do governo, tem menos de 35 anos, também é o autor de outra frase que acabou por se tornar famosa: "Nós não podemos de nenhuma maneira forçar a nacionalização da produção das "tortillas" (espécie de pãozinho e um tipo de alimentação muito popular na Nicarágua), pois isto seria um absurdo".

O facto é que a Frente Sandinista ao deter o poder político e contar com a mobilização popular, estabelece metas para os produtores privados, que têm a sua margem de lucro garantida, mas não podem ampliar o seu poder para outros sectores devido à estatização completa dos bancos, do sistema financeiro e do comércio externo. Toda a produção é comercializada pelo governo que administra o uso das divisas externas e paga aos produtores privados em moeda nacional. Também não é possível ao produtor privado na agricultura expandir-se horizontalmente, passando a usar terras de cooperativas ou propriedades estatais, as chamadas Unidades de Produção do Estado (UPE).

Assim, a iniciativa privada está cercada. Tem o seu papel e a sua sobrevivência assegurados, mas não pode escapar dos limites impostos pela hegemonia política da Junta. Os empresários que aceitaram estas normas estão satisfeitos com o sistema e segundo dados do INIES tem até mesmo ultrapassado as metas fixadas pelo governo.

Em termos de crescimento, enquanto a iniciativa privada manteve a mesma participação económica que em 1981, os empreendimentos estatais aumentaram dez vezes nos últimos três anos. Mas este crescimento não foi feito às custas da propriedade privada, mas sim através da utilização de recursos não explorados. No sector da mineração, por exemplo, o governo tem o controlo total e está a realizar grandes aplicações de dinheiro no sentido de tornar rentáveis as minas de ouro e de outros minerais existentes na costa atlântica.

#### Reforma Agrária

Um dos aspectos menos conhecidos da nova realidade económica da Nicarágua é a Reforma Agrária, cuja aplicação começou logo depois do derrube do regime de Somoza, quando foi divulgada



No mercado livre, os preços, por vezes, são 10 vezes mais altos

do o decreto nº 3 da Junta de Governo. Este decreto foi complementado mais tarde por outro, com o número 38, contemplando a expropriação de todas as propriedades do ex-ditador, que totalizavam quase um milhão de hectares, ou seja 20% das áreas agrícolas do país. Esta foi a primeira fase, seguida um ano depois com a transferência de terras incultivadas ou mal exploradas para os campesinos sem terra. Foi a etapa anti-latifundiária, através da qual, os grandes proprietários deixaram de controlar 50% das áreas férteis do país para ficarem apenas com 13%. A partir de 83, começou a terceira fase, com ênfase especial na formação de cooperativas.

"O importante em todo o processo da Reforma Agrária – diz o padre Gorostiaga, é que ela não foi feita no sentido expropriativo, e sim no produtivo. A nossa meta básica foi sempre manter e elevar a produção. Nós cometemos erros no começo, quando passámos a distribuir terras indiscriminadamente. Quando também distribuímos uma grande quantidade de recursos financeiros aos campesinos sem terra. E o que tivemos logo em seguida não foi um aumento das colheitas, mas sim do consumo de cerveja. Não se pode ser imediatista numa questão tão complicada e tão importante. Nisto é preciso lembrar que nós aprendemos muito com outras revoluções. Os erros já cometidos foram importantíssimos para nós, porque serviram de orientação para uma revolução que teve que buscar dezenas de soluções nunca tentadas antes".

# “O socialismo não virá por decreto”

O ministro Henry Ruiz explica como a Nicarágua quer crescer apesar da guerra



Henry Ruiz é mais conhecido entre os nicaraguenses como o Comandante Modesto. Este era o nome de guerra que ele usava durante os 10 anos em que viveu nas montanhas do norte da Nicarágua como guerrilheiro. De todos os Nove Comandantes, Modesto foi o que mais tempo ficou na guerrilha. Hoje, quase não sai do seu escritório no Ministério do Planeamento, e raramente aparece em público. As suas entrevistas à imprensa são ainda mais raras. Quando Ruiz nos recebeu para uma conversa de trinta minutos que acabou por durar uma hora e quarenta, alegou que precisava de todo o tempo disponível para estudar e discutir temas económicos. “Quando alguém é ministro do Planeamento, tem que evitar descuidos e erros, porque qualquer engano tem consequências muito graves e quem geralmente paga por estes erros é o povo”.

*Como avaliaria as várias fases pelas quais passou a economia nicaraguense desde o derrube de Somoza?*

— Desde o triunfo da revolução sandinista nós estamos a viver a etapa da reconstrução nacional, e dentro desta etapa, encontramo-nos na fase de reactivação da economia. O país estava descapitalizado, a indústria semi-destruída e não havia matérias-primas. Herdamos uma dívida de aproximadamente 1.700 milhões de dólares, havia um grande desemprego e era preciso fazer quase tudo de novo. Tivemos que fixar metas concretas que levasssem em conta o crescimento demográfico da

população para conseguir melhorias tanto na quantidade como na qualidade. O primeiro factor negativo que encontrámos foi a escassez de produtos essenciais. Quando começámos a resolvê-lo e quando a economia voltou a crescer, surgiu no país a filosofia da satisfação ou da auto-suficiência alimentar. Ao mesmo tempo, a reactivação enfrentou logo de início o problema da nossa balança comercial externa. Para satisfazer as nossas necessidades de importação, tivemos de elevar as metas de algodão, de cana, carne, banana e madeira. No algodão a nossa meta, por exemplo, foi voltar a cultivar 300 mil hectares. Não foi uma tarefa fácil, tivemos de atacar vários problemas ao mesmo tempo. Mas hoje podemos dizer que vencemos os principais obstáculos. Este é o melhor ano que já tivemos para o algodão. No café também alcançámos as metas fixadas no programa de reactivação, mas temos agora uma situação de uma quase desplanificação física, pois temos zonas de alta produtividade, competitivas com o mercado internacional, e outras com rendimento muito baixo. Em alguns lugares já alcançámos as metas físicas, mas elas não resultaram satisfatórias para nós, por isso seguimos com o esforço de reactivação.



Ruiz: “A Nicarágua tem a maior taxa de investimento da América Latina”

população para conseguir melhorias tanto na quantidade como na qualidade. O primeiro factor negativo que encontrámos foi a escassez de produtos essenciais. Quando começámos a resolvê-lo e quando a economia voltou a crescer, surgiu no país a filosofia da satisfação ou da auto-suficiência alimentar. Ao mesmo tempo, a reactivação enfrentou logo de início o problema da nossa balança comercial externa. Para satisfazer as nossas necessidades de importação, tivemos de elevar as metas de algodão, de cana, carne, banana e madeira. No algodão a nossa meta, por exemplo, foi voltar a cultivar 300 mil hectares. Não foi uma tarefa fácil, tivemos de atacar vários problemas ao mesmo tempo. Mas hoje podemos dizer que vencemos os principais obstáculos. Este é o melhor ano que já tivemos para o algodão. No café também alcançámos as metas fixadas no programa de reactivação, mas temos agora uma situação de uma quase desplanificação física, pois temos zonas de alta produtividade, competitivas com o mercado internacional, e outras com rendimento muito baixo. Em alguns lugares já alcançámos as metas físicas, mas elas não resultaram satisfatórias para nós, por isso seguimos com o esforço de reactivação.

Outro elemento interessante desta etapa é o relacionado com a reorganização do Estado, que pela primeira vez neste país é dono de meios de produção, é dono dos meios de capital. Nós recebemos, por exemplo, cerca de 70% das propriedades e empresas do ramo da construção civil. Esta parcela foi expropriada e revela o grau da concentração da propriedade neste país. Só agora é que conseguimos ter um controlo efectivo do sector, atingindo um crescimento qualitativo que nos permite afirmar que ele já está reactivado. Mas ainda não podemos garantir que a reactivação global da economia esteja concluída. Estes factos ganham importância se levarmos em conta que em 1970, a taxa de investimento neste país foi praticamente a zero, o que significava voltar as costas ao desenvolvimento. E nós, entre a necessidade de eliminar a pobreza, de fazer justiça, de dar pão e emprego, tivemos que acelerar a taxa de investimento. E atingimos este objectivo a tal ponto, que hoje é possível dizer que nestes três anos, já houve uma revolução na economia. Creio que este é um dos grandes avanços da economia nicaraguense. Quando nos perguntam sobre os nossos êxitos falamos sempre da alfabetização, das novas escolas e hospitais, da Reforma Agrária, e raras vezes falamos do desenvolvimento. E fazemos isto principalmente porque não tínhamos ainda consciência de que estávamos a atacar problemas centrais na nossa economia. Vendo a situação dos restantes países do continente, percebemos agora que alcançámos resultados realmente impressionantes. Nós não estamos a crescer para o consumo imediato. Estamos crescendo para o futuro graças a dois factores fundamentais: 1) a disciplina do povo, das grandes massas que são o objectivo central da nossa revolução; e 2) a honestidade na aplicação dos recursos que temos e dos que recebemos do exterior. Quando o povo sabe que estamos a administrar honestamente o pouco que temos, passa então a dar uma quota maior de sacrifício para a reconstrução nacional. Por tudo isso eu não diria que passámos por várias fases desde o triunfo. Foram antes, momentos de uma mesma etapa.

#### A economia mista

*Na economia da Nicarágua convivem o sector estatal e o sector privado num sistema que muitos chamam de economia mista. Esta convivência estabelece-se através de uma competição pela eficiência, ou num cerco do sector privado pelos interesses estatais?*

— O termo economia mista é um termo da economia capitalista. Logicamente existe um capitalismo moderno onde o Estado não tem medo de ser proprietário. No nosso caso, a percentagem de propriedades do Estado é menor do que na Bolí-

“Barreira”



A família Pellas controla 52% do açúcar da Nicarágua

via, no Chile de Allende, ou até mesmo no México, Venezuela, ou Costa Rica. Nós aplicamos este princípio a partir do ponto de vista das estruturas da propriedade. O Estado dispõe de meios de produção nas suas mãos. O sector privado também. O modo de produção que irá surgir no futuro tem um sentido histórico diferente daquele que vem sendo usado noutros países. Aqui, a concorrência entre o Estado e o sector privado está orientada para resolver o problema básico da justiça social. A busca da eficiência não é o único critério. Ela é apenas um dos critérios. Se ela passasse a ser predominante, nós estariam abandonando a bandeira histórica da Frente Sandinista. A competição deve respeitar a justiça e evitar a exploração extrema do trabalhador. Nós, por exemplo, interferimos directamente na estrutura de despesas, procurando que a produção seja rentável. Nas exportações, temos um dólar financiado. Mas na hora da comercialização, o Estado tem o controlo total. Evitamos a especulação com as matérias-primas, com as máquinas. Aqui, nós colocamos em prática um sistema de auto-empréstimo social, através de emissões inorgânicas de moeda, para podermos ter os recursos necessários aos grandes investimentos imprescindíveis num país que é pobre. Os salários estão congelados. Temos uma concorrência programada e pensada de acordo com o projecto histórico do sandinismo. Temos de assumir a consciência de que somos pobres e que vamos viver em relativa pobreza durante um longo período. Não estimulamos expectativas para dizer amanhã: “Aqui estão as grandes estradas, os grandes edifícios e o grande consumo”. Não, aqui um proprietário privado tem que reinvestir os seus ganhos. Não permitimos que

o sector privado se descapitalize. Assim como oferecemos condições para que ele viva bem, que tenha lucros, que possa viver dignamente, também regulamos os ganhos mediante a conversão compulsória de divisas.

A economia mista tem sentido dentro de um planeamento. Não temos medo de dizer isso. Nós temos o controlo na hora de estabelecer as tendências e directrizes para o futuro. A nossa doutrina é clara quanto ao jogo dos factores de produção, aos meios de capital que dispomos e aos recursos naturais deste país. Se um dia aparecer petróleo na propriedade de algum dono privado, esse petróleo é do Estado, porque todo o subsolo é um bem nacional. O mesmo acontecerá no caso de aparecer ouro. Existe também a política de preços como um elemento de controlo do desenvolvimento da economia privada. Nós procuramos regular as leis cegas do mercado, interferindo em todos os sectores críticos, mas respeitando o desenvolvimento mercantil. Nós não interferimos, no entanto, no consumo de luxo. Aqui existe um mercado negro. Nele, os preços são livres. Mas o Estado cobra impostos. Quem quiser luxo que o compre. Se ele conseguir as divisas necessárias no mercado negro ninguém vai confiscá-las, mas terá que pagar impostos. Ninguém perseguirá quem comprou mil ou três mil dólares, nem aquele que trouxe do Panamá equipamentos electrónicos. Mas quando este equipamento entrar no país, ele pagará impostos, e são impostos altos. Nós captamos o excedente e o transformamos em programas sociais.

#### Taxa de investimento e planeamento

*Até agora a Nicarágua tem pautado o seu desenvolvimento através de planos de curto prazo anuais. Porque esta opção? Existem planos para projectos de longo prazo?*

— Optámos pelos planos de curto prazo (técnicalemente, programas operativos), por causa da falta de informação e de bases estatísticas confiáveis. Quando assumimos o poder, não conhecíamos os pormenores da nossa economia. Não tínhamos a possibilidade de ver horizontes mais longínquos. Mas depois de três anos de aprendizagem, e agora que a nossa taxa de investimento é de 20%, a mais alta da América Latina, já é necessário planear a longo prazo. Os programas que hoje estão a ser implantados vão amadurecer, e isto já configura uma cadeia de projectos. Possivelmente este ano já estaremos a trabalhar sobre bases mais prospectivas. A minha consciência profissional indica que já não se pode mais trabalhar com planos de curto prazo.

— Existe um factor, como a dívida externa e os juros, que nos obrigam a pensar na taxa de acumulação. Teremos então que coordenar as obrigações



O Estado controla toda a produção e exportação de tabaco

externas com as disponibilidades internas. Por isso, acredito que partiremos para um planeamento de longo prazo capaz de ser reajustado em intervalos mais curtos, para evitar desvios. Não me refiro a desvios ideológicos, mas sim de desenvolvimento. Não podemos construir três ou quatro novos engenhos de açúcar simultaneamente, porque isto nos levará ao colapso. Temos que conduzir simultaneamente vários projectos, impedindo que eles se sobreponham uns aos outros, e num determinado momento nos vejamos sem recursos para fazê-los avançar. Poderemos ter muitos sonhos, mas se não tivermos os recursos, poderemos enfrentar muitas dificuldades.

*Como tem lidado a Nicarágua com a sua dívida externa?*

— Nós estávamos com o absoluto direito político e moral de negar a dívida que herdámos do sômizismo. Primeiro, porque o ditador e os seus seguidores levaram tudo o que podiam. Segundo, porque qualquer um se revolta ao descobrir a forma como essa dívida foi usada. Mas não negamos a dívida por uma questão política e por uma questão de dignidade nacional. Nós procuramos relações normais com os organismos financeiros e com os bancos privados. O nosso desejo de conviver levou-nos a reconhecer uma carga de aproximadamente 1.700 milhões de dólares. E depois que renegociámos a dívida, tivemos autoridade moral para solicitar novos créditos. E neste aspecto é necessário destacar o papel que teve a solidariedade internacional de governos e povos que nos ajudaram a superar as dificuldades imediatas.

*É possível dar números dessa ajuda?*

— Em termos físicos esta ajuda alcançou 700 milhões de dólares nos últimos cinco anos. Veio de tudo: bens de capital, alimentos, remédios, equipamentos para hospitais, escolas etc etc. Essa ajuda em termos globais tem-se mantido através dos anos porque a estamos a aplicar honestamente. Os recursos que recebemos podem em alguns casos perder-se por questões administrativas, por falta de



Os pequenos produtores estão a formar cooperativas na agricultura e no artesanato

um melhor mecanismo de utilização e distribuição. Mas nunca por roubo, como aconteceu flagrantemente com a ajuda externa dada a Somoza logo depois do terremoto de 1972. A atitude do México, por exemplo, pode atestar tudo isto. O ex-presidente López Portillo declarou perante as Nações Unidas no final do seu mandato que "ficou demonstrado que, com pequenas doações dadas sem condições prévias e usadas de maneira honesta, podem ser alcançados grandes resultados". Sem dúvida nenhuma ele estava-se referindo à Nicarágua.

*Poderia revelar o montante actual da dívida, tomando em consideração as despesas militares actuais?*

— É bastante grande. Mas é uma informação reservada.

*Esteve há pouco tempo na reunião de Quito onde os países latino-americanos discutiram o problema da dívida externa. A reunião foi encarada como um passo mais no distanciamento da América Latina em relação aos Estados Unidos. Na sua opinião, este distanciamento ajuda a Nicarágua no actual conflito político, económico e militar com os Estados Unidos?*

— Estou convencido de que a América Latina vive uma fase inteiramente nova. O continente mudou muito nos últimos cinco anos e mais ainda depois da guerra das Malvinas. Não conheço, nas últimas duas décadas, um encontro de cúpula no continente em que os participantes tenham chegado a um tal grau de consciência dos problemas comuns e que tenham reconhecido de uma forma tão clara a necessidade do pluralismo político e ideológico. Em que Cuba tenha sido vista de uma forma tão igual. As causas disso estão na mudança da correlação de forças entre as ideias conservadoras e as ideias democráticas. As alterações registadas em vários países recentemente reforçam essa impressão. A tudo isso deve-se acrescentar que, em Quito, todos os delegados latino-americanos revelaram a disposição de honrar os seus compromissos exter-

nos, sem aceitar no entanto que o pagamento da dívida seja feito à custa do desenvolvimento nacional. Isso indica perspectivas de defesa dos interesses da comunidade continental diante de um agressor, no caso, os Estados Unidos. Em Quito, nos encontros que tive, ouvi críticas violentas ao Relatório Kissinger, não tanto pelo que ele oferece como pelas condições que ele impõe a qualquer ajuda.

Não há dúvidas de que está a ocorrer uma mudança profunda na América Latina. Os Estados Unidos têm condições de resolver o problema da dívida externa latino-americana. Só não o fazem, por causa de uma mentalidade militarista. Os 320 mil milhões de dólares da dívida latino-americana constituem apenas 1% do Produto Interno Bruto de um ano nos nove países capitalistas mais desenvolvidos. Se eles reduzissem as despesas armamentistas seria possível reequilibrar as finanças internacionais. Mas eles não fazem isso por uma questão política. E isso está a ficar cada vez mais claro para os países latino-americanos. O crescimento da consciência crítica em relação ao militarismo já está a ajudar a Nicarágua. A ação desenvolvida pelo Grupo de Contadora é disso exemplo. Além disso, aumentou também a certeza de que se a crise actual não for resolvida e se os países ricos não fizerem concessões, há o risco de explosões so-

ciais em cadeia nos países do continente mais atingidos pelas dificuldades económicas actuais.

*Existem alguns sectores aqui na Nicarágua que afirmam que, no futuro, o país vai enfrentar uma encruzilhada: terá que escolher entre manter o sistema pluralista actual ou aderir a um regime socialista clássico. Acredita que esta encruzilhada poderá acontecer?*

— Com todas as variáveis políticas, económicas e militares que temos nas mãos, não existe a possibilidade de uma encruzilhada como essa. Nós temos um processo socializante com claros objectivos socialistas. Se a encruzilhada significa fazer uma declaração, isso não tem razão de ser. Quem fala de encruzilhada são os sectores desesperados, os que esperam um colapso, a desestabilização, e os que acreditam que num determinado momento os dirigentes deste país vão anunciar: "Agora vamos fazer o socialismo". Isso é antientífico e além de tudo objectivo. O mais importante é ir resolvendo os problemas e consolidar o processo.

Nestas condições, uma encruzilhada é pura especulação, e quem especula é a direita. Quem conduz o processo é a Frente Sandinista, que confere um papel importante ao sector privado, mas pede que ele tenha consciência nacional. Queremos acima de tudo manter a dignidade nacional, e isso não se faz por decreto. Não se trata de amanhã anunciar: "Bom, daqui em diante a Nicarágua é socialista". Isso é um disparate. Nós fomos muito claros. Temos um projecto com ideologia clara, mas temos também metas igualmente claras, que são as de libertar a Nicarágua da dominação a que historicamente ela está sujeita, e garantir a independência nacional. Nós não estamos numa encruzilhada, mas preocupados com a contra-revolução, com a afirmação nacional, com a busca da independência. Preocupa-nos a possibilidade de uma invasão, o aumento dos gastos de defesa e a manutenção do projecto pluralista, democrático, popular e não-alinhado. Queremos provar que o nosso esquema é viável, que podemos viver em paz com os nossos vizinhos.

## Nicarágua

# Sandino, meio século depois

A história do homem cujas ideias são a base da revolução nicaraguense



o slogan: *Sandino Vive*.

Augusto César Sandino é o herói máximo da Nicarágua e este ano todo o país comemora o 50º aniversário do seu assassinato na madrugada do dia 21 de Fevereiro de 1934 por um grupo de militares a mando de Anastasio Somoza García, comandante da Guarda Nacional e o fundador do clã dos So-

**H**oje em dia é praticamente impossível dar alguns passos em qualquer cidade ou povoado da Nicarágua sem encontrar a silhueta de um homem baixinho, de botas e com um sombrero. noutras ocasiões, apenas o chapéu está reproduzido em paredes e muros, onde são raros os que não apresentam

moza. Além de herói, Sandino é também o inspirador da ideologia da revolução que em 1979 derrubou "Tachito", o último dos Somoza a governar o país, para implantar o sandinismo.

O homem que os nicaraguenses consideram o pioneiro da luta contra a dominação estrangeira do país, nasceu no dia 18 de Maio de 1895, no pequeno povoado de Niquinohomo, no Departamento de Masaya. Augusto era filho natural de Don Gregorio Sandino, dono de uma pequena plantação de café. Até os 25 anos trabalhou na lavoura, numa pequena oficina mecânica e teve uma mal sucedida experiência comercial. Em 1920, feriu à faca um homem, depois de uma disputa por questões de honra e teve de fugir para as Honduras, onde trabalhou em plantações de banana. Cinco anos mais tarde foi para o México trabalhar em campos de petróleo. Foi na cidade mexicana de Tampico que Sandino ouviu a frase que iria mudar a sua vida. Durante uma discussão com mexicanos, um destes afirmou: "Todos os nicaraguenses são *vende-patrias*". Na época, os fuzileiros navais dos EUA haviam ocupado pela segunda vez a Nicarágua.

Menos de seis meses depois do incidente, Augusto Sandino já estava de volta ao seu país e tinha recrutado um pequeno exército de mineiros e



camponeses do norte da Nicarágua, para, em Novembro de 1926 travar o primeiro combate contra forças do governo títere imposto pelos *marines* norte-americanos. O pequeno exército, que ficou conhecido como o "coro dos anjos" sofreu uma derrota devido ao seu armamento precário e deficiente preparação. O revés levou Sandino e os seus homens a refugiarem-se nas montanhas de El Chipote, onde todos os combatentes começaram a aprender a ler e a escrever. Sandino tinha verdadeira obsessão pela alfabetização. Mostrava-se particularmente orgulhoso quando um dos seus homens conseguia redigir mensagens e não vacilava em qualificar como intelectuais os dois ou três que chegaram a aprender a escrever à máquina. O acampamento de El Chipote mais tarde veio a ser conhecido também como a "academia" quando ali começaram as primeiras instruções sobre guerra de guerrilhas.

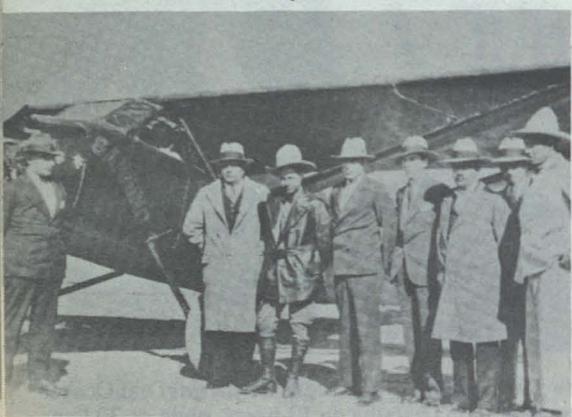
Envolvido pela guerra civil entre conservadores e liberais, Sandino procurou apoiar esses últimos por acreditar que poderiam resistir à dominação norte-americana. Mas as suas expectativas foram sempre frustradas. O "pequeno exército louco" que lutava sob uma bandeira rubro-negra com a palavra-de-ordem "Pátria e Liberdade" ficou internacionalmente conhecido quando no dia 16 de Julho

de 1927 atacou a guarnição de *marines* em Ocotal travando uma batalha de 12 horas, onde os 30 "anjos" e o seu "general dos homens livres" conseguiram uma vitória espetacular contra forças muito superiores. Pouco antes, Sandino havia divulgado o seu primeiro manifesto político, que começava com a frase: "O homem que da sua pátria não exige mais do que um palmo de terra para sepultura, merece ser ouvido, e não apenas escutado, mas também acreditado". Depois da batalha de Ocotal, o "pequeno exército louco" transforma-se no Exército Defensor da Soberania Nacional, que passa a expandir a guerrilha de pequenas unidades em ataques de surpresa contra guarnições de fuzileiros navais norte-americanos. Em pouco tempo, os rebeldes ganharam fama internacional, enquanto internamente crescia o número dos seus adeptos. No início da década de 30, já eram quase seis mil homens organizados em oito colunas, comandadas por camponeses e artesãos.

As forças norte-americanas passaram então a tentar localizar por todas as maneiras a "academia" de El Chipote. Os voos de reconhecimento foram largamente usados e pelo menos dois aviões foram abatidos pelos homens de Sandino. Em Janeiro de 1928, o acampamento foi finalmente descoberto, e o Exército Defensor decide abandoná-lo organiza-



Sandino (no centro) com o seu estado-maior em 1934 pouco antes de ser morto. Em baixo, no México, quatro anos antes



damente. Foi nessa época que as forças norte-americanas usaram pela primeira vez os bombardeamentos aéreos maciços na tentativa de localizar os rebeldes. Aldeias e cidades como Murra, Naranjo e Quiboto foram arrasadas. E no resto do mundo, a façanha dos homens de Sandino começou a provocar o surgimento de comités de solidariedade e até mesmo a criação de brigadas internacionais de voluntários. Em Dezembro de 1928, os marines norte-americanos desgastados e desmoralizados, travam na localidade de Cuje, o último combate oficial contra o "pequeno exército louco", uma denominação criada por Gabriela Mistral, num poema dedicado a Sandino.

#### Triunfo e assassinato

Mas as forças estrangeiras continuaram na Nicarágua mesmo depois da posse do general Moncada, um liberal na presidência da Nicarágua. Sandino afirma que só deixará de lutar quando o último norte-americano abandonar o país. A guerra torna-se extremamente violenta com as tropas estrangeiras cometendo todo tipo de atrocidades contra campesinos nicaraguenses. A violência leva Sandi-

no a pedir o apoio internacional e em Janeiro de 1930 ele vai ao México onde é recebido triunfalmente. Mas os seus contactos com o governo mexicano não dão resultados concretos. Em Maio, Sandino volta clandestinamente à Nicarágua onde a insurreição já se tinha generalizado. As propriedades norte-americanas passam a ser atacadas. O Departamento de Estado dos Estados Unidos admitiu que não poderia mais garantir a vida de cidadãos estrangeiros, num evidente atestado de que estava a perder a guerra contra o "coro dos anjos", nessa altura transformado num verdadeiro exército. Em Janeiro de 1933, os marines abandonam derrotados a Nicarágua, deixando no seu lugar a Guarda Nacional, comandada por Anastasio Somoza García. Um mês depois, Sandino chega de avião a Manágua para discutir uma trégua. Pela primeira vez em muitos anos, o ex-camponês de Niquinohomo é aclamado por multidões no seu próprio país. No dia 2 de Fevereiro de 1933, é assinado o acordo de pacificação, o Exército Defensor é desmobilizado, mas Sandino reúne 100 homens e retira-se para as montanhas de Wiwilí, onde vai organizar uma cooperativa agrícola.

Apesar da pacificação, a Guarda Nacional comandada por Somoza manteve uma atitude hostil e agressiva em relação aos homens de Sandino. A Guarda substituiu as tropas estrangeiras mas continuou subordinada aos interesses norte-americanos. Sandino era uma ameaça às ambições ditatoriais e entreguistas de Somoza. Por isso, na noite de 21 de Fevereiro de 1934, quando o "general dos homens livres" voltava de um jantar na residência do presidente Juan Bautista Sacasa e o seu carro foi interceptado, ninguém teve dúvidas de que se tratava de um atentado organizado pelo comandante da Guarda Nacional. Sandino, foi tirado à força do carro, levado para uma prisão militar e logo depois fuzilado sumariamente por um pelotão. Junto com ele foram também executados vários dos seus principais auxiliares. Os corpos foram despojados de roupas, relógios e anéis que, no dia seguinte foram vendidos no mercado de Manágua pelos carrascos da Guarda. A sepultura de Sandino permanece até hoje desconhecida porque o clã dos Somoza tentou impedir que os nicaraguenses continuassem fiéis à memória do seu principal herói nacional.

Hoje, 50 anos depois, a mensagem anti-imperialista, democrática e popular de Sandino é a principal bandeira da Frente Sandinista de Libertação Nacional. A trajectória do "pequeno exército louco" serve como inspiração a uma experiência revolucionária cuja originalidade de métodos procura ser a continuidade das ideias que o "general dos homens livres" descobriu empiricamente ao se transformar no primeiro latino-americano a desafiar o poder militar dos Estados Unidos.

# A redescoberta de um libertador

Neiva Moreira



**A**s noites invernais de Lima são em geral frias e húmidas. Diz-se que ali não chove há 400 anos, mas uma espécie de orvalho da madrugada torna as plantas mais víçosas.

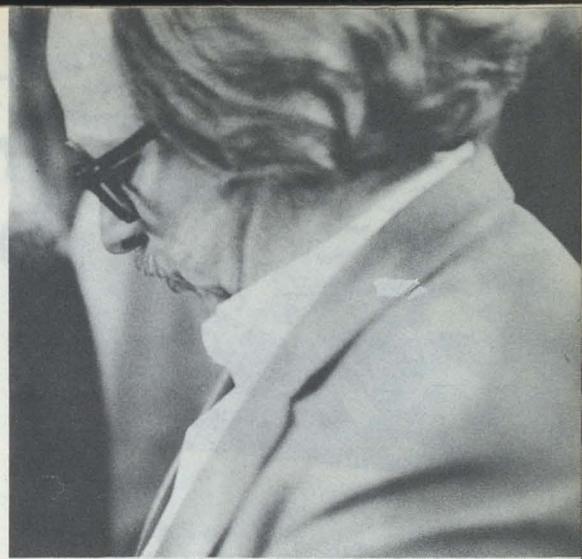
O horário matinal de trabalho começa, assim, um pouco mais tarde, mas isso não ocorria com Gregorio Selser, que, muito cedo, conseguia logo — não sei por que meios — um exemplar do diário *Expreso*, batia-nos à porta da “pensão da catalã” em Miraflores para protestar contra o “absurdo” cometido pelo Paco Moncloa, o director do jornal, que publicara um telex dizendo que determinado agente da CIA estava a servir no Cairo.

— Esse tipo saiu do Cairo para o Vietname, depois andou perambulando pelas “estações” da CIA na Europa e ultimamente está na América Central. Não sei onde anda o Paco com a cabeça!

Na verdade, só Gregorio, com uma dezena de livros escritos sobre a CIA e as intervenções norte-americanas no mundo, poderia chegar àquele extremo de precisão.

E foi pesquisando, remexendo papéis velhos, decifrando documentos e devassando arquivos, que Gregorio Selser nos revelou — há mais de um quarto de século — a figura extraordinária de um dos libertadores da pátria latino-americana, Augusto César Sandino, propositalmente relegada e forçada ao esquecimento pela historiografia oficial da Nicarágua.

Nos seus livros “Sandino, general de homens livres”, “O pequeno exército louco”, “A batalha da Nicarágua” e “Apontamentos sobre a Nicarágua”, Selser não apenas projectou a figura de um patriota com uma extraordinária visão dos destinos históricos dos nossos povos, como revelou o mais íntimo da trama de dominação e conquista que caracterizou a política norte-americana na América



Gregorio Selser: papel consciencializador

Central e Caraíbas, no último século.

Alguns de nós, na América Latina, conhecíamos algo sobre Sandino e sua gesta libertadora, mas foi Selser nos seus livros que nos mostrou a verdadeira dimensão da sua vida e da sua história.

Perguntei a muitas pessoas em Manágua que influência haviam exercido esses livros no despertar de uma consciência nacionalista na Nicarágua, subjugada pela ditadura de Somoza. E muitos jovens e velhos nos falaram com emoção, entusiasmo e reconhecimento do extraordinário papel consciencializador e mobilizador dos livros de Gregorio Selser.

O povo e o governo da Nicarágua têm tributado honras especiais a este intelectual alinhado com as causas do seu tempo e a Universidade Nacional em Manágua concedeu-lhe o seu máximo galardão. Hoje, por todo o mundo, os livros deste argentino da América Latina são a bibliografia obrigatória para quem estuda ou se interessa pela vida e a obra do “general de homens livres” e pela história das lutas do nosso continente em defesa da sua soberania.

Modesto, inquieto, infatigavelmente trabalhador, Gregorio não alterou a sua rotina com a projeção da sua obra. Continua a pesquisar e a escrever, fazendo de cada um dos seus quase 30 livros, novas trincheiras em defesa dos direitos, das aspirações e da soberania dos nossos povos.

Ele está de tal ordem integrado na sua obra, que seria impossível separá-los. O seu apartamento da Cidade do México deixou de ser o lar convencional para se transformar num imenso arquivo. E até mesmo a sua identidade física já não mais lhe pertence, senão à ideia que dele fazem os seus leitores. Num congresso de historiadores em Houston, Texas, nos Estados Unidos, no fim da década passada, um leitor norte-americano, apresentado a Sel-



**Gregorio Selser**  
**El pequeño ejército loco**

Sandino  
y la operación México-Nicaragua

editorial nueva nicaragua



A edição mexicana do livro de Gregorio Selser

ser, pôs em dúvida a sua identidade. O escritor que ele “conhecia” — ou pelo menos “captava” nas páginas dos seus livros, era “alto, discretamente louro, de fartos bigodes e fumando permanentemente um cachimbo ‘sherlockiano’.”

Mas Gregorio era e é sempre o mesmo. Baixo, atarracado, cabelo escuro, começando a ficar grisalho, usando óculos de lentes grossas, com um caminhar pendular, equilibrando com dificuldade a permanente carga de livros que leva nos braços.

Companheiro desde a fundação da nossa revista em Buenos Aires em 1974, seria uma lacuna sentida se não associássemos o nome e a obra do extraordinário pesquisador e redescobridor do general Augusto Sandino a uma edição dedicada à Ni-



Em cima (foto à esq.), em plena selva, Sandino dirige um combate. Ao alto, a bandeira do invasor hasteada na prefeitura de Ocotal. Em baixo, soldados de Sandino com as suas armas automáticas

rágua de hoje, que reflecte em cada momento das suas lutas e dos seus avanços a obra do genial comandante do “pequeno exército louco”.

A evocação do trabalho de Gregorio é tanto mais oportuna quanto ele continua na trincheira de sempre, como uma voz de alerta contra a política norte-americana na América Latina, em nada diferente dos tempos de Sandino. “Ao cabo de 50 anos, disse Gregorio Selser no México, os Estados Unidos, a potência contra a qual se levantou o ‘general de homens livres’ em defesa da dignidade e da soberania da sua pátria não modificou a natureza das suas agressões nem tão-pouco a índole da sua concepção imperial em relação à Nicarágua”.

“Essa espécie de arrogância de poder, esse paternalismo auto-assumido está presente no documento conhecido como ‘Relatório Kissinger sobre a América Central’, o qual comprova que nada mudou e que os Estados Unidos continuam a considerar toda modificação estrutural e de fundo no sistema económico, político e social da América Latina como uma agressão à sua estabilidade e aos seus privilégios como potência”, concluiu Selser.

# A liberdade de imprensa com nome e apelido

Mais de sessenta meios de comunicação, a maioria privados, operam na Nicarágua



Operam regularmente na Nicarágua 60 meios de difusão. Contudo, só um deles serve como divisor de águas entre os que apoiam e os que combatem a revolução.

O jornal da família Chamorro foi um dos instrumentos do Partido Conservador contra o Partido Liberal da família Somoza, litígio

que resume várias décadas de política nicaraguense. O seu director, Pedro Joaquín Chamorro Cardenal, foi assassinado pela ditadura quando resolveu aderir à ampla frente conduzida pelo sandinismo no fim do regime somozista. A sua viúva, Violeta Barrios, participou na primeira Junta de Governo até que rompeu com o sandinismo, em 1980, quando a burguesia se deu conta da dificuldade de desviar por dentro o rumo fixado pelos Nove Comandantes.

Pela mesma razão, a empresa editora demitiu o novo director, Xavier Chamorro Cardenal, irmão de Pedro, e mais da metade do pessoal do *La Prensa*, identificado com o processo popular, os quais fundaram uma cooperativa que edita agora *El Nuevo Diário*. Xavier foi substituído no *La Prensa* pelo seu sobrinho Pedro Joaquín Chamorro Barrios, formado em administração de empresas no Canadá, e encarregado da secção de anúncios. O irmão de Pedro, Carlos Fernando Chamorro Barrios, dirige *Barricada*, o jornal da Frente Sandinista. Essa proliferação de Chamorros na imprensa escrita, mede as dimensões da intelectualidade de um país de apenas 2.700.000 habitantes e a força das tradições familiares.

Outros meios gráficos que circulam livremente



O *Barricada* é o jornal de maior tiragem em toda a Nicarágua

são a revista *Avance*, do Partido Comunista; *Prensa Proletaria*, da marxista-leninista Frente Operária; *El Socialista*, do partido do mesmo nome; *El Tayacán* do Centro Ecuménico Antonio Valdivieso; *El Trabajador* e *El Machete*, das centrais sandinistas de trabalhadores e camponeses; a humorística *Semanal Cómica* e a revista de assuntos políticos e gerais *Patrón Libre*.

## Televisão e Rádio

Há apenas dois canais que integram o Sistema Sandinista de Televisão, que produz programas ao vivo e transmite enlatados norte-americanos e europeus, assim como telenovelas brasileiras, mexicanas e argentinas. Das 45 radios, 27 pertencem a proprietários privados que as exploram comercialmente, vendendo espaços publicitários; uma é dirigida pela Frente Sandinista (*Radio Sandino*), uma serve de porta-voz oficial do governo (*La Voz de Nicarágua*) e 16 estão nas mãos da *Corporación de Radio Difusión del Pueblo* (CORADEP), que transmite através delas programas de propaganda e educação política das organizações de massas da Frente Sandinista.

As radios dependentes do CORADEP pertencem a personalidades do regime somozista, e dez

dentre elas que são regionais foram ocupadas durante a insurreição, à medida que as forças populares avançavam em direcção a Manágua. Trata-se, em geral, de estações de baixa potência.

As empresas privadas evitam comprar espaços publicitários nessas emissoras e concentram todo o seu investimento nos meios privados. Os principais anunciantes são o Engenho San Antonio, a Casa Pellas e a empresa La Tabacalera, e os seus anúncios promovem a venda de cerveja, rum e cigarros. O Conselho Superior da Empresa Privada, COSEP, compra também espaços nas rádios privadas, connotando-se com os princípios do capitalismo liberal do século XVIII e atacando, naturalmente, o governo.

As principais emissoras privadas são *Radio Cor-*

*poración* e *Radio Mundial*, porta-vozes da direita. Um dos proprietários da *Radio Corporación* era Fabián Gadea, que dirige actualmente a organização contra-revolucionária Frente Democrática Nicaraguense. Quando Gadea se juntou aos chefes somozistas, o dirigente do Partido Conservador Democrata, José Castillo Cejo, ficou no seu cargo.

Outras duas importantes emissoras privadas são *Radio Católica*, que pertence ao arcebispo de Manágua, e *Radio Ondas de Luz*, das igrejas evangélicas. Ambas transmitem mensagens bíblicas e a primeira, dirigida pelo presbítero Bismarck Carballo, ataca frontalmente o governo sandinista e reproduz as homilias de forte conteúdo político que monsenhor Miguel Obando y Bravo, o principal lí-

## Nicarágua

### O “paladino” da imprensa livre



Este é o diálogo, em certos momentos tenso, que cadernos do terceiro mundo manteve com o director de *La Prensa*, Pedro Joaquín Chamorro Barrios. Durante os quinze minutos da duração da entrevista, ele levantou-se duas vezes, ameaçando dar por encerrado o encontro:

*Qual é a posição do jornal perante o processo eleitoral?*

— O fundamental está ainda por ser definido, mas esse processo já beneficiou *La Prensa* ao diminuir o nível de censura.

*Que tipo de censura existia na época de Somoza?*

— Artigos contra a gestão administrativa, grandes desfalques ou corrupção do Estado.

*Agora, em compensação, permite-se todo o tipo de críticas e ataques ao governo, a julgar pelas edições do jornal que eu li...*

— Houve momentos, nos dois últimos anos, em que não se permitiam críticas. Elas só foram permitidas nos últimos três meses. O senhor talvez tenha chegado na hora...

*De facto, chegámos há poucos dias, e chama-nos à atenção a diversidade de assuntos da crítica, partindo da situação económica até a participação dos militares nas eleições, e do tom militante com que “La Prensa” questiona o governo.*

— Correcto. Mas *La Prensa* critica em tom militante quando faz um editorial. Quando reproduz declarações dos políticos oposicionistas ou da Igreja, em compensação...

*Nesse caso, os militantes são eles, é claro, mas “La Prensa” os reproduz extensamente, sem problemas. Além do mais, há também as manchetes, que são uma forma de opinar. Ontem, por exemplo, a manchete principal do jornal destacou o aumento do preço dos refrigerantes.*

— Os refrigerantes, a cerveja e o rum. Eu concordo que com essa manchete grande lá em cima, a realidade do valor da notícia é distorcida. Mas não era essa originalmente a manchete principal. Aconteceu que nos tiraram outra informação sobre 18 presos que já cumpriram a condenação e não recuperaram ainda a sua liberdade. Normalmente, os aumentos não teriam merecido tanto destaque.

*Eu não faço objecções a que se lhes dê destaque, mas assinalo que essa é uma opção militante. Entre as matérias censuradas que o senhor me está a mostrar, vejo um pedido de autorização para o regresso à Nicarágua dos dirigentes contra-revolucionários Arturo Cruz e Alfonso Robelo. Qual é a posição do jornal sobre a lei de amnistia e o regresso dos chefes somozistas?*

— *La Prensa* diz que a amnistia deve ser ampla para cobrir muitos sectores que não foram condenados por nenhum tribunal nem cometaram delitos contra o povo, ou que sejam assinaladas, de uma vez por todas, quais são as exceções à amnistia, com nome e apelido.

der da oposição interna, lê todos os domingos na igreja do bairro burguês de Las Sierras.

As emissoras privadas menores de Manágua são as rádios *Canal 130*, de programação tradicional para uma audiência pequeno-burguesa; *Gueguense*, que só transmite música clássica; *Reloj*, que dá as horas e notícias estranhas como o nascimento de um porco de duas cabeças; *Tiempo*, de oposição ao governo e cujo proprietário também é dono de uma agência de publicidade; *Noticias*, que defende, dentro de um estilo tradicional, posições progressistas; *Stereo Azul*, que só transmite música em FM; *Xolotlán*, que além de música, desportos e curiosidades se especializa em conselhos para que as mulheres possam desempenhar melhor o papel de dona-de-casa do qual não deveriam afastar-se; e *El*

*Fabuloso Siete*, sempre atenta aos casamentos e divórcios de Caroline de Mónaco e à gravidez de Lady Di, e cujo proprietário é irmão de Manuel Girón, o líder somozista que opera na Costa Rica, a sua rádio *Sandino*.

Um pastor evangélico dirige a rádio *Campesina* em Nueva Guinea; sectores direitistas ligados ao MDN de Alfonso Robelo orientam a rádio *Darío*, de León; seitas religiosas que rezam o terço diante do microfone controlam as transmissões de rádio *Libertad* de Jinotepe; e a organização norte-americana *Companheiros das Américas Nicarágua/Wisconsin* é proprietária da rádio *VER* de Puerto Cabezas, que transmite em inglês, espanhol e misquito, com equipamento de grande potência capaz de atingir toda a Costa Atlântica.

*A amnistia que "La Prensa" exige devia incluir os assassinos de seu pai?*

— Esse é um raciocínio perverso. Nós já dissemos claramente que não queremos um indulto para assassinatos, só amnistia para delitos estritamente políticos.

*E as pessoas que mataram seu pai não agiram com motivações políticas?*

— Não, se as pessoas que mataram meu pai eram pagas por outras pessoas.

*Pagas por Somoza para eliminar um inimigo político. O objectivo era político. O senhor acha que os chefes da Guarda Nacional devem regressar e participar nas eleições?*

— Nós fomos contrários a amnistia para os assassinos.

*Como e por quem é fixada a fronteira entre o delito comum e a ação política? Segundo que critério aqueles que mataram seu pai são delinquentes comuns e aqueles que sequestraram e mataram famílias camponesas na fronteira são políticos amnistáveis?*

— Acho que já falámos bastante sobre a amnistia.

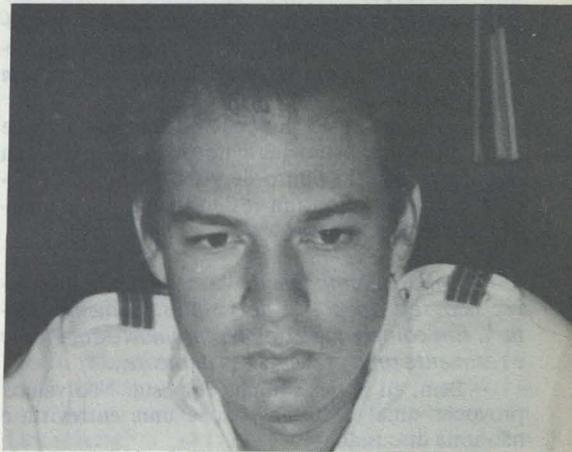
*Se o senhor preferir podemos mudar de assunto.*

— Peço ao senhor para falar sobre esse assunto com juristas da oposição, já que parece ter conhecimentos de direito, pois há aqui alguns advogados. Eu não quero insistir nesse assunto.

*Qual é a opinião de "La Prensa" sobre a possível invasão norte-americana?*

— Nós somos contrários a qualquer intervenção estrangeira.

*No entanto, vocês não questionam os passos*



Pedro Joaquín Chamorro Barrios

*prevíos para essa invasão, como o estacionamento de duas frotas de guerra nas costas pacífica e atlântica da Nicarágua, o estabelecimento de bases militares nas Honduras com milhares de soldados norte-americanos, a invasão de Granada...*

— Nenhum jornal deu mais apoio que o *La Prensa* à busca de uma solução pacífica, às acções de Contadora. Mas também é preciso procurar um desanuviamento interno na Nicarágua. Porque o problema não é Estados Unidos contra a Nicarágua, mas um problema interno da Nicarágua e da região centro-americana. A Nicarágua teve um grande sucesso nas suas relações internacionais com países distantes como Kampuchea, Vietname, Mongólia ou a União Soviética, mas tem fracassado em relação aos países centro-americanos. Portanto, o problema não é só Estados Unidos contra a Nicarágua.

*Não acha excessivo o facto de ignorar como é*

Perante a invasão da Nicarágua por "forças-tarefa" somozistas apoiadas pelas Honduras e Estados Unidos, o Estado de Emergência foi decretado em Março de 1982. Isto implicou a suspensão da transmissão de noticiários das rádios privadas que foram substituídos por três ligações directas com uma cadeia nacional. Cinco meses depois, foi restabelecida a reedição de cinco blocos informativos, nas rádios privadas *Mundial* e *Noticias*, além dos difundidos pelas rádios *Sandino* e *La Voz de Nicaragua*. "Permitimos, inclusive, os noticiários da direita", afirma a tenente Nelba Blandón, directora do departamento de Meios de Comunicação do Ministério do Interior. "No informativo da rádio *Mundial*, um jornalista, primo de Edén Pastora, pôde dedicar-lhe espaços e elogios até uns dias antes de ele

assumir uma posição contra-revolucionária".

Os blocos informativos têm locutores que procuram a informação nas suas fontes e saem para o ar sem censura. "Somos flexíveis, mas não somos fracos", explica a tenente Blandón, frágil, atraente e sem uniforme. "O que nós não aceitamos são provocações. Mas até nos assuntos referentes à defesa, eles têm liberdade para editar o comunicado oficial a seu critério". Dessa forma, se o combate for favorável à revolução, os blocos informativos assinalam que é "segundo o Ministério da Defesa", e normalmente destacam que "o comunicado omite mencionar baixas sandinistas". "La Prensa faz a mesma coisa e informa sobre questões de política interna nicaraguense, reproduzindo comunicados da *United Press*", conclui Blandón.

*que uns seis mil soldados norte-americanos, preparados para atravessarem as fronteiras deste pequeno país, determinam as relações internacionais da Nicarágua?*

— Sim, mas essa presença externa provém de outra presença estrangeira notória que existe na Nicarágua, não do ponto de vista estritamente militar, mas que criou um ressentimento na população nacionalista do país.

*O senhor mesmo fala de "uma presença que talvez não seja do ponto de vista estritamente militar". Em compensação, a presença norte-americana é realmente uma presença estritamente...*

— Bem, eu já dei a minha resposta. Não vamos provocar uma discussão. Isto é uma entrevista e não uma discussão.

*Como o senhor quiser. Podemos passar a outro assunto.*

*Com a manchete "Barricada engana o povo", "La Prensa" acusou o jornal sandinista de atribuir falsamente à CEPAL o dado que regista um crescimento de 5% na economia nicaraguense em 1983. Contudo, a reprodução de "La Prensa" é uma fotocópia do artigo de "Barricada", no qual se lê claramente que a fonte do dado não é a CEPAL, mas o Ministério nicaraguense de Planeamento. Não entendo a técnica de "La Prensa", que afirma uma coisa e se desmente na mesma matéria.*

— Houve um erro nisso, tem razão. Mas de qualquer jeito é um engano, porque não podem misturar dados de diferentes fontes, da CEPAL para a América Latina e do Miplan para a Nicarágua.

*Vocês já fizeram essa observação e "Barricada" respondeu que as estatísticas da própria CEPAL misturam dados de fontes diferentes, já que cada país tem os seus próprios números, e que os do*

*Banco Mundial misturam dados de 140 fontes. Mas eu não quero nem devo intervir nessa polémica entre vós.*

— E qual é a sua pergunta agora?

*Não acha que no calor do combate contra o governo "La Prensa" perdeu a objectividade jornalística e editorializa em quase todas as manchetes embora, como neste caso, tenha que faltar à verdade?*

— Rejeito categoricamente a sua afirmação de que nós editorializamos quase todas as manchetes. Quais são os editoriais desta primeira página, por exemplo? Eu não aceito o seu julgamento.

*Como manchete principal o aumento dos refrigerantes, que o senhor — não fui eu — qualificou de pouco ponderado, e como segunda manchete o ataque a "Barricada" demonstram uma clara atitude de ressentimento político. Não acha?*

— Estou de acordo. Mas o senhor só vê essa perda de objectividade em *La Prensa*. Então olhe o *Barricada*. Veja esta manchete: "Daniel Ortega diz que há crescimento económico porque os trabalhadores trabalharam". Como se outros países em que os trabalhadores também...

*Mas o senhor publica a opinião dos partidos da oposição e acha isso natural. Em compensação, não admite que o jornal da Frente Sandinista informe sobre uma declaração do comandante Ortega. Então, quais são as regras do jogo? Repito a minha pergunta a que o senhor ainda não respondeu: Não acha que a acusação falsa ao "Barricada" de manipular dados da CEPAL desmentida pela própria fotocópia publicada em "La Prensa", demonstra uma perda de objectividade jornalística?*

— É possível que sim. Em todo caso, a objectividade jornalística não se perdeu só agora na Nicarágua.

# A guerra do Dr. K e a paz de Contadora

Reagan tenta colocar no eixo Leste-Oeste um típico conflito Norte-Sul



objectivo de Washington é isolar a Nicarágua. Os sandinistas procuram todas as formas possíveis de estabelecer vínculos com os seus vizinhos centro-americanos, com os restantes países da América Latina, com os membros do Movimento dos Não-Alinhados, com as nações capitalistas da Europa ocidental, com as democracias populares do Leste, e fá-lo-iam até com o próprio «ET» se ele aterrasse nessa turbulenta aldeia planetária com a mesma audácia com que todos os dias o único avião da Aeronica (Linhas Aéreas Nicaraguenses) pousa no aeroporto de El Salvador, numa escala da sua ligação com o México e com os Estados Unidos.

Para os Estados Unidos, o problema da América Central reside na presença soviética e cubana na Nicarágua e em El Salvador, que ameaçam interesses estratégicos nunca definidos, e cuja solução apenas será encontrada na sala de operação do hospital militar ao amputar-se os membros enfermos. Para Manágua, a origem da crise deve ser procurada nas invasões norte-americanas, privadas como a do aventureiro William Walker (que no século XIX se proclamou presidente da Nicarágua) ou públicas, como o desembarque dos marines em 1912, quando Lenine era um exilado na Suíça, que ainda não se interessava pelos horários do comboio Zurique-São Petersburgo, e Fidel Castro não havia nascido.

Para o presidente Ronald Reagan, o conflito gira em torno do eixo Leste-Oeste. Para os Nove Comandantes da Revolução, em torno do eixo Norte-

Sul. Os norte-americanos procuram desviar o problema para a OEA e para *forums* sub-regionais que excluem a Nicarágua. Os nicaraguenses não estão dispostos a abrir mão do Grupo de Contadora e das Nações Unidas, como também não desejam ser deixados de lado. Os ianques entendem que se trata de uma questão multilateral centro-americana e não aceitam discussões bilaterais. Os «nicas» insistem que os problemas são bilaterais, da Nicarágua com os Estados Unidos, da Nicarágua com as Honduras, da Nicarágua com cada um dos demais países da região, mas aceitam discuti-los multilateralmente, caso isso possa ajudar a encontrar soluções.

## O Grupo de Contadora

O Grupo de Contadora nasceu em Janeiro de 1983, quando na ilha panamiana do mesmo nome, se reuniram os ministros dos Negócios Estrangeiros da Colômbia, México, Panamá e Venezuela para «expressar a sua profunda preocupação pela ingênuidade estrangeira nos conflitos da América Central», advertir que «é altamente indesejável inserir os referidos conflitos no contexto da confrontação Leste-Oeste» e para pedir a redução das tensões e eliminar os factores externos que as agudizam «através do diálogo e da negociação».

Desde 1981, os Estados Unidos planeavam a forma de isolar a Nicarágua, seguindo as linhas do Documento de Santa Fé, que serviu de base para a campanha eleitoral de Reagan em 1980, redigido por «falcões», como o ex-chefe da Junta Interamericana de Defesa, general Gordon Summer, e os

O regresso de Kissinger ajudou os «falcões» da Casa Branca



académicos Roger Fontaine e Jeanne Kirkpatrick. Enquanto 19 milhões de dólares eram autorizados para acções clandestinas da CIA contra a Nicarágua, o secretário de Defesa Caspar Weinberger admitia que se estudava a construção de novas bases militares na América Latina, e o *Washington Post* arriscava que se instalariam nas Honduras, Colômbia, na ilha de Cocos, na Costa Rica e nas ilhas equatorianas de Galápagos. A Argentina dos generais era uma peça central dentro dessa estratégia: enviava os seus especialistas em contra-insurreição para que os Estados Unidos não tivessem que arriscar os seus próprios homens — com o custo político que isso implica depois do Vietname — e devia encabeçar as manobras diplomáticas e os contingentes militares que, segundo a aplicação do TIAR, cairiam sobre as revoluções da Nicarágua e de El Salvador.

Porém, em Abril de 1982, a guerra das Malvinas alterou todos esses planos. Ao recriminar os Estados Unidos pela sua tomada de posição ao lado dos britânicos, o ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, Costa Méndez, confessou publicamente o que se tinha estado a preparar: "Pergunto-me agora como vão fazer para convocar o TIAR, para isolar a Nicarágua, para intervir em El Salvador, para bloquear Cuba", disse ele, soltando a língua.

Contadora recebeu o apoio dos Não-Alinhados uma semana depois do seu nascimento e, mais tarde, do Conselho de Segurança e da Assembleia Geral da ONU. Em Abril e Maio de 1983, os quatro ministros do grupo reuniram-se com os cinco ministros centro-americanos.

#### Uma frota em cada mar

Em Julho, pela primeira vez, reuniram-se os presidentes dos países do Grupo de Contadora em lugar dos seus ministros. "O uso da força como alternativa de solução não resolve. Antes pelo contrário, agrava as tensões subjacentes", declararam: "A paz centro-americana só poderá ser uma realidade na medida em que se respeitem os princípios fundamentais de convivência entre as nações: a não-intervenção, a autodeterminação, a igualdade soberana dos Estados; a cooperação para o desenvolvimento económico e social; a solução pacífica das controvérsias, assim como a expressão livre e autêntica da vontade popular".

Nesse encontro, realizado em Cancún, México, os quatro presidentes do Grupo de Contadora fixaram as directrizes gerais de um programa que depois propuseram aos países centro-americanos para controlar a corrida armamentista, eliminar os conselheiros militares estrangeiros, criar zonas desmilitarizadas, proibir o uso de territórios de alguns Estados para a desestabilização de outros, erradicar o tráfico de armas e proibir outras formas de agres-

são ou ingerência nos assuntos internos.

A Nicarágua respondeu, quarenta e oito horas depois, com uma proposta de paz que incluía a assinatura de um acordo de não-agressão com as Honduras, a interrupção do abastecimento de armas a todas as facções em luta em El Salvador, a suspensão de exercícios militares na região, o fim de toda a discriminação económica e o respeito à autodeterminação.

Em El Salvador, o líder da Frente Farabundo Martí, Joaquín Villalobos, formulou uma proposta de acordo pacífico, com um governo de participação ampla que, num quadro de respeito aos direitos humanos e às liberdades públicas, garantisse eleições verdadeiramente livres. Declarou também que os guerrilheiros não se propunham destruir o exército salvadorenho e sim reorganizá-lo, dando lugar a oficiais de ideologia democrática.

Os Estados Unidos não contestaram formalmente os trabalhos do Grupo de Contadora, mas deixaram sempre claro que não renunciavam à opção militar. Enquanto os presidentes se reuniam em Cancún, uma frota norte-americana zarpava para as costas atlânticas da América Central e outra para as costas do Pacífico, com porta-aviões, *destroyers* e fragatas com mísseis, que interceptaram um cargueiro soviético em rota para a Nicarágua.

#### A invasão de Granada

Apesar do agravamento da situação militar, os ministros dos Negócios Estrangeiros do Grupo de Contadora mais os cinco centro-americanos conseguiram elaborar, em Setembro, um Documento de Objectivos que, apesar de ser genérico, constitui uma "base de entendimento para as negociações que deverão ser empreendidas o mais rápido possível". (ver caixa)

Os Estados Unidos replicaram, reunindo em torno do chefe do Comando Sul das suas forças armadas, general Paul Gorman, os comandantes-em-chefe dos exércitos das Honduras, El Salvador, Panamá e Guatemala, membros do Conselho de Defesa Centro-Americano (CONDECA), que defendeu o recurso à força contra o marxismo, termos por certo mais simples que o complexo articulado do Documento de Objectivos.

Na última semana de Outubro, enquanto os ministros de Contadora se reuniam para preparar os instrumentos jurídicos previstos no Documento de Objectivos, os norte-americanos invadiram Granada.

A resistência granadina e dos civis cubanos obrigou Washington a recorrer às suas Forças de Intervenção Rápida, que não tinha previsto empregar, e prolongou por mais uma semana as operações que deviam durar somente algumas horas, além de ter

custado mais de 40 baixas norte-americanas.

Fidel Castro actuou na crise de Granada como uma perfeita contra-figura do ex-presidente argentino Galtieri nas Malvinas. Absteve-se de desafiar com palavras floreadas, tentou conciliar negociando com os Estados Unidos e, quando apesar de tudo, ocorreu o desembarque, anunciou que Cuba não socorreria os granadinos com armas nem com homens, mas, não obstante, os cubanos que lá estivessem resistiram até ao último cartucho. O preço que os Estados Unidos tiveram de pagar por causa desses homens é de tal magnitude que se precisará de uma perspectiva histórica para avaliá-lo.

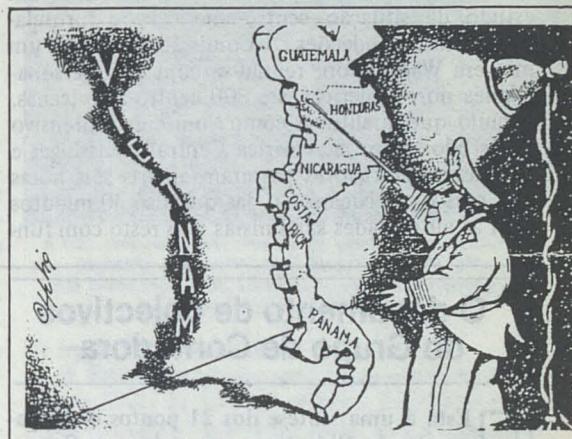
A condenação das Nações Unidas à invasão marcou um fenómeno novo nas relações internacionais, não pelas cifras da votação, de 108 contra 9, que nos últimos anos se tornaram habituais, mas pela sua composição. Entre esses nove a favor, desta vez não estiveram a Inglaterra, Alemanha Federal, França, Holanda, Japão, Itália e Bélgica, e sim os mini-Estados caraibenhos que acompanharam os Estados Unidos na invasão, além de Israel e El Salvador.

#### A acção de Ortega

Depois do que aconteceu em Granada, a invasão à Nicarágua parecia iminente e apenas o tempo poderá completar a lista de factores que a impediram ou adiaram. Entre eles, sem dúvida, é preciso contabilizar o custo que os granadinos e cubanos fizeram pagar a Washington (e que, projectado à escala nicaraguense poderia custar a reeleição a Reagan), a rápida reacção dos países de Contadora com o apoio dos chefes dos governos da França, Espanha e outras figuras da Internacional Socialista, as novas propostas de pacificação formuladas pela Nicarágua simultâneas com uma mobilização total para a defesa, além das viagens de Daniel Ortega ao México, Peru, Argentina e Venezuela. Ortega não somente conseguiu significativos acordos com esses governos, como também estabeleceu contactos com sectores populares desses países e com os chefes dos governos da região, o guatemalteco Mejia Victores e o costa-riquenho Monge, que se desvincularam do bloco liderado pelos Estados Unidos para atacar a Nicarágua. A Costa Rica exonerou o seu ministro dos Negócios Estrangeiros pró-norte-americano Fernando Volio Jiménez, proclamou a sua neutralidade externa e não aceitou uma oferta dos Estados Unidos segundo a qual estes enviariam mil engenheiros militares para a sua fronteira com a Nicarágua.

Desenvolvendo os 21 objectivos de Contadora, a Nicarágua apresentou oito projectos que, a partir de um ponto de vista político e jurídico, eliminam qualquer pretexto para uma intervenção: um tratado de paz e segurança com os Estados Unidos, um

tratado de paz e amizade com as Honduras, um acordo para a solução pacífica do conflito armado em El Salvador, um tratado geral de paz, segurança, amizade e cooperação entre todas as repúblicas da América Central, uma acta de compromisso sobre assuntos militares, uma declaração e acordo para o desenvolvimento e um plano de ação imediata.



Nesses projectos, garante-se que o território da Nicarágua "não poderá ser utilizado para afectar ou ameaçar a segurança dos Estados Unidos" nem o trânsito dos seus navios ou aeronaves; concorda-se em suspender toda a assistência militar e de armas aos guerrilheiros salvadorenhos e reforçar a vigilância para que isso seja cumprido; declara-se que nenhum Estado da região poderá constituir-se em reserva estratégica de nenhum Estado estrangeiro; desautoriza-se a instalação de bases militares estrangeiras e a realização de exercícios militares de forças estrangeiras; resolve-se retirar em 30 dias todos os assessores e pessoal militar estrangeiro da região, bem como cessar imediatamente a aquisição de armas de qualquer tipo e procedência, conseguir acordos sobre a limitação de armamentos e número de efectivos regulares dos exércitos e estabelecer mecanismos de supervisão e controlo para verificar o cumprimento de todos esses compromissos; declara-se o respeito aos direitos humanos e liberdades fundamentais e o desejo de estabelecer ou aperfeiçoar sistemas democráticos pluralistas, dentro de estruturas económicas e sociais justas e mediante acções de reconciliação nacional. O projecto de acordo económico-social coloca o respeito às transformações internas que cada país adopte, recoloca a integração centro-americana e adere à Nova Ordem Económica Internacional, reivindica uma avaliação realista da dívida externa e a necessidade de recursos adicionais e de cooperação externa e prevê planos alimentares e médicos. O

plano de acção imediata para o desenvolvimento inclui um minucioso calendário de reuniões e passos a serem dados até Setembro de 1984.

### O Relatório Kissinger

A meados de Janeiro, foi publicado o relatório da Comissão Bipartidária presidida por Henry Kissinger, à qual Reagan havia encorajado um estudo da situação centro-americana e formulação de recomendações. A Comissão trabalhou um mês em Washington, reuniu-se com 200 personalidades norte-americanas e 300 centro-americanas, naquilo que qualificou como "um curso intensivo de estudos sobre a América Central". Kissinger e os seus colaboradores passaram apenas seis horas do "curso" na Nicarágua, das quais só 30 minutos com as autoridades sandinistas, e o resto com fun-

cionários da embaixada norte-americana, hierarcas da Igreja, políticos e empresários da oposição. Foi o suficiente para "perceberem" que "Cuba e Nicarágua treinam e armam os rebeldes salvadorenhos, que o sandinismo estabeleceu um regime de tipo cubano baseado no controlo policial da população, que existem aí assessores militares cubanos e soviéticos, da Europa oriental, Líbia e OLP", e que "esta conexão militar com Cuba, com a União Soviética e os seus satélites, internacionalizou os problemas de segurança centro-americana somando-lhes novas e ameaçadoras dimensões".

Segundo a Comissão, os Estados Unidos devem impedir que a URSS, seja directamente ou por intermédio de Cuba, consolide uma testa-de-ponte no continente americano, preservando "a autoridade moral dos Estados Unidos" e a sua credibilidade a nível mundial. Kissinger julga que a América

### O documento de objectivos do Grupo de Contadora

■ Esta é uma síntese dos 21 pontos do documento de Objectivos aprovados em Setembro pelos membros do Grupo de Contadora e pelos representantes dos cinco países centro-americanos:

1. Promover a distensão e pôr fim aos conflitos.
2. Cumprimento dos princípios do Direito Internacional (livre determinação dos povos, não-intervenção, igualdade soberana dos Estados, solução pacífica dos conflitos, abstenção de recorrer à ameaça ou ao uso da força, respeito à integridade territorial, pluralismo, vigência das instituições democráticas, fomento da justiça social, cooperação internacional para o desenvolvimento, respeito aos direitos humanos, proibição do terrorismo e da subversão).
3. Garantir os direitos humanos, políticos, civis, económicos, sociais, religiosos e culturais.
4. Estabelecimento e aperfeiçoamento de sistemas democráticos, representativos e pluralistas, com processos eleitorais honestos e periódicos.
5. Reconciliação nacional nas sociedades divididas, que permita a participação nos processos políticos democráticos.
6. Criar condições políticas destinadas a garantir a segurança internacional, a integridade e a soberania dos Estados da região.
7. Deter a corrida armamentista e iniciar negociações para controlar e reduzir armamentos e efectivos em armas.
8. Proibir a instalação de bases militares estrangeiras ou outra forma de ingerência militar.

9. Redução e posterior eliminação de assessores militares estrangeiros.

10. Mecanismos internos de controlo para impedir o tráfico de armas.

11. Eliminar o tráfico de armas intra-regionais ou de fora da região dirigido a desestabilizar os governos centro-americanos.

12. Impedir o uso de território próprio a pessoas, organizações ou grupos para desestabilizar os governos centro-americanos.

13. Não fomentar actos de terrorismo, subversão ou sabotagem.

14. Mecanismos e sistemas de comunicação directa para prevenir ou resolver incidentes entre Estados.

15. Ajuda humanitária aos refugiados. Repatriação voluntária com a cooperação do Alto Comissariado das Nações Unidas e outros organismos internacionais.

16. Programas de desenvolvimento para conseguir maior bem-estar e distribuição equitativa.

17. Revitalizar os mecanismos de integração económica.

18. Accionar recursos externos para financiar a reactivação do comércio intra-regional, superar graves problemas da balança de pagamentos, captar fundos para capital de trabalho, ampliar os sistemas produtivos e fomentar projectos de investimento de médio e longo prazos.

19. Amplo acesso aos mercados internacionais, revisão de práticas comerciais dos países industrializados, eliminação de barreiras alfandegárias, preços remunerativos e justos.

20. Cooperação técnica em projectos multi-sectoriais de investimento e comércio.

21. Preparar a realização dos acordos, desenvolver os objectivos do documento e estabelecer sistemas de verificação e controlo.

Central constitui a fronteira sul do seu país e que se o poder soviético-cubano avançar por aí, obrigaria os Estados Unidos a abandonarem interesses importantes em outras partes do mundo, afectando o equilíbrio global. Um colapso na América Central, acrescenta o Relatório, aumentaria a dificuldade e o custo de proteger as linhas transoceânicas de comunicação, pelas quais passa aproximadamente a metade do petróleo que os Estados Unidos importam e os embarques que, em caso de emergência, Washington deveria enviar à frente europeia e à Ásia oriental.

O Relatório, menos brutal e simplista que o Documento de Santa Fé, cujas orientações segue apesar de tudo, contém um longo capítulo dedicado a descrever o atraso e a miséria dos povos centro-americanos e a questionar os governos que durante o último meio século os Estados Unidos implantaram e defenderam. Refere-se, inclusive, à dinastia Somoza como uma *cleptocracia*.

Num tom parecido ao da Aliança para o Progresso, reconhece as condições existentes para a revolução (que atribui indirectamente ao feudalismo espanhol, do qual se ocupa mais do que das intervenções norte-americanas, e nem menciona o imperialismo inglês), mas sustenta que essas condições exploradas pela União Soviética, Cuba e Nicarágua "converterão qualquer revolução que consigam dominar, num Estado totalitário, ameaçando a região e tirando às pessoas as suas esperanças de liberdade".

As observações económicas e sociais que formula não carecem de interesse. Destacam a deterioração das condições de comércio, o grave peso da dívida externa, a falta de resultado dos programas do Fundo Monetário Internacional para deter a retracção económica, a generalização da miséria, o analfabetismo e as doenças, constatações que o Relatório não relaciona com a exploração e a dependência de que os Estados Unidos estão muito longe de serem alheios. E, todas as propostas tendem a criar organismos regionais controlados pelos Estados Unidos, que excluem a influência do Grupo de Contadora e das Nações Unidas e que discriminam a Nicarágua se não se submeter às pressões norte-americanas. A reunião de chefes de Estado Latino-Americanos e das Caraíbas, que se realizou em Quito, rejeitou de imediato essa discriminação económica por razões políticas e insistiu na unidade regional (ver *cadernos nº 63, Fevereiro de 1984*).

A urgência da crise que a Comissão Kissinger se dá conta, reflecte-se nas suas recomendações para o manejo da dívida externa da América Central: negociação política com participação dos governos credores, ainda que Kissinger não deva ignorar que não é isso o que os banqueiros desejam como regras do jogo com os seus clientes e, por isso, esclarece que não se deve aplicar o mesmo modelo fora

"Barica"



A CIA contratou um coronel do exército argentino (à esquerda, de óculos) para ajudar os somozistas nas Honduras, onde a foto foi tirada. O helicóptero também é hondurenho

de região centro-americana.

O Relatório propõe uma ajuda económica norte-americana de oito mil milhões de dólares para a região nos próximos cinco anos, sem a qual considera que não se consolidariam a recuperação económica, o progresso social ou o desenvolvimento de instituições democráticas. Essa cifra, que está muito longe das necessidades que os governos centro-americanos expuseram à Comissão, já que apenas as Honduras solicitaram 10 mil milhões de dólares para garantir a sua segurança. Porém, apesar de pequena, muito dificilmente será aprovada pelo governo norte-americano que muito entusiasticamente se encontra empenhado em reduzir os programas sociais e aumentar os gastos militares.

Para o ano fiscal de 1985, o orçamento militar é de 305 mil milhões de dólares e o défice orçamental de 180 mil milhões, e nenhum mecanismo impedirá que a América Central pague a sua parte, pela via do incremento da sua dívida externa automaticamente produzida pelo aumento nas taxas norte-americanas de juros derivado do défice. Além do mais, a Comissão declara-se contrária a qualquer mecanismo de estabilização de preços das exportações centro-americanas com o qual o tipo de ajuda que recomenda não atenuaria a dependência. A ideia de que um programa de modernização, nos moldes do capitalismo privado ocidental, produzirá democracias estáveis a curto prazo, que serão defendidas por líderes sindicais, médicos e docentes especializados nos Estados Unidos ou em escolas regionais controladas por eles, através da AID ou dos *Peace Corps*, combina doses equilibradas de ingenuidade e de cinismo e revela a incapacidade dos meios políticos e académicos norte-americanos para compreender a problemática do

Terceiro Mundo, respeitando a sua história e a sua cultura.

### O colapso de El Salvador

O capítulo central refere-se aos problemas de segurança. A Comissão recomenda um aumento substancial da ajuda militar ao governo de El Salvador da ordem de 400 milhões de dólares para 1984 e 1985, já que "os níveis actuais da ajuda militar não são suficientes para preservar nem sequer o empate militar existente durante um longo período. Dado o crescente dano físico e político causado à economia e ao governo de El Salvador pelos guerrilheiros, não se pode descartar um colapso repentino desse país".

O Relatório sublinha a sua condenação aos "métodos brutais" relacionados com a contra-insurreição, "o uso sistemático de represálias colectivas e o assassinato selectivo e a tortura para persuadir

a população civil a que não participe na rebeldia" e recomenda "condicionar a assistência militar ao governo de El Salvador ao progresso que obtenha nas tentativas por controlar os esquadrões da morte".

No entanto, em anexos pessoais ao Relatório, o próprio Kissinger e dois outros membros da Comissão destacam que a ajuda a El Salvador deve servir, antes de tudo, os interesses políticos e a segurança dos Estados Unidos e que esse condicionalismo não deveria aplicar-se caso pudesse redundar numa vitória marxista-leninista.

Com respeito à Nicarágua, o Relatório afirma que a acção somozista contra o governo revolucionário "favorece um acordo negociado", reivindica a legitimização sandinista "por meio de eleições livres" e adverte que a "Nicarágua deve saber que a força fica sempre como última instância". Ao referir-se ao Grupo de Contadora, alega que ele ainda não demonstrou a sua utilidade para elaborar polí-

### "1985 pode ser um ano mais perigoso que 1984"

**E**x-embaixador substituto da Nicarágua nas Nações Unidas e actual Director Geral de Política Externa do ministério de Negócios Estrangeiros, Alejandro Bendaña é um dos mais brilhantes jovens diplomatas do seu país, com participação significativa nas negociações do Grupo de Contadora.

#### *Qual foi a repercussão às últimas propostas da Nicarágua?*

— Segundo a administração Reagan, a causa de todos os males é a Nicarágua, o seu modelo totalitário, o sandinismo no poder que, por sua natureza, tende a ser expansivo e ao qual, independentemente do que diga ou assine, não se deve dar crédito. A solução para eles é erradicar o sandinismo, a revolução nicaraguense. Por isso, através de alguns governos centro-americanos, procuraram dar primazia à reforma interna no nosso país. Alegam que enquanto não se puser fim à luta civil na Nicarágua não haverá paz na América Central, e nesse sentido ignoram a guerra em El Salvador, a presença de milhares de contra-revolucionários nas Honduras ou a presença de duas frotas norteamericanas nas nossas costas. Os Estados Unidos pensavam que não nos íamos referir às questões militares ou de segurança, dos assessores, da limitação de armamentos, e para sua surpresa, não vemos nenhum inconveniente em nos referir a esses temas. Estamos dispostos a uma moratória, a que se congele toda a importação de armas, a que

se retire até o último assessor estrangeiro. Claro, de todos os países, não só da Nicarágua. O que nós perguntamos agora é se os Estados Unidos estão dispostos a desmantelar as suas bases, a retirar os seus assessores militares das Honduras e El Salvador, a não fornecer a El Salvador a provisão maciça de armamentos que têm planeada.

#### *E qual foi a resposta?*

— Acham que é um problema entre a Nicarágua e os seus vizinhos e que os Estados Unidos estão apenas na posição de observadores. Mas nós não temos problemas com as Honduras, El Salvador ou Guatemala, mas com o uso que os Estados Unidos fazem do seu território. Na última reunião de Contadora propusemos iniciar discussões sobre a retirada imediata de assessores, e nem os hondurenhos nem os salvadorenhos aceitaram, porque necessitam deles. Como vai El Salvador aceitar uma moratória sobre armamento, quando a comissão Kissinger propõe enviar-lhe 400 milhões de dólares em armamentos nos próximos dois anos? Como vão contradizer o padrinho do Norte?

*A Nicarágua privilegia Contadora como forum de discussão, e os Estados Unidos prefeririam a OEA. Não é assim?*

— Eles estão descontentes com Contadora, que cresceu à margem da OEA e foi reconhecida pela Assembleia Geral da ONU. O facto de Contadora se ter atracado ao porto da ONU e não ao da OEA é uma vitória da diplomacia nicaraguense, uma iniciativa regional com apoio global. Praticamente, todos os países da América apoiam Contadora, a Europa também, porque opõem-se à solução militar dos problemas políticos que os Estados Unidos

ticas que levem à "segurança regional" e eufemisticamente indica que os Estados Unidos "não podem usar o processo de Contadora como um substituto da sua própria política".

Dois dos membros da Comissão, o *mayor* de San Antonio, (Texas), Henry Cisneros, e o professor de Economia da Universidade de Yale (New Haven, Connecticut), o cubano Carlos Díaz-Alejandro, ressalvaram a sua oposição à ajuda norte-americana aos ex-guardas somozistas. Díaz-Alejandro sublinhou que "em vez de pressionar para uma negociação, o apoio dos Estados Unidos aos rebeldes nicaraguenses diminuiu as possibilidades de negociação", o que implica uma compreensão mais subtil dos mecanismos políticos em jogo que a do "doutor" Kissinger.

Cisneros recomendou que os Estados Unidos iniciassem conversações com a Nicarágua como "o meio mais viável para resolver pacificamente as suas divergências" e afirmou que a retirada do

apoio aos somozistas permitiria aos sandinistas cumprir com as suas promessas de pluralismo e eleições em 1985. Propôs também negociações com a Frente Democrática Revolucionária de El Salvador e uma interrupção das hostilidades entre o governo e a guerrilha.

Díaz-Alejandro insistiu também na conveniência de conceder acesso completo e irrestrito das exportações centro-americanas ao mercado dos Estados Unidos como uma "política mais rentável a longo prazo do que uma ajuda económica ou militar directa".

O Relatório é um indicador das contradições que confundem os Estados Unidos na hora de enfrentar a problemática centro-americana e, ao colocar em relevo, por contraste, a superioridade das posições diplomáticas nicaraguenses, reforça os temores de que o governo Reagan resalte por um declive ainda mais acentuado em direção à confrontação militar. ●

propõem. Todos os países temem que se vivam momentos críticos este ano. Temos pela frente as eleições em El Salvador, que coincidem com as manobras *Ahuas Tara III*. É possível que haja um aumento da tensão.

*O que poderia dissuadir os Estados Unidos da agressão?*

— O momento decisivo pode chegar quando houver mortos norte-americanos. Tivemos um indício com o piloto do helicóptero abatido. Aí, a crítica interna despertou o debate parlamentar e jornalístico. Foi o próprio jornalismo norte-americano que desmentiu as versões oficiais e comprovou as violações do nosso espaço aéreo. Com a abertura e as eleições, invalidámos pretextos e justificações, mas isso não se repercutiu nos Estados Unidos. Organizamos eleições e Reagan diz que somos totalitários.

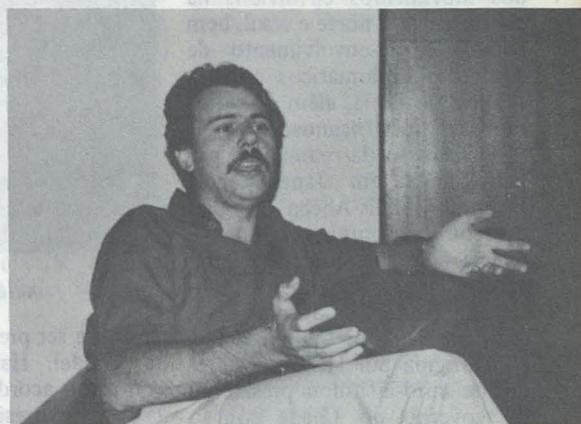
*Contudo repercutiu-se de forma indireta, através da Europa e da América Latina...*

— O perigo é que seja de forma tão indireta que não incida sobre um governo que atende tão pouco ao sentimento da comunidade internacional. Apesar de todas as manifestações pacifistas, os mísseis estão a chegar à Europa. Apesar do apoio mundial a Contadora, financiam a contra-revolução, levam milhares de soldados às Honduras, efectuam manobras, provocam...

*As eleições norte-americanas podem agravar a pressão contra a Nicarágua?*

— Pode acontecer o contrário, embora nós não possamos descartar a possibilidade de invasão. Estamos a depender muito da situação em El Salva-

dor, pois em caso de agravamento militar pode desencadear-se a invasão porque, independente de considerações eleitorais, os Estados Unidos não vão permitir outra Nicarágua na América Central. Talvez 1985 seja mais perigoso do que 1984, se Reagan for reeleito.



Bendaña: confiança nos latino-americanos

*Que importância atribui à reunião de Quito?*

— É a opção latino-americana, a resposta latino-americana à missão Kissinger. Qualquer analista objectivo sabe que a recuperação económica da América Central tem que ser global, que não se pode excluir a Nicarágua, porque somos parte integrante da América Central. Temos muita confiança nos novos mecanismos do SELA, como o Comité para o Desenvolvimento Económico-Social da América Central, a alternativa latino-americana, ou como já foi chamado, a Contadora económica. ●

# O acordo frustrado

A guerra entre o norte e o sul chega a um novo impasse complicando ainda mais a intervenção francesa

Depois do fracasso das negociações de paz promovidas pela Organização dos Estados Africanos (OUA) em Janeiro, a paz no Chade voltou à estaca zero. As perspectivas de solução a curto prazo do conflito que já se arrasta há quase 20 anos, estão agora dependentes de uma reorganização política dos movimentos envolvidos na guerra entre o norte e o sul, bem como do desenvolvimento de contactos diplomáticos entre a França e a Líbia, além de vários outros países africanos.

O fracasso da reunião de paz patrocinada em Janeiro pela OUA em Addis-Abeba (Etiópia) colocou mais uma vez em evidência a impossibilidade de um acordo entre o movimento político de tendência socialista liderado por Gukuni Ueddei, a facção dirigida por Hissène Habré, que se auto-intitulou presidente do governo do Chade com o apoio militar e diplomático da França. Habré recusa-se a ser tratado em pé de igualdade com Ueddei, que conta com o apoio da Líbia e de vários governos nacionalistas da África.

Esta recusa tornou impossível a conferência de paz de Addis-Abeba em Janeiro, pois a OUA havia convidado para a reunião as 11 tendências políticas que em 1979 decidiram criar um Governo Transitório de União Nacional (GUNT) que na época

Bernard Gysenberg/Camera Press



As tropas francesas ampliaram a área sob o seu controlo

passou a ser presidido por Gukuni Ueddei. Habré, mais tarde, rompeu o acordo e derrubou pela força o presidente do GUNT em Outubro de 1982, quando a guerra alastrou por todo o país. Hoje, Habré não admite um regresso ao quadro político de 1979, a última vez em que a diplomacia africana teve uma participação activa numa busca de solução para a crise do Chade.

A intransigência política da facção apoiada pela França e o impasse militar criado pela divisão do país em duas zonas autónomas, criou as condições para uma série de mudanças políticas,

principalmente entre as forças que apoiam Ueddei. Em 1983, foi criado o Exército de Libertação Nacional (ELN) que unificou vários grupos armados independentes que participavam no GUNT. A nova estrutura passou a ter um comando centralizado, o que eliminou a multiplicidade de chefias e estratégias responsáveis no passado por acções bélicas muitas vezes antagónicas. A coordenação aumentou o poder de fogo das forças de Ueddei que hoje controlam todo o território norte do Chade, contando com armamento e apoio logístico da Líbia.

As mudanças na estrutura militar tiveram como consequência imediata o surgimento de uma coordenação política, através da criação do Conselho Nacional de Libertação (CNL), o órgão de cúpula de todas as forças políticas que apoiam GUNT e Gukuni Ueddei. O Conselho definiu a sua acção como destinada a "buscar uma luta de libertação nacional que deverá desembocar numa sociedade socialista". Os principais movimentos ligados ao CNL são as Forças Armadas Populares, de Ueddei; o Conselho Democrático Revolucionário (CDR), de Acheik Obn Oumar; e as Forças Armadas do Chade (FAT), do coronel Abdelkader Kamougué e mais cinco outras facções menos numerosas. Ao todo, o CNL agrupa oito das onze forças políticas que em 1979 formaram o GUNT.

#### A área crítica

As FAT têm um importante papel político e militar no sul do Chade, pois actuam dentro da área onde Hissène Habré afirma ser o líder incontestado. Na verdade, os homens do coronel Kamougué, depois de um tumultuoso período de cisões políticas no ano passado, conseguiram realizar um processo de depuração interna que culminou com a criação do Movimento Revolucionário Popular (MRP). Este foi mais um passo no sentido de substituir a antiga estrutura semi-feudal dos "senhores da guerra" (que caracterizou a história do país desde a independência em Agosto de 1960), por movimentos políticos estruturados a partir de uma ideologia de libertação nacional.

O MRP passou a coordenar as suas acções políticas e militares em função do CNL o que deu às forças de Ueddei, pela primeira vez, a possibilidade de conceber uma estratégia global contra Habré. O sul do Chade é hoje uma região vital para a sobrevivência

do governo de N'Djamena. Os dissidentes das FAT que não aderiram ao MRP foram absorvidos pelas forças de Habré, mas em compensação surgiram no sul do Chade dois novos movimentos que protestam contra a presença francesa no país. Uma delas é a Organização para Libertar o Chade do Fascismo e do Imperialismo, liderada por Tahir Said, um líder político com simpatias pela revolução líbia. O outro grupo tem fortes ramificações entre os muçulmanos no sul do Chade. Os dois grupos têm base na Nigéria e recentemente realizaram vários ataques contra guarnições militares e instalações do governo de Habré nas cidades de N'Djamena e Bognor.

A profunda reorganização dos vários movimentos que compõem o Conselho Nacional de Libertação, dirigido por Gukuni Ueddei, ocorre num momento em que a França enfrenta um impasse no seu envolvimento militar na guerra do Chade. Os três mil soldados que obedecem ao comando do general Poli na operação Manta foram mandados para N'Djamena no ano passado com o objectivo oficial de "facilitar as negociações de paz". Hoje, no entanto, eles transformaram-se na guarda pretoriana de Hissène Habré e estão atolados num lodaçal político sem solução à vista.

#### A posição francesa

As tropas francesas estabeleceram como limite máximo para os seus avanços o paralelo 15, que passa pela localidade de Zigey. Mas no dia 25 de Janeiro, depois do derrube de um caça *Jaguar* da força aérea francesa por forças de Ueddei, a faixa sob controlo francês foi estendida mais 200 km para o norte, nas localidades de Koro-Toro e Oum-Chalouba. A ampliação da área sob controlo do general Poli aprofundou o envolvimento francês na guerra e deixou à

mostra fracturas no mecanismo de ligação política entre os responsáveis pela operação Manta e o Palácio do Eliseu. Pouco depois do derrube do *Jaguar*, o comandante das tropas francesas fez críticas agressivas à Líbia e foi repreendido pelo presidente François Mitterrand.

O Palácio do Eliseu começou em Janeiro uma série de delicados contactos a nível diplomático com a Líbia, tentando tirar dividendos de uma não menos delicada gestão diplomática entre vários países do Maghreb visando a formação de um bloco político regional. Argélia, Tunísia, Marrocos e Líbia já estão envolvidas no projecto do Grande Maghreb, (ver *cadernos do terceiro mundo* nº 63: "A paz gorada") mas entre eles existem alguns pontos de discordância como a exigência marroquina de isolar o Sara do novo grupo e a exigência argelina de que a Líbia resolva as suas questões fronteiriças com o Chade, antes de formalizar a adesão ao bloco.

A existência destas questões pendentes está sendo usada pela França nas negociações sobre o futuro do governo Habré, já que se Mitterrand conseguir que os restantes países do norte da África levem a Líbia a resolver o problema da Faixa de Aozou, isso poderia ter implicações directas na política interna do Chade. A Faixa de Aozou é um pedaço de terra ao norte do Chade que a Líbia diz ser seu com base num acordo firmado entre a França e a Itália na época da Segunda Guerra Mundial. O chamado acordo Laval-Mussolini é contestado por Habré.

No final de Fevereiro, um diplomata africano disse em Addis-Ababa, capital da Etiópia, que o fracasso das negociações para um acordo entre Habré e Ueddei tornará inevitável tanto a intensificação da guerra como a busca de outras alternativas para a paz. Só que essas alternativas ainda não estão à vista. (Carlos Castilho) •

# A crescente militarização do sul

A paz na região e a reunificação do país vêem-se comprometidas pela presença dos norte-americanos e pelas armas ultramodernas do regime de Seul

Adérito Lopes

Passados mais de 30 anos da guerra de Coreia, a tensão na região mantém-se. Acontecimentos semelhantes aos que antecederam a invasão de 25 de Junho de 1950, permitem pensar que a situação é grave. As constantes provocações ao longo do paralelo 38, o desenvolvimento do material militar altamente sofisticado e nomeadamente nuclear, as recentes manobras militares, a presença de altas personalidades militares e políticas dos EUA, a recente construção do muro de cimento armado ao

longo de todo o paralelo 38, explicam as palavras do presidente norte-coreano Kim Il Sung. Perante essas actividades dos norte-americanos e dos militares sul-coreanos. Ele afirmou: "A situação no nosso país é actualmente tão perigosa que uma guerra pode rebentar a qualquer momento".

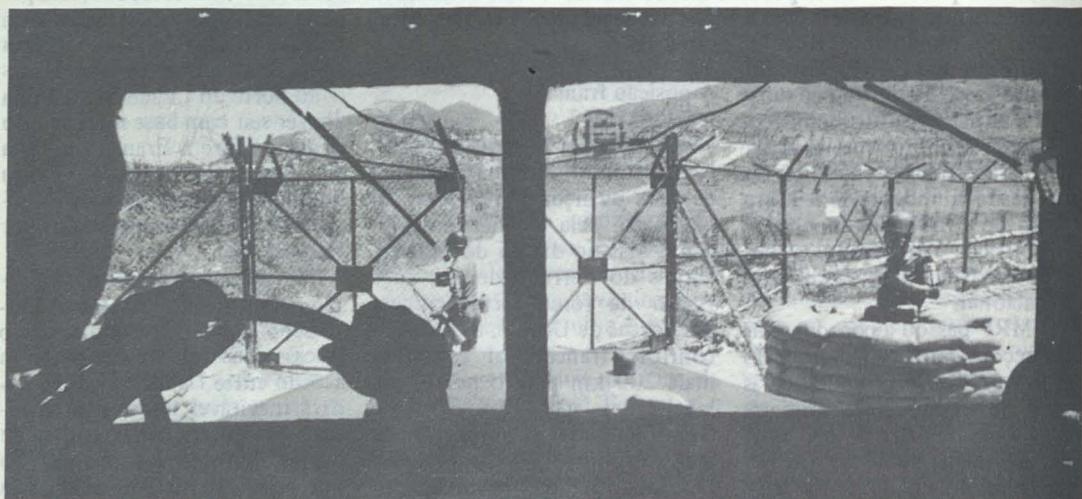
## A História

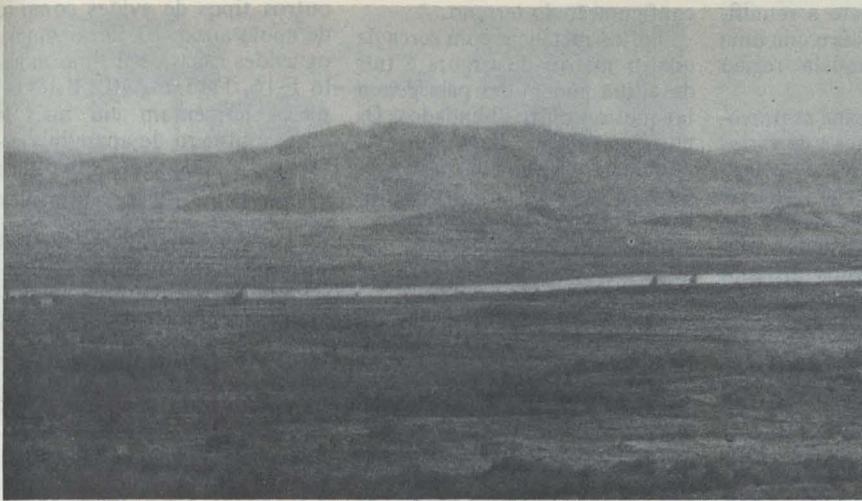
A 25 de Junho de 1950 tropas norte-americanas e sul-coreanas passaram o paralelo 38 e invadiram o norte. A aviação nor-

te-americana arrasou o país. A capital foi destruída. Porém, o general Ridgway pediu a assinatura do armistício, porque as derrotas eram diárias e enorme o número de prisioneiros. As conversações para o armistício duraram mais do que a própria guerra. Finalmente o general Harrison assinava o primeiro armistício sem vitória. As duas Coreias ficavam divididas. No norte começou então a reconstrução e a edificação da sua economia a partir do Djouche (contar com as próprias forças). Os norte-

Mais de 30 anos depois do armistício, a tensão permanece na fronteira das duas Coreias

Dirk Buwalda/Camera Press





O muro que divide no paralelo 38 o norte do sul: 240 km de cimento armado

americanos instalaram-se no sul com o pretexto de conter o perigo comunista. Colonizaram aquela região, transformando-a em campo de experiências militares, nunca perdendo de vista o seu objectivo principal: a invasão do norte e a instalação de um governo fantoche que "governasse" em toda a península, ponto estratégico entre dois mares confinando continentalmente com a China e a URSS.

#### A divisão

Quem não se lembra do paralelo 38 na Coreia e do paralelo 17 no Vietname? Muitos devem julgar que se trata de uma linha imaginária que só existe a tinta negra nos mapas da geografia mundial. Na Coreia, esta linha pode ver-se porque tem forma física. Tem cerca de 240 quilómetros de extensão, indo do mar de leste ao mar do oeste. Reconhece-se pela fila de postes pintados de amarelo e ligados entre si por arame farpado. Numa área de dois quilómetros para cada um dos lados desta linha há mais duas filas de postes. Trata-se da zona desmilitarizada. Um dos lados é patrulhado pelos militares do norte e o outro pelos do sul. Aqui não são permitidas armas automáticas. Na localidade de

Panmounjon, situada nesta linha a cerca de 20 quilómetros do litoral, foi assinado o armistício e numa área de 700 metros no centro da linha realizam-se as reuniões entre as duas partes quando convocadas para analisar provocações. Trata-se da zona de segurança conjunta. Esta zona era ocupada pelas duas partes, mas agora, em virtude de sérias provocações e graves incidentes, tem uma divisão, uma espécie de passeio de cimento com um metro de largura e alguns centímetros de altura. Pela mesa que está instalada no edifício passa um fio que a também divide.

No verão passado tivemos oportunidade de assistir a uma reunião entre oficiais das duas partes. Eram 11 horas da manhã. Os soldados norte-americanos, com os enormes MP no braço, fotografam-nos, olhando-nos enquanto mastigam goma. A presença dos norte-americanos que nos acompanham não os encorajam a dirigir qualquer palavra. Ficam-se pelos gestos e risos. E por uma janela assistimos à reunião que se faz lá dentro da pequena sala. O oficial norte-coreano lê, em inglês, um documento acusatório. Mostra fotografias. O capitão norte-americano responde que não pode reconhecer os soldados do seu país por meras

fotografias. As provas são, por isso, julgadas insuficientes. Levanta-se e com ele outro oficial da armada e dois sul-coreanos. A impunidade triunfara mais uma vez. Subiram uma escada em caracol num edifício, uma espécie de coreto de jardim, onde escreveram ironicamente "casa da liberdade". Vistos ali em cima e espalhados entre as construções, com o seu ar desajeitado, naquela paisagem artificial, faziam lembrar figurantes de filmes sobre a guerra.

Os oficiais que participaram na reunião tinham vindo de Seul, que aliás fica logo atrás de uma daquelas colinas, a 40 quilómetros em linha recta e a 70 por estrada. Seul fica a um tiro de canhão, como é costume dizer-se por ali. Do lado sul também há visitantes para aquela zona. Não tão assiduamente nem para se solidarizarem com os seus anfitriões, porque estão organizadas excursões para ver a linha de demarcação e dar uma olhadela aos "vermelhos". Mas trata-se realmente de turismo e cada pessoa paga 11 dólares e 60 cents.

Mais de 700 delegações com cerca de 7 mil pessoas visitam anualmente este local pelo lado norte para mostrar aos norte-americanos que devem abandonar o sul da Coreia e que a sua

presença compromete a reunificação pacífica do país e cria uma grande tensão naquela região asiática.

Da parte sul-coreana as provocações são constantes e de vários tipos. Algumas graves. A guerra esteve muitas vezes à vista. O incidente mais grave deu-se em 1976. Tropas dos Estados Unidos destruíram postos do lado norte, munidas de machados e de paus de jogar basebol e envolveram-se em lutas com os militares do norte, que, desarmados, recorreram ao seu infalível *kienksoul* (espécie de karaté mas com elevação de corpo). Dois norte-americanos morreram e nove ficaram inutilizados. A VII Esquadra avançou para as costas da Coreia do Sul. Mas a guerra ainda não foi desta vez.

#### A muralha

A comuna de Kouhwari situa-se a pouco mais de 30 quilómetros de Kensong. Entre estas colinas e a linha de demarcação ali perto há um pequeno vale. Em caso de guerra, pode dizer-se que este vale é a primeira linha de combate para o norte. Estamos agora bastante longe da zona de Panmounjon, e deixamos para trás a última localidade do norte: Djangphang. O vale está à nossa frente. A seguir podem ver-se os postes amarelos, os postos de observação sul-coreanos onde flutua a bandeira da ONU e a bandeira da Coreia do Sul. Logo a seguir a grande muralha e mais ao fundo da paisagem o rio Rimjin. Ao fundo, as cordilheiras. Colinas e montanhas que constituem 80% da península coreana.

A muralha foi construída na área de dois quilómetros da parte sul e tem uma extensão de 240 quilómetros dividindo o país de litoral a litoral. Edificada entre 1976 e 1979, a muralha tem dez metros de largura na base e cinco no topo e a sua altura vai de 5 a 6 metros conforme a

configuração do terreno.

Portas metálicas com cerca de quatro metros de largura e três de altura podem dar passagem a tanques ou outros blindados. Os norte-americanos dizem que esta muralha foi levantada para proteger a invasão das tropas de Kim Il Sung. Mas, na realidade, a única invasão registrada até hoje foi desencadeada pelo sul contra o norte.

Música e discursos chegam até nós por potentes antifalantes. Helicópteros norte-americanos voam sobre a área. Ouvem-se detonações. Além de uma violação às disposições assinadas pelas duas partes, esta construção é um vergonhoso testemunho da divisão da pátria coreana.

Pergunto-me que sentido faz ali a bandeira azul da ONU a esbater-se ao vento da linha de demarcação, naquela colina dividida. À sombra desta bandeira ocupou-se o sul, dividiu-se o país em dois, ergueu-se a muralha e prepara-se a guerra.

Segundo o próprio regulamento da ONU esta organização não podia nem devia ter interferido no problema coreano a seguir a guerra de 1945. Ela própria deliberou em 1975, na sua 30ª sessão que as tropas dos Estados Unidos deviam retirar-se da Coreia do Sul.

#### Potencial bélico

Do outro lado da muralha, a Coreia do Sul, tornou-se uma forte base militar. Nos últimos anos, está a tornar-se também num grande quartel, num arsenal, num paiol de armas sofisticadas e nucleares. Só na década de 80, as forças aéreas aumentaram em mais de 2.500 homens e as forças navais dobraram os seus efectivos. Todos estes militares têm uma grande experiência de guerra. Com eles vieram mais 48 caças-bombardeiros F-16. É a primeira vez que estes aviões estacionam fora dos EUA. Mas há

outros tipos de aviões como os de apoio aos A-10. Por exemplo, os aviões caças de último modelo F-16, F-15 e A-10. Estes números aumentam em mais de 25% o número de aparelhos modernos ali estacionados. Junto das águas coreanas, a VII Esquadra aguarda.

Ali colocados foram também pela primeira vez fora do território norte-americano, mísseis Tow, batalhões de carros de guerra e de informação, para apoiar a 2ª Divisão de Infantaria. Instalaram canhões de tiro curvo de 155 mm M-198 e outras armas que ainda não foram levadas para qualquer outro país. Substituíram os mísseis Honest John e Sergeant por mísseis Lance. Desde 1981 o material de guerra triplicou e os custos das tropas de ocupação sobem a milhares de milhões de dólares.

Para incentivar o espírito de guerra junto da população do sul, os Estados Unidos obrigaram Djeun Dou Hwan a publicar uma lei mobilizando a totalidade de recursos materiais e humanos em caso de guerra. O exército pode atingir brevemente um milhão de homens, conta já com 700 mil. Por outro lado, o governo sul-coreano conta com cerca de 10 milhões de pessoas — homens, mulheres, jovens e velhos — obrigatoriamente ligadas a organizações paramilitares dependentes da política dos EUA. Por este meio os norte-americanos colocam material para as suas experiências e vendem material para utilização do exército e das organizações civis da Coreia do Sul.

Junto do paralelo 38 há muito equipamento nuclear. Do que já se sabe, pelo menos mil ogivas nucleares foram ali colocadas recentemente. Armas apontadas ao norte, claro.

#### A guerra de ensaio

Na primavera de 1950, pouco antes de desencadear a guerra,



Foster Dulles, na zona da invasão  
(Junho de 1950): sinal aberto para a guerra

realizaram-se grandes manobras no Sul e o então secretário de Estado norte-americano Foster Dulles visitou a linha de demarcação em Panmounjon. Em Junho começou a guerra.

Na primavera passada realizaram-se no sul as maiores manobras de que há memória com cerca de 200 mil homens. O secretário de Estado norte-americano George Shultz depois de visitar o Japão esteve na Coreia do Sul e em Panmounjon. Situação semelhante, porém com mais efectivos. A guerra estará eminente?

As manobras chamadas *Team Spirit 83*, bastante noticiadas na imprensa ocidental, realizaram-se entre Fevereiro e Abril do ano passado com forças conjuntas dos Estados Unidos e da Coreia do Sul e alguns "observadores" japoneses. Durante 70 dias ensaiou-se a guerra com a participação de 190 mil efectivos, dos quais 70 mil norte-americanos.

Logo a seguir chegou Shultz. As manobras serviram para dar maior alento à ideia de uma aliança tripartida Estados Unidos-Japão-Coreia do Sul.

Um oficial revelou-me que parte das manobras foram realizadas ali mesmo em frente a Panmounjon e muitas delas no rio

Rimjin, que corre a pouco mais de 10 quilómetros no sul. Trata-se de uma guerra de ensaio, de uma guerra preliminar. Uma guerra que pode rebentar de um dia para o outro e até mesmo evoluir para uma experiência nuclear.

#### Até quando Panmounjon?

Deixei a zona de demarcação tendo constatado que reina ali uma tensão permanente. Os 12 quilómetros que separam esta zona da cidade de Kensong são feitos pela estrada que atravessa os arrozais e as limpas aldeias. Os homens e as mulheres pintam as casas e limpam as ruas, enquanto as crianças regressando das escolas tratam dos imensos jardins. Estes grupos de crianças, os *pioneiros*, com os seus lenços vermelhos ao pescoço, as camisas garridas, o boné azul de pala (para os rapazes), a saia curta com alças também azul e uma flor artificial na cabeça (para as raparigas) emprestam grande alegria e colorido à paisagem.

O velho caminho-de-ferro que ligava as duas partes da Coreia parou desde a divisão do país. Os carris de ferro ainda lá estão atravessando a zona desmilitari-

zada, mas um pinheiro já nasceu entre eles. Pelô seu crescimento vai-se medindo o tempo que se para e divide um povo.

O governo e o povo norte-coreanos tem apresentado numerosas propostas para a criação de uma confederação do norte e do sul, mesmo conservando inicialmente as formas de regime actuais, tendo como nome de República Confederal do Koryo e aderindo à ONU como um só Estado. Esta declaração continua a ser estudada por todas as classes sociais e representantes de todos os partidos e organizações políticas e sociais do norte e do sul, mas não poderá avançar enquanto as tropas dos EUA estiverem na parte sul.

No dia 10 de Janeiro de 1984 os norte-coreanos enviaram uma carta aos Estados Unidos e outra à Coreia do Sul propondo uma reunião tripartida para resolver pacificamente o problema da Coreia. Um dos pontos assentava na exigência da retirada das tropas norte-americanas daquela região, na adopção de uma declaração de não-agressão entre o norte e o sul, especificando que este diálogo se basearia no problema da reunificação pelos princípios da independência, da paz e da grande união nacional. Sublinha ainda que o meio mais eficaz para tal reunificação consiste em reunir numa confederação o norte e o sul, com autonomia regional de cada uma das partes e conservando as suas ideologias e regimes. Para fundar esta Confederação devia convocar-se um Congresso Nacional representando a vontade de todo o povo coreano do norte e do sul.

Isto quer dizer que a presença norte-americana na parte sul é uma ameaça para a reunificação pacífica da Coreia. O desenvolvimento no campo militar, o aumento de material e dos soldados, a cada vez maior ingerência de Washington na vida sul-coreana mostram que se caminha mais para a guerra do que para a paz. ●

# A Nestlé levanta a bandeira branca

Depois de seis anos de denúncia contra a comercialização do leite artificial, ganha-se uma grande batalha

Agustín Castaño

**A**s transnacionais que produzem substitutos do leite materno, agravando consideravelmente os problemas de saúde da infância, sobretudo no Terceiro Mundo, perderam uma batalha. A aceitação, por parte da Nestlé – principal empresa desse ramo transnacional – de um Código de Conduta para a comercialização do leite artificial, significa um inestimável precedente no sentido de disciplinar o uso dos substitutos de laticínios, que são responsáveis, segundo estimativas, pela morte de um milhão de crianças por ano.

O mérito dessa façanha da cooperação internacional pertence inteiramente a uma rede de organizações não-governamentais de países sub-desenvolvidos e desenvolvidos, que manteve durante seis anos e meio uma feroz campanha para denunciar a “comercialização imoral” da corporação suíça Nestlé, conseguindo forçar a queda das suas vendas. Finalmente, a transnacional capitulou.

Entre 4 e 6 de Fevereiro passado, reuniram-se no México – com o objectivo de analisar uma agenda na qual teve particular destaque o relacionamento com a Nestlé – as organizações promotoras da campanha contra a empresa e as que propiciaram o Código de Conduta para a comercialização dos substitutos. Os

Sobreiro



Leite artificial:  
propaganda mentirosa

militantes do Comité Internacional de Boicote à Nestlé (INBC) e da Rede Internacional de Grupos Pró-Alimentação Infantil (IB-FAN) examinaram as propostas da empresa suíça e resolveram conceder-lhe um prazo de seis meses para que cumpra o compromisso assumido. Ele consiste na aceitação de todas as cláusulas do Código de Conduta não-obrigatório sobre a comercialização dos sucedâneos do leite natural, que fora aprovado no âmbito da Organização Mundial de Saúde (dependente da ONU) em 1981 por delegados de 119 países, com a abstenção de três e com o voto contra de uma única nação: os Estados Unidos.

O Código consta de um preâmbulo e de nove artigos que estabelecem as normas de proibição e controlo para a comercialização do leite em pó e de outros alimentos infantis, sobretudo no terreno da publicidade, das fórmulas enganadoras contidas nos rótulos, e na distribuição de amostras grátis às mães e aos médicos.

No debate com os activistas do Comité de Boicote, a Nestlé, depois da aprovação do Código de Conduta, havia aceite algumas das suas normas mas resistia a outras. Após longas controvérsias, a empresa-líder cedeu totalmente, pelo menos no plano dos princípios. Trata-se agora de verificar o cumprimento dessas normas na prática.

Um dos paradoxos da nova situação provém de que a Nestlé, ao abster-se de implementar a propaganda em grande escala destinada a fazer com que as mães acreditem que substituindo o seu próprio leite pelo artificial elas protegem a saúde dos filhos, deixará um espaço livre às empresas concorrentes. Nesse sentido, os militantes reunidos no México chamaram a atenção para o facto de que três poderosas empresas norte-americanas parecem dispostas a ampliar as suas campanhas publicitárias, ocupando o vazio que a empresa suíça deixaria. As empresas referidas pelos militantes norte-americanos são a Bristol-Myers, Abbott e American Home Products.

Esta perspectiva coloca um ponto de interrogação em relação aos resultados efectivos da renúncia da Nestlé, e é por isso que os participantes da reunião do México declararam reiteradamente que tinham consciência de haverem vencido uma batalha, mas não a guerra. Mas essa mesma constatação determinou que os grupos de voluntários (e principalmente os dos Estados Unidos) considerem necessário

empregar a trégua concedida à firma suíça para se lançarem num novo combate contra o trio de empresas norte-americanas e aquelas que as acompanharem.

#### Agentes transmissores de doenças

As razões que provocaram a luta contra os substitutos lácteos estão relacionadas com uma das mais prejudiciais deformações obtidas pelas transnacionais.

Conforme foi comprovado, inclusive pela Sociedade de Pesquisas Científicas, não existe melhor alimento para os recém-nascidos do que o leite materno. E não somente em termos nutritivos: ele possui virtudes imunológicas que transmite ao recém-nascido. A substituição do leite natural pelo artificial implica, portanto, um grave erro. Por isso um documento do IBFAN informa que, no mundo subdesenvolvido, as crianças que foram amamentadas com o leite natural durante menos de seis meses têm entre cinco e dez vezes mais probabilidades de morrer que as amamentadas além desse prazo.

Mas não se trata só da superioridade nutritiva e imunológica do alimento natural. Os substitutos exigem preparação, e em grandes áreas do Terceiro Mundo a miséria e o atraso criam condições anti-higiênicas. Estas, por sua vez, fazem com que frequentemente o leite em pó seja misturado com águas contaminadas, em mamadeiras não esterilizadas, para citar os dois problemas mais comuns. Por conseguinte, os leites artificiais transformam-se em agentes transmissores de doenças.

A UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a Infância — informou no seu último relatório que cerca de 10 milhões de recém-nascidos sofrem de diarréia, desnutrição e outros males devidos a essas causas.

Segundo um dos técnicos — o médico Héctor Lomeli, presiden-

te da Comissão Mexicana de Estudos para a Defesa do Consumidor — as percentagens mortalidade infantil triplicam quando os recém-nascidos são alimentados com leite artificial, responsável no Terceiro Mundo por mais de um milhão de mortes.

Por sua vez, as estimativas de uma autoridade em matéria de nutrição, o professor da universidade da Califórnia, Erik Jellife, eleva esse número para cerca de três milhões de crianças mortas em cada ano.

propaganda e pela mentira, que as transnacionais do sector instrumentam, através de bilionárias e insistentes campanhas. O leite em pó é, na realidade, um recurso obrigatório quando a mãe, devido a privações físicas, não pode nutrir o filho por si própria. Mas esses casos, que constituem uma ínfima minoria, exigem um reconhecimento médico prévio e a indicação específica do sucedâneo.

As transnacionais, apoiadas na cumplicidade de numeroso



Não existe melhor alimento infantil do que o leite materno, tanto em termos nutritivos como imunológicos

#### Propaganda e mentira

A margem das precisões estatísticas, é evidente que o uso indiscriminado de sucedâneos do leite é nocivo, tanto quanto é saudável a utilização do leite materno. Se a isso for acrescentado que, nas camadas mais pobres, o uso do leite em pó implica uma despesa substancial, que reduz o poder de aquisição para outros alimentos, como se explica que o leite natural tenha sido substituído pelo artificial? Somente pela

pessoal médico, conseguiram inculcar na população a crença de que a alimentação natural da mãe é inferior à da Nestlé e suas concorrentes.

É por isso que as campanhas contra as transnacionais incidem sobre a fonte desta penosa confusão e inversão de valores: os recursos publicitários e os métodos de propaganda e persuasão que tornaram possível que as transnacionais fizessem prevalecer os seus interesses em detrimento da saúde infantil e da natureza. •

# Costa do Marfim

## Perigo nas florestas

Os esforços para a preservação de uma das últimas reservas florestais da África Ocidental

Jimoh Omo-Fadaka

**E**m menos de 30 anos, a Costa do Marfim perdeu quase 90% do seu património florestal. Com poucas excepções, as selvas que ainda subsistem encontram-se em condições deploráveis ou ficaram tão reduzidas e divididas que se torna inútil a sua preservação.

Uma só área, porém, constitui uma excepção à degradação das florestas, não apenas na Costa do Marfim, como em toda a África ocidental: o Parque Nacional Tai. Com cerca de 300 mil hectares de planícies equatoriais virgens, junto à floresta do sudeste da Libéria, o Tai é talvez a única selva tropical fértil que subsiste naquela região africana.

Lamentavelmente, esta última região de florestas é ameaçada pelas crescentes pressões exercidas sobre o governo da Costa do Marfim, para que ela seja destinada a alimentar uma fábrica de madeira para construção, projeto que poderia entrar em fase de execução dentro de poucos anos. Excluindo o Parque Tai, a exploração das florestas continua num ritmo de cerca de 500 mil hectares por ano. A continuar assim, o total do património florestal — não incluindo as reservas e as áreas de conservação do património natural — estará esgotado em quatro ou cinco anos.

O governo deverá, portanto, optar entre o encerramento da

fábrica ou a suspensão da legislação destinada à protecção das reservas. Pois, ainda que o reflorestamento esteja a ser realizado a um ritmo acelerado, nem nas melhores condições poderia satisfazer as necessidades do país e muito menos ainda as exigências de uma fábrica de exportação de madeiras.

### O desenvolvimento do sudoeste

O Parque Tai está, além disso, submetido à pressão do crescimento populacional. Durante a calamitosa seca que flagelou o Sahel<sup>1</sup> na década de 70, uma grande massa humana proveniente das zonas setentrionais da Costa do Marfim e dos vizinhos

Guiné e Alto Volta, dirigiu-se para a região sudoeste do país, que o governo havia considerado prioritária no seu programa de desenvolvimento.

Imediatamente após a proclamação da independência, o governo formou um departamento especial, dotado de amplos poderes, para o desenvolvimento das regiões do sudoeste. Construíram-se novas fábricas, incentivou-se a instalação de colonos de outras regiões e foram realizados investimentos em importantes projectos de infra-estrutura, incluindo um enorme porto para o escoamento de madeiras para San Pedro, a sul da floresta Tai.

Nos próximos anos, será necessário analisar seriamente o problema da viabilidade deste programa. O problema agrava-se, além disso, pela presença de caçadores ilegais que estão a exterminar a densa população de elefantes da floresta Tai.

Entre as medidas executadas pelo governo da Costa do Marfim para preservar o Parque Tai, estão encontros de alto nível

<sup>1</sup>Sahel — região ao sul do Sara, abrangendo Senegal, Mali, Niger, Alto Volta e Chade, que sofre um processo de crescente desertificação.



Abidjan: seca do Sahel provocou um caótico crescimento urbano

com o *World Wildlife Fund* (WWF, Fundo para a Vida Animal). O presidente do WWF, príncipe Bernardo da Holanda e o presidente da Costa do Marfim, Félix Houphouet-Boigny, reuniram-se para considerar a possibilidade de coordenarem uma Estratégia para a Conservação Nacional na Costa do Marfim. O ambicioso objectivo deve-se à necessidade de colocar a preservação do parque no contexto da utilização do território e dos recursos das áreas vizinhas.

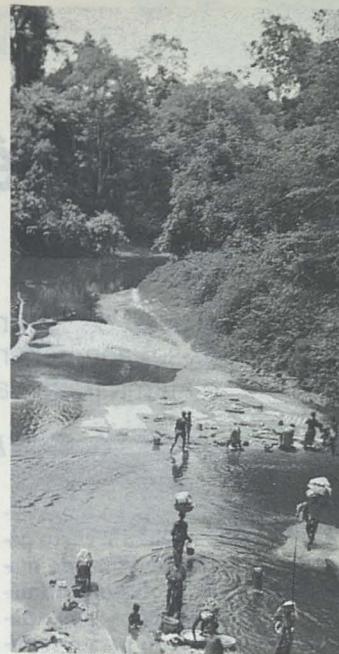
Por sua vez, o Banco Mundial e outras organizações estão a contribuir para a construção de uma represa no rio Sassandra, próxima dos limites do parque. O empréstimo estará condicionado à execução de uma série de medidas de preservação ambiental destinadas a reduzir ao máximo as consequências negativas provocadas pela construção da represa.

O WWF examina actualmente

juntamente com o Banco Mundial, a possibilidade de que essas medidas ambientais sejam efectuadas de forma que também assegurem a preservação do Parque Tai.

A proposta do WWF consiste em pôr em prática um programa para a utilização do território de toda a área atingida pela construção da represa — inclusive a floresta Tai — e, ao mesmo tempo, tomar medidas apropriadas não só para protegê-la dos agentes externos, como para que, além disso, a obra contribua para o desenvolvimento social e económico daquela região.

Há também uma série de medidas que poderiam ser adoptadas directamente pelos responsáveis do parque, como a modernização das instalações, o treino dos guardas e dos restantes funcionários, e a organização de um programa de visitas, assim como actividades de informação e divulgação.



O desenvolvimento económico de África passa pela defesa do seu património florestal

## **cadernos do terceiro mundo**

### **Portugal e Espanha**

anual (12 números) . . . . .	650\$00
semestral (6 números) . . . . .	400\$00

### **Assinaturas**

#### **Estrangeiro — Anual (12 números)**

*por via aérea*

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA.

Restantes Países . . . . . 28 dólares USA

José Afonso

# A influência da música africana

O autor de "Grândola, vila morena" diz-se admirador dos ritmos negros e afirma trazer a África no coração

Guilherme Belo Marques

**Z**eca Afonso nasceu em Aveiro, onde viveu um curto período da infância. Filho de magistrado e de professora primária, as circunstâncias empurraram-no muito cedo para o continente africano. Primeiro Angola, depois Moçambique, para onde regressaria mais tarde, já adulto.

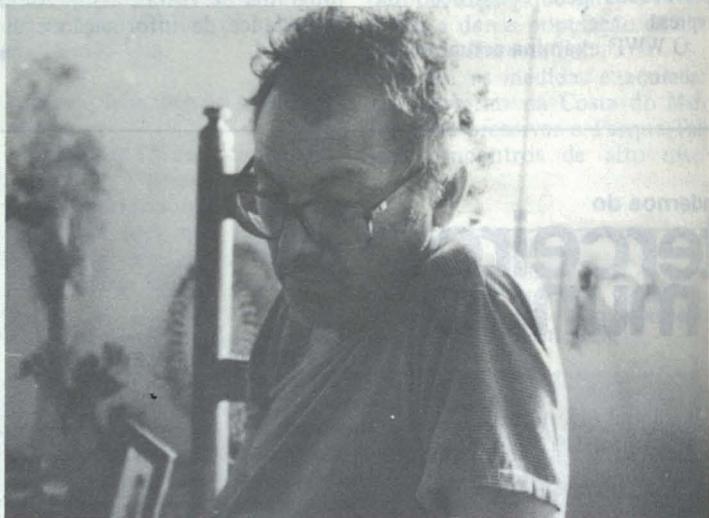
Autor de "Grândola, vila morena", José Afonso, 54 anos, foi um dos cantores/poetas/músicos/homens mais perseguidos pelo regime de Salazar e Caetano. "Grândola, Vila Morena/Terra da fraternidade/ O povo é quem mais ordena/ Dentro de ti, ó cidade!", são versos já imortalizados pelo 25 de Abril e pelo povo português.

"Como se fora seu filho", o mais recente trabalho de Zeca Afonso, reflecte a influência do ritmo africano. A nossa conversa começou por aí.

*Estás de acordo que este disco denota uma forte influência africana?*

— Vivi em África e exercei funções como professor entre 64 e 67 pela última vez em Moçambique. O meu conhecimento do continente não é muito profundo mas as primeiras recordações estão relacionadas com os meus três anos de idade, altura em que fui pela primeira vez para África. Naturalmente manifes-

tam-se naquilo que faço — é na minha música. Ultimamente, essa "costela" acentuou-se mais. Quando se chega aos 50 e picos como eu e se acumulam vivências e recordações, há sempre a



Baptista da Silva

Zeca Afonso, 25 anos de resistência, de intervenção política e criação musical de um poeta-cantor

tendência para regressar à base. Como no meu caso não é possível regressar à base — o que muito me agradaria, para desempenhar qualquer função como cooperante — fico limitado à minha situação de português com o coração em África. Quase não posso dissociar uma coisa da outra... Mas sem qualquer

nhas opções de cantor e cidadão político.

*Foi a tua primeira viagem a Moçambique depois da independência?*

— Já tinha ido duas vezes a Angola, mas a Moçambique foi a primeira.

valorização de tipo neocolonialista ou saudosista.

*Queres falar um pouco da tua canção "Um homem novo veio da mata"?*

— É uma cantiga que fiz dedicada a Angola. Gostaria de fazer mais. Há muito tempo que ando para fazer, por exemplo, uma canção dedicada a Timor-Leste, mas não tem saído...

*Há relativamente pouco tempo efectuaste uma digressão por Moçambique. Como é que correu?*

— Foi o acontecimento que mais me rejuvenesceu em todos os sentidos, de há muitos anos a esta parte e tenho pena que essa permanência não tenha podido exceder os 28 dias em que lá estive. Entretanto, reforcei as mi-

*Conhecedor de um Moçambique colónia, como foi rever e sentir Moçambique independente?*

— O que mais me impressionou foi rever locais anteriormente usados só pelos colonos, e agora invadidos pela população moçambicana. Ver, por exemplo, perto de Tete, centenas de estudantes percorrerem quilómetros e quilómetros para irem à escola, ver a missão de Bolama transformada em escola oficial e frequentada por milhares de alunos. Saber que o futuro de Moçambique é do seu povo, apesar das muitas dificuldades que vive o país. Também me impressionou a capacidade de ligação às massas do seu líder, o presidente Samora Machel. O discurso direto, mobilizador e coloquial, tão diferente do discurso formal europeu. Ele é de facto um verdadeiro líder africano.

*A tua ligação com África processa-se principalmente como fruto das tuas recordações de Moçambique?*

— Também estou muito ligado a Angola, mas foi sempre mais esporádico e de passagem. Claro que a minha aproximação com África se estende igualmente à Guiné, Cabo Verde. Também a Timor-Leste, que não

é África mas desenvolve uma luta que me preocupa. Eu desejo que a Frelim avance. Gostaria que não se apagasse a solidariedade que, sobretudo depois do 25 de Abril se criou para com estes povos. Também com a América Latina e com os patriotas da África do Sul, que combatem o *apartheid*. O que estiver ao meu alcance estou disposto a fazer nesse sentido.

— Em Angola estão-se a fazer coisas importantes com base em textos de angolanos, que falam na luta contra o colonialismo, mas existe, sobretudo, um filão ligado ao ritmo que é inesgotável. Há instrumentistas que se encontram dispersos pelo imenso território de Angola.

*Há pouco referiste que gostarias de voltar para Moçambique, encarando isso como uma vontade de regresso às origens. E o ensino?*

— Gostaria de voltar a ensinar e até talvez mais em Moçambique do que aqui.

*Regressando à música, gostaria que falasses um pouco mais sobre os ritmos africanos na tua música...*

— É uma aproximação e resulta de uma aculturação. Eu vivi



*Os acordes de uma canção proibida serviram de senha para as operações militares na madrugada do 25 de Abril*

em África e não tenho grande abertura para a actualidade europeia. As minhas preferências vão para a música africana e para os sons de tipo etnográfico, como o *merengue* e a *marrabenta*. Toda a música africana me interessa pela realidade que se vive naquele continente.

*Que pensas do trabalho musical que se tem desenvolvido em África?*

## DISCOGRAFIA

Baladas de Coimbra, 1958

Baladas de Outono, 1960

Dr. José Afonso em Baladas de Coimbra, 1960

Trovas Antigas

Canção Longe

Coro dos Caídos, 1964

Coimbra

Menina dos Olhos Tristes, 1969

Baladas e Canções, 1967

Cantares do Andarilho, 1968

Cantos Velhos Rumos Novos, 1969

Traz outro Amigo Também, 1970

Cantigas do Maio, 1971

Eu vou ser como a toupeira, 1972

Venham mais cinco, 1973

Coro dos Tribunais, 1975

Com as minhas tamanquinhais, 1976

Enquanto há força, 1978

Fura Fura, 1978

Fados de Coimbra, 1982

Ao Vivo no Coliseu, 1983

Como se fora seu filho, 1983

## BIBLIOGRAFIA ANOTADA

Cantares, 1969

Cantar de Novo, 1970

José Afonso, 1972

Zeca Afonso, Quadras Populares, 1980

José Afonso, 1983

Eh! Zeca Afonso, 1983

*E a Coimbra, que importância atribuis?*

— Passei grande parte da minha vida e juventude em Coimbra. A cidade tem uma imagem romântica que já não corresponde ao que é hoje, mistura de poesia e metafísica... O fado de Coimbra integra-se nessa visão. Actualmente, Coimbra já pouco me diz. Tenho lá grandes amigos e recentemente fizeram-me uma homenagem, mas os jovens de 20 anos não têm referências e Coimbra é uma cidade indistinta, apesar de isso acontecer tanto aos que vivem em Coimbra como aos outros. Portugal é hoje um país sem referências culturais. Estamos numa fase de grande abolia que atinge o sector mais vulnerável e que é a juventude. Por outro lado, os artifícios que se criam para que se faça uma sociedade de consumo, dominam actualmente os jovens, a ponto de destruir qualquer tipo de opção.

*Estiveste recentemente em Coimbra?*

— Fui lá a convite de um grupo de professores estrangeiros para conversar com alunos e foi interessante, porque eles se questionavam sobre Coimbra, o curso, a sociedade portuguesa. Fiquei com a ideia de que esta visão pessimista de Coimbra era um pouco apressada. Tenhamos fé...

*Ainda se canta o fado de Coimbra?*

— Há um grupo minoritário que cultiva amorosamente o fado de Coimbra, que procura não perder aquilo que se fez. Cantam, com alguma consciência, o antigo fado.

*Porque razão designas por "baladas" as primeiras canções que fizeste?*

— Não sabia que nome lhes dar e uma vez que tinham como suporte os acordes de viola, então pús-lhes "balada". Baladeiros,

posteriormente, porque pretendiam ser tipos com uma mensagem a dar e Coimbra teve, certamente, influência nesse tipo de coisas. Hoje estamos numa fase diferente.

*"Grândola"* é, de todas as tuas canções, a mais conhecida, por razões óbvias. Os grupos folclóricos e artistas estrangeiros quando querem homenagear o povo português cantam a "Grândola". O nosso povo canta-a com vigor e emoção. Que sentes como criador do nosso hino de esperança?

— É extremamente gratificante. Ainda por cima, corresponde a qualquer coisa de inverso ao que se passa neste país, no sentido de fazer esquecer um dos períodos mais exaltantes da nossa História e que "Grândola" representa. É sempre bom saber que grupos que vêm a este país continuam com a imagem de que houve o 25 de Abril e um período de mobilização popular.

**cadernos do  
terceiro  
mundo**

**Assinaturas**

**Portugal e Espanha**

anual (12 números) .....	650\$00
semestral (6 números) .....	400\$00

**Estrangeiro — Anual (12 números)**

*por via aérea*

Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe  
23 dólares USA.

Restantes Países .....	28 dólares USA
------------------------	----------------

### Jorge Amado fala de Julio Cortázar

Ao meio-dia de 14 de Fevereiro passado, foi sepultado em Paris junto à sua companheira Carol Dunlop, o argentino Julio Cortázar. O célebre escritor, nacionalizado francês, tinha 69 anos e vivia há 30 anos em Paris na condição de exilado.

Mais de 300 pessoas — embaixadores, escritores, poetas, artistas de renome e exilados de diversas profissões, além de representantes oficiais de diversos países — acompanharam o féretro até o cemitério de Montparnasse, onde foi enterrado.

Cortázar recebeu em vida diversos prémios, como o "Medicis" da França, o "Menéndez Pelayo" de Barcelona e o "Cidade de Nice", pelo conjunto da sua obra. Numerosas personalidades do mundo político e cultural manifestaram o seu pesar pela morte do escritor, considerado "um campeão da liberdade", devido à sua luta contra a opressão e pela defesa das liberdades do homem em todas as latitudes.

Jorge Amado, que com ele manteve estreitas relações de amizade, assim se expressou, em declarações exclusivas a *cadernos*:

"Sinto-me extremamente triste com a notícia da morte de Julio Cortázar. Era um grande escritor, um dos maiores escritores do continente, um argentino que era ao mesmo tempo um europeu. Era muito franco em relação a determinadas coisas sem ter deixado em nenhum momento de ser um homem do povo argentino. Uma pessoa extraordinária, um homem de uma dignidade exemplar.

"Escrevi ainda há pouco tempo sobre ele e chamava a atenção para determinados aspectos da sua obra literária e da sua posição de escritor revolucionário, de um escritor que lutava pelo progresso, pela independência e pela liberdade no seu país e nos diversos países da América e do Terceiro Mundo em geral.

"Lembro-me, há muitos anos, quando houve toda aquela discussão sobre realismo socialista e formalismo. Ele tomou uma posição muito clara, muito definida — e é natural que tenha sido criticado por isso — quando nós (e digo nós porque eu próprio estava dentro desse processo) não tivemos uma posição tão franca e tão decidida. Às vezes não estávamos de acordo, mas não dizíamos que não estávamos de acordo, achando que talvez fosse um erro dizer isso, que fosse prejudicial. E Julio não teve esse problema. Ele teve um engajamento enorme, sobretudo nos últimos anos no continente, em relação a Cuba e Nicarágua. Ultimamente, talvez tenha sido ele o intelectual europeu que mais se bateu pela Nicarágua. E digo europeu porque ele residia na França, europeu mas ao mesmo tempo latino-americano, argentino.

no. Estive com ele certa vez num debate sobre os problemas da América Latina, ele discutia com ardor e paixão. Ao mesmo tempo, era um homem que não estava limitado pela sua posição, nunca foi sectário.

"Perdemos um grande escritor e um grande homem. Ele vai fazer muita falta.

"Sinto-me muito triste, a gente vai vivendo e cada vez vai vivendo mais com os mortos do que com os vivos. Os amigos vão-se indo...

"Mas eu acho que a obra de Julio Cortázar, que é o mais importante que ele fez, está aí e continua a lutar pela justiça e pela liberdade."

### Namíbia: o analfabetismo e a educação sul-africana

Depois de 70 anos de ocupação da Namíbia pela África do Sul, 60% dos namibianos são analfabetos, segundo um estudo do Instituto Católico de Relações Internacionais, com sede em Londres.

O documento revela que a estrutura educacional imposta pela África do Sul para manter a população negra submissa, teve como resultado o facto de que, entre 1970 e 1979, apenas 300 namibianos negros tiveram acesso ao ensino superior e entraram para a universidade para negros na África do Sul.

Em território namíbiano não existem centros de ensino superior nem de capacitação profissional. A SWAPO, que luta pela independência da Namíbia, trabalha desde 1974 em programas educativos para dezenas de milhares de refugiados fora do país. Até hoje, mais de cinco mil namibianos negros tiveram possibilidades de estudar nesses cursos.

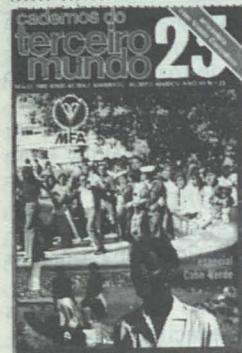
O sistema educacional na Namíbia, controlado pela África do Sul, impõe educação separada e desigual para "brancos", "negros" e pessoas "de cor" e dedica seis a dez vezes mais tempo a uma criança branca do que a uma negra, explica o autor do estudo, Justin Ellis, que trabalhou para o Conselho de Igrejas até à sua deportação para a Namíbia em 1978.

Por outro lado, o estudo acrescenta que "três quartas partes dos professores da Namíbia têm tão pouca preparação que não podem oferecer educação de boa qualidade".

Em 1971, uma greve maciça seguiu-se à sentença do Tribunal Internacional de Justiça, declarando ilegal a ocupação da Namíbia. As empresas mineiras responderam oferecendo aos trabalhadores negros possibilidades de serem semi-qualificados. Contudo, o sistema educativo estatal não se manifestou a favor perante o temor de um triunfo da SWAPO em eleições livres.

# Seis anos de publicação

formação pela informação



TRICONTINENTAL EDITORA  
C. da do Combro, 10 - 1.º  
1200 LISBOA

1200 LIGDON

### Assinaturas:

Portugal e Espanha

Portugal e Espanha  
anual (12 números)

anual (12 números)  
semestral (6 núme

### semestral (a numeros)

**Europa, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe**  
anual (12 números-via aérea) ..... 23 dólares USA

### Restantes Países

anual (12 números-via aérea)

28 dólares USA

Cadernos do  
**terceiro mundo**  
cuadernos del  
**tercer mundo**  
**third world**

# A doutrina de segurança colectiva

A geopolítica, o desenvolvimento e a soberania dos Estados latino-americanos na visão do general Mercado Jarrín

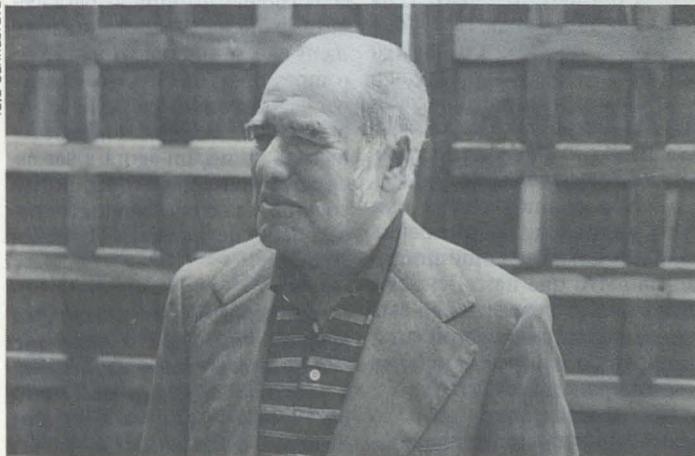
Paulo Cannabrava Filho

**Q**uando ascendeu ao generalato, no início da década de 60, Edgardo Mercado Jarrín era, além de oficial dos Serviços de Informações, um dos professores mais conceituados do Centro de Altos Estudos Militares do Peru (CAEM), a Escola Superior de Guerra que revolucionou o pensamento militar peruano, com profundas repercussões continentais e hemisféricas.

O grupo de oficiais dos Serviços de Informações que aprofundou o estudo dos novos conceitos formulados pelo professor Mercado foi o responsável pelo desencadeamento da Revolução Peruana que, sob a liderança do general Velasco Alvarado eclodiu dia 3 de Outubro de 1968. Em seguida esse mesmo grupo formou o Comitê de Assessoramento da Presidência (COAP) que teve a função de formular e executar o pensamento e os planos da Revolução Peruana durante todo o período velasquista.

O general Mercado Jarrín, a partir de 1969, assumiu a pasta dos Negócios Estrangeiros, levando à política externa peruana aqueles conceitos com que havia revolucionado o pensamento e a doutrina militar, colocando o Peru na vanguarda da luta por uma Nova Ordem Económica In-

Jaiá Cannabrava



General Mercado Jarrín: um teórico de política de segurança nacional que tece severas críticas aos governos latino-americanos

ternacional.

Mercado deixou o Palácio Torre Tagle para assumir o comando geral das Forças Armadas, de onde foi para a chefia do governo, permanecendo como primeiro-ministro até 1975, quando começou a deterioração do velasquismo que liquidaria a revolução de Outubro.

Mas, Mercado, não é apenas ex-primeiro-ministro, ex-comandante, ex-ministro. Reformado, fundou, com o apoio do Exército, o Instituto Peruano de Estudos Geopolíticos e Estratégicos,

que dirige até hoje. O instituto dedica-se, fundamentalmente, à problemática do Pacífico Sul e edita uma revista quadrimestral, *Estudios Geopolíticos y Estratégicos*.

De passagem por São Paulo, Mercado concedeu uma entrevista exclusiva a cadernos do terceiro mundo na qual, ao resumir os seus conceitos sobre geopolítica, segurança e estratégia, formula sérias e graves acusações às actuais políticas de segurança nacional dos países latino-americanos.

*Gostaríamos que definisse os objectivos do Instituto que fundou e dirige.*

— O Instituto Peruano de Estudos Geopolíticos e Estratégicos formado por mim, tem-se dedicado a estudar a natureza dos conflitos e a influência do espaço na condução política dos Estados.

Por exemplo, no meu país, o Peru, a cordilheira dos Andes, a Amazónia, a nossa presença no mar, são fenómenos determinantes da condução política. Consequentemente, tratamos de estudar a influência do espaço na condução política para melhor os harmonizar.

*Essa questão do espaço e da condução política do Estado é uma velha invenção que já deu muito trabalho ao mundo, quando a busca dessa harmonização levou à teoria do espaço vital, base da acção belicista e expansionista da Alemanha de Hitler...*

— Nós estamos contra essa teoria do espaço vital que defende que o Estado é como um organismo vivo que nasce, cresce e se desenvolve e que se não está bem alimentado tem de procurar na expansão o espaço vital que necessita para sobreviver.

Nós consideramos que, do ponto de vista desenvolvimentista, há que utilizar o espaço para melhorar a qualidade de vida em benefício dos indivíduos. Tem de utilizar-se o espaço para uma melhor condução política do Estado. É preciso utilizar bem o espaço porque, quanto melhor o utilizamos, melhor pode o Estado contar com recursos para harmonizar a população e o espaço, para melhorar o desenvolvimento, para melhorar as condições de vida.

É evidente que o espaço disponível de terras no mundo é muito reduzido. Apenas podemos utilizar 30% do planeta e destes somente 12%, ou pouco mais, são terras de agricultura. Então, o homem tem de aperfei-

çoar a técnica, utilizar melhor o Estado em benefício da harmonização, da convivência humana e para obter melhores níveis de vida. Esta é nossa posição, diferente das velhas concepções de utilização do espaço.

#### **A ecologia**

*Contudo, o que vemos é que o homem se transformou no maior destruidor do seu próprio meio. Que podemos fazer perante isto?*

— O primeiro destruidor do espaço é o próprio homem. Então, temos de cultivar essa nova ciência dos ecologistas, porque há que manter o equilíbrio dos ecossistemas no mundo para evitar a própria destruição. O homem não se deu conta de que ao romper o equilíbrio, está a romper algo de natural que deve ser preservado. Felizmente, os ecologistas começam agora a ser escutados e até há partidos políticos que têm como bandeira a necessidade de preservar o meio-ambiente.

*De acordo, mas uma lógica simples mostra que a sociedade não está organizada de maneira a preservar o espaço necessário para a vida. Essa deveria ser, por exemplo, a função das forças armadas. Mas o que se nota é que os Estados e as forças armadas são os elementos de destruição do espaço, pois servem quase sempre os interesses do lucro do capital. Isso põe em risco as nossas reservas futuras como a Antártida, a Amazónia...*

— Eu creio que o momento que vivemos nos força a uma reflexão profunda. Temos, por exemplo, novas leis como o novo Direito do Mar que foi aprovado pela maioria das nações mas não foi referendado pelas grandes potências. Esse novo direito estabelece que as riquezas dos fundos marinhos, além das 200 milhas, são património da humanidade.

Temos grandes riquezas no

fundo dos mares como os nósulos de manganês, ferro, níquel e cobre, os sulfatos polimetálicos e grande quantidade de alimentos não convencionais. Isso significa que demos um grande passo com a aprovação dessa Convenção do Mar. Agora deveríamos concentrar-nos na consolidação de um organismo internacional que evite a depredação dessas riquezas, que garanta que o seu usufruto seja repartido entre os países em desenvolvimento.

Lamentavelmente, as grandes potências, os Estados Unidos, a França, a Grã-Bretanha, não assinaram essa convenção e preparam-se, através de mini-tratados, para explorar essas riquezas com as transnacionais. Isso vai significar um rompimento do equilíbrio ecológico dos mares.

#### **Os instrumentos de dominação**

*O Grupo dos 77, os Países Não-Alinhados já levaram essas reivindicações ao seio das Nações Unidas mas constata-se que não saímos do nível da retórica. Há uma contradição entre o discurso externo e a política interna dos Estados membros. No seu caso, o seu pensamento não corresponde à política do Estado que o senhor representa. Como explica essa dualidade?*

— Eu creio que o mundo vive neste momento dentro de um universo que caducou. Todos os países estão submetidos ainda a regras de jogo que foram boas ou que foram correctas na sua época. Depois da II Guerra Mundial, surgem o Fundo Monetário Internacional (FMI), o GATT, o Banco Mundial, Bretton Woods, organismos que vieram reger as relações internacionais. Hoje, 40 anos mais tarde, esses organismos e as suas políticas não correspondem à realidade. Mas os países desenvolvidos continuam aferrados a eles e usam-nos agora como instrumentos de dominação.

Isso explica um pouco a tre

menda dívida externa dos países latino-americanos. Estamos condenados nesta década a produzir só para exportar e obter divisas que sirvam para amortizar o serviço da dívida.

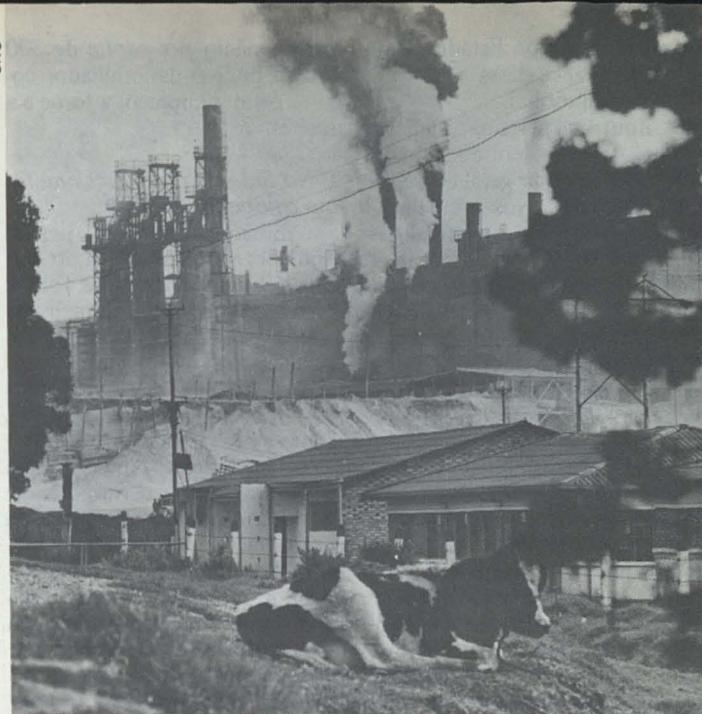
Neste momento há uma tremenda ruptura no ordenamento mundial e na própria política dos nossos países. Então temos que ir para uma Nova Ordem Económica Internacional, onde talvez possamos harmonizar melhor as políticas nacionais com essa política externa. Eu creio que o grande problema da crise generalizada que vive a América Latina é essa sua velha inserção no contexto internacional.

Nesse contexto, o desenvolvimento de quase todos os nossos países deu-se com base no componente externo e hoje podemos perceber que surgiu um novo poder que é o poder financeiro internacional com base nas transnacionais. Esse poder está a impor as condições dos empréstimos. Condições do FMI que fizeram com que vários ministros de Comércio e de Economia se convertessem simplesmente em gerentes da administração, sem nenhuma iniciativa que leve em conta o tremendo custo social para os países da América Latina. Essa é uma situação generalizada no continente contra a qual temos que reagir de maneira certada e não isoladamente.

*Para actuar de forma concertada no âmbito internacional, não seria necessário, em primeiro lugar, um consenso nacional ou, pelo menos a existência de um Projecto Nacional?*

— Evidentemente. A política externa dos povos está muito relacionada com a política interna. Ela deve ser a extensão desta. Contudo, eu creio que a posição independente dos povos emana não só da conjuntura que se vive como também de directrizes que se elaboram, da liderança que se exerce. Sem esses dois factores é difícil chegar a uma posição de

ONU



*“Ao romper o equilíbrio, o homem está a romper algo de natural que deve ser preservado”*

independência.

Talvez seja isso o que falta neste momento na América Latina: uma liderança; uma verdadeira vocação para as grandes transformações; um elemento catalizador que nos possibilite uma concertação para lutar todos juntos e tratar de modificar as condições que nos fazem cada vez mais dependentes.

#### *A doutrina de segurança nacional*

*No Brasil, por exemplo, até à década de 40, os inimigos potenciais do país estavam além-fronteiras. É a partir da II Guerra Mundial, depois que alguns dos nossos oficiais foram para cursos de estado-maior nos Estados Unidos, que se impõe uma nova doutrina, que deixa de prever um possível inimigo externo e passa a encarar o inimigo interno. Acho esta uma questão fundamental para compreender o que se está a passar na América Latina. O senhor, como homem*

*de estado-maior pode explicar como é que se impõe essa doutrina?*

— Efectivamente, nas décadas de 50 e 60 começam a surgir na América Latina as chamadas Doutrinas de Segurança Nacional. Porém, eu quero estabelecer uma diferença substancial entre as chamadas doutrinas de segurança adoptadas por alguns países específicos do Cone Sul, e aquela adoptada pelas forças armadas peruanas.

Vou-me referir à concepção doutrinária das forças armadas peruanas. Se bem que é certo que surge paralelamente à doutrina de Segurança Nacional do Brasil, a do Peru é diferente na sua origem, na prática e na sua ideologia.

Em primeiro lugar, é diferente na sua origem porque a doutrina peruana foi feita pelos militares peruanos, não é cópia nem arremedo. Não tem como escola a doutrina norte-americana. Como o desenvolvimento já

foi alcançado nos Estados Unidos, a segurança passa a ser a finalidade primordial.

A doutrina peruana estabelece que o Estado tem duas finalidades: o bem-estar geral e a segurança nacional. Nós estabelecemos que o bem-estar é a finalidade *primordial* e que a segurança é apenas uma finalidade consequente, de tal maneira que deve estar ao serviço do bem-estar. Essa é a primeira diferença que a distingue das demais doutrinas, e é de carácter filosófico. É essa diferença que faz com que a doutrina peruana tenha um sentido profundamente humanista. E no seu desenvolvimento ela vai diferenciar-se também por partir de uma nova visão geopolítica.

Em muitos países do Cone Sul a visão geopolítica é a de um mundo submerso numa confrontação Leste-Oeste. Ao abraçar essa doutrina, esses países sentem-se os próprios baluartes da defesa da civilização ocidental e cristã e vêem no comunismo o principal inimigo. Como consequência, foram sendo criados novos Serviços de Informações, foram sendo promulgadas novas leis repressivas e, pouco a pouco, a repressão foi generalizando-se e assim chegámos ao tipo de Estado denominado de Estado de Segurança Nacional onde a repressão é institucionalizada.

Nós, peruanos, partimos de outra visão geopolítica. Do nosso ponto de vista o mundo está dividido em dois hemisférios: o hemisfério de terras ao norte do Trópico de Câncer e o de águas ao sul. É o Trópico de Câncer que divide o planeta em mundos desenvolvido ao Norte e subdesenvolvido ao Sul. No norte estão as quatro quintas partes da potencialidade económica do mundo e apenas um quinto da população mundial. É o reino da tecnologia e o rendimento médio *per capita* é de 13 mil dólares. Esse é o lugar dos países ricos. No Sul está o lugar dos países pobres, com um rendi-

mento médio *per capita* de 300 dólares onde o denominador comum é o desemprego, a fome e a miséria.

*No Sul estão os países que foram colonizados.*

— É isso mesmo. Neste hemisfério sobrepõe-se o facto de que somos todos países que fomos empobrecidos pelo colonialismo e onde hoje se exerce um neocolonialismo.

A questão é estrutural. Nós concluímos que o mundo não só mente vive uma confrontação Leste-Oeste, mas também uma confrontação Norte-Sul, de ordem estrutural. Se vivemos essa confrontação, temos que nos unir, aumentar a nossa capacidade de negociação. Por isso privilegiámos o Terceiro Mundo na nossa política externa; por isso privilegiámos a necessidade do Não-Alinhamento.

*É nesse quadro que estão sendo realizados os Diálogos Norte-Sul?*

— Não se trata de um diálogo, mas sim de uma confrontação de ordem estrutural. Para nós o inimigo principal não era o comunismo mas sim essa situação de injustiça a nível mundial contra a qual devíamos lutar. Por isso deveríamos lutar por uma Nova Ordem Económica Internacional e por um novo sentido de harmonização a nível mundial. E o tempo deu-nos razão. Hoje eu diria que o Diálogo Norte-Sul está a fracassar.

Doutrinariamente estabelecemos que a política não é outra coisa senão a relação entre meios e fins. Os meios são o poder nacional e todos os recursos de que a Nação dispõe. Os fins são os objectivos nacionais. Então, a política não é mais que uma racionalização entre meios e fins. Consequentemente, para estabelecer uma política, há que começar por estabelecer o que se pretende alcançar, isto é, estabelecer os objectivos nacionais.

*Há países que falam uma linguagem semelhante. O problema é saber quem estabelece esses objectivos nacionais..*

— Permite-me seguir a linha de raciocínio e depois chegar à sua resposta. Então começámos por definir as metas, estabelecer os fins e definimos que os objectivos da Revolução Peruana, os objectivos do Peru, devem ser o de alcançar uma democracia social de participação plena, onde o homem seja o princípio e o fim. Esse objectivo de um novo tipo de sociedade deveria ser alcançado paralelamente à superação do subdesenvolvimento e à eliminação da dependência.

Como consequência — e agora vou responder à sua pergunta — também estabelecemos quem define os objectivos nacionais. Em muitos países são as elites que definem esses objectivos. Nós dissemos que não. Não porque os objectivos nacionais são a concretização dos interesses e das aspirações nacionais que conduzem a metas determinadas. Consequentemente, a primeira responsabilidade para criar os objectivos nacionais é saber captar as aspirações das maiorias. Em última instância, é o povo quem define os objectivos nacionais.

*E qual é a forma de captar os reais interesses do povo?*

— Enquanto em muitos países a segurança nacional é a soberania do Estado, a soberania do governo, a Revolução Peruana disse que não, que é a soberania do povo. E como captámos o interesse do povo? Se se trata da soberania do povo, a segurança nacional deve estar orientada para melhorar os níveis de vida do povo. Consequentemente, todos os mecanismos do Estado devem estar orientados nessa direcção. Assim se fez na Revolução Peruana.

Se se trata de melhorar o nível de vida da população para que haja segurança, nem a indus-

trialização nem a agricultura podem estar orientados para a exportação, para a obtenção de divisas, mas sim destinadas a atender às necessidades fundamentais da população. O desenvolvimento tem que estar orientado, prioritariamente, para o fortalecimento da soberania popular, para o fortalecimento do povo, para a melhoria dos seus níveis de vida.

Nós definimos a Segurança como a garantia que o Estado dá à Nação para a consecução desses objectivos. E para nós, é o Estado quem dá a garantia, e não as forças armadas e por isso as forças armadas do Peru não se converteram em árbitro. E nós concluímos também que a segurança, para que seja realmente soberana, deve garantir um desenvolvimento com justiça social e com um sentido de independência dos grandes pólos de poder.

*Até que ponto as guerrilhas dos anos 60 vos influenciaram na formulação desses conceitos?*

— Além dessas grandes diferenças no campo da segurança, a luta anti-subversiva levou-nos a estabelecer outra grande distinção de conteúdo filosófico. Nós partimos do pressuposto de que a guerrilha e a subversão na América Latina e no Peru são fenômenos nitidamente políticos, que procuram mudar o sistema. Consequentemente, é uma ação dirigida contra os objectivos nacionais, portanto, uma estratégia global.

Tratando-se de uma estratégia, não se pode enfrentar a subversão ou a guerrilha com medidas puramente militares. O fundamental é a prevenção. E prevenir significa realizar ações de tipo económico, de tipo social e político e usar a repressão unicamente como medida de emergência final. Por outras palavras, para enfrentar a subversão na América Latina e no Peru, os planos de desenvolvimento de-



*Durante o governo revolucionário de Velasco Alvarado, a segurança nacional esteve sob a soberania do povo peruano*

vem ter grande vocação social.

*A questão de que o desenvolvimento é necessário para combater a subversão, também foi colocada pela Aliança para o Progresso.*

— Um momento! Nós falamos de um desenvolvimento com justiça social. Um desenvolvimento com independência dos centros de poder. Um desenvolvimento que equilibrasse a sociedade.

**A contradição centro-periferia**

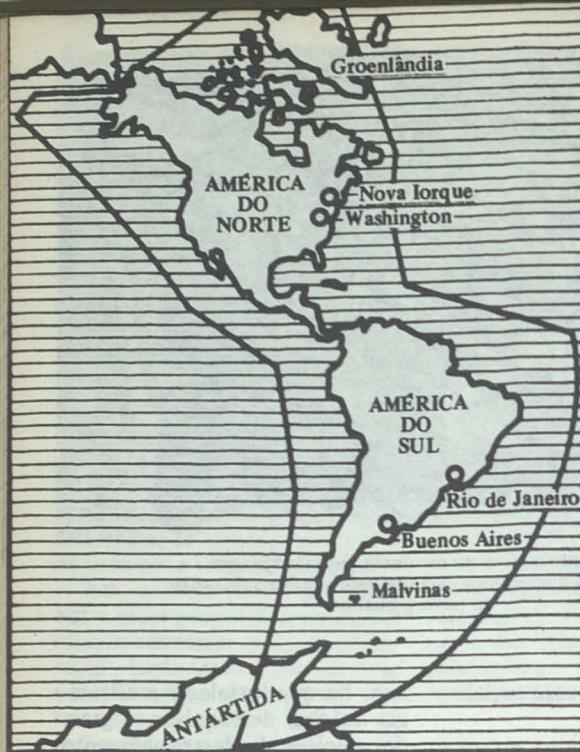
*E como desenvolver com independência dentro de um mundo interdependente?*

— Os mecanismos de convivência no mundo deram lugar à contradição centro-periferia e na América Latina vivemos sempre dentro desse conceito de estrita dependência dos pólos centrais. O economista da CEPAL, Raúl Prebisch, foi o único que tentou mudar essa situação, mas a sua tese de substituição de importações fracassou. A minha tese é a de fortalecer a periferia para poder lutar em melhores condições contra o próprio centro. Para

isso, há que fortalecer a estratégia Sul-Sul, desenvolver os grandes núcleos de desenvolvimento regional periféricos, criar novas intercomunicações e buscar novas integrações. Essa é a minha tese e configura um novo conceito geopolítico.

*Não oferece dúvida que a doutrina adoptada pelos governos latino-americanos deriva da doutrina de segurança dos Estados Unidos. Recentemente, os comandantes dos exércitos de 23 países da América Latina estiveram reunidos em Caracas, onde, seguramente, reafirmaram a sua fidelidade a essa doutrina...*

O que se deveria realizar na América Latina é uma reunião de comandantes dos países latino-americanos e caribenhos, exclusivamente. E, para quê? Para estudar uma nova doutrina de segurança continental que democraticamente substitua o Tratado Interamericano de Defesa (TIAR — Tratado do Rio de Janeiro, 1947). Essa foi minha tese há 15 anos e o tempo só me tem dado razão. Além de estudar a substi-



A guerra das Malvinas foi uma oportunidade perdida pela América Latina de estabelecer o seu próprio organismo de defesa liberto da tutela dos EUA. No mapa, os limites geográficos do TIAR. Na foto, a rendição do comandante das tropas argentinas nas Geórgias, capitão Alfredo Astiz, um dos militares mais comprometidos com os assassinatos da "guerra suja"

tuição do TIAR, os comandantes deveriam estudar as possibilidades de reduzir as despesas militares. E para romper com a dependência deveriam estabelecer os caminhos para a fabricação conjunta de armamentos defensivos. A dependência militar em relação ao estrangeiro é a nossa maior dependência.

Os generais da América Latina deveriam estabelecer também um Colégio Latino-Americano de Defesa que elaborasse a nossa Doutrina de Segurança Latino-Americana e Caraibenha. Um organismo nosso, no lugar do Colégio Interamericano de Defesa que fica em Washington.

*Seria possível, realmente, criar um substituto do TIAR para defender a América Latina dos Estados Unidos?*

Historicamente, nós já perdemos duas oportunidades de estabelecer a nossa própria instância de coordenação. Primeiro, com o episódio das Malvinas. Não reagimos quando a Grã-Bretanha, com apoio dos Estados Unidos, agrediu o nosso continente. Agora, com a dívida externa. Tão-pouco reagimos de forma conjunta e não vamos poder fazê-lo se não estabelecermos uma instância de coordenação latino-americana.

Essa instância poderia ser o Conselho Económico Latino-Americano que resgatasse o conceito de segurança económica colectiva postulado pela Revolução Peruana. Esse conceito assenta no princípio de que uma agressão económica ou uma agressão política a qualquer um dos nossos países, é uma agressão a todos os países latino-americanos. Isso poderia travar, agora, as ameaças de guerra na América Central.

Esse é um dos grandes ensinamentos das Malvinas — pois, quando a Comunidade Económica Europeia nos impôs sanções, nós não pudemos reagir. E não vamos poder reagir no futuro se

não delegarmos poderes num organismo que seja capaz de adoptar medidas colectivas que sejam aceites pelos nossos governos. O Sistema Económico Latino-Americano (SELA) também pode ser esse instrumento. Sem isso não vamos a parte nenhuma.

Eu acuso a América Latina por não ter aproveitado a situação produzida depois das Malvinas para descobrir um novo tipo de coordenação latino-americana. Eu acuso a América Latina de não ter aproveitado a situação causada pelo tremendo impacto da dívida externa latino-americana para descobrir um novo tipo de entendimento. Eu acuso a América Latina de não ter descoberto um novo tipo de concertação diante do grave problema da crise centro-americana. Eu acuso a América Latina por não ter descoberto novas formas de coordenação para fazer face à grave e tremenda crise que todos os países latino-americanos atravessam.

# MULHERES

MARÇO de 1984 • N.º 71 • Preço: 100000



**FALCON CREST**  
os tradicionais  
estereótipos femininos



**JESSICA NOVAK**

uma  
certa  
mência

À VENDA  
EM TODO O PAÍS

A REVISTA MENSAL  
DE MAIOR TIRAGEM

- ABORTO: esta não é ainda a nossa lei!
- MULHERES na tropa para quê?
- «VIVER MULHER» na televisão
- Cosima Liszt

SAÚDE — Conheça as vitaminas  
INTERNACIONAL — A mulher em Mo-  
çambique

## E AINDA:

astrologia, pintura, história, teatro, cine-  
ma, arte viva, reportagens e. entrevistas,  
inquérito etc., etc.



A NOSSA ESTRATÉGIA  
PARA A NICARÁGUA É  
ESTA: EFEKTUAMOS  
ACÇÕES CLANDESTINAS  
PARA AMEDRONTÁ-LOS...



AÍ, ELES ENDURECEM  
A SEGURANÇA E  
ESMAGAM OS DISSIDENTES...  
A REPRESSÃO AGRAVA  
O DESCONTENTAMENTO...



...O PESSOAL LEVANTA-SE.  
O GOVERNO CAI...  
E OS AMIGOS DOS  
EUA TOMAM O PODER!

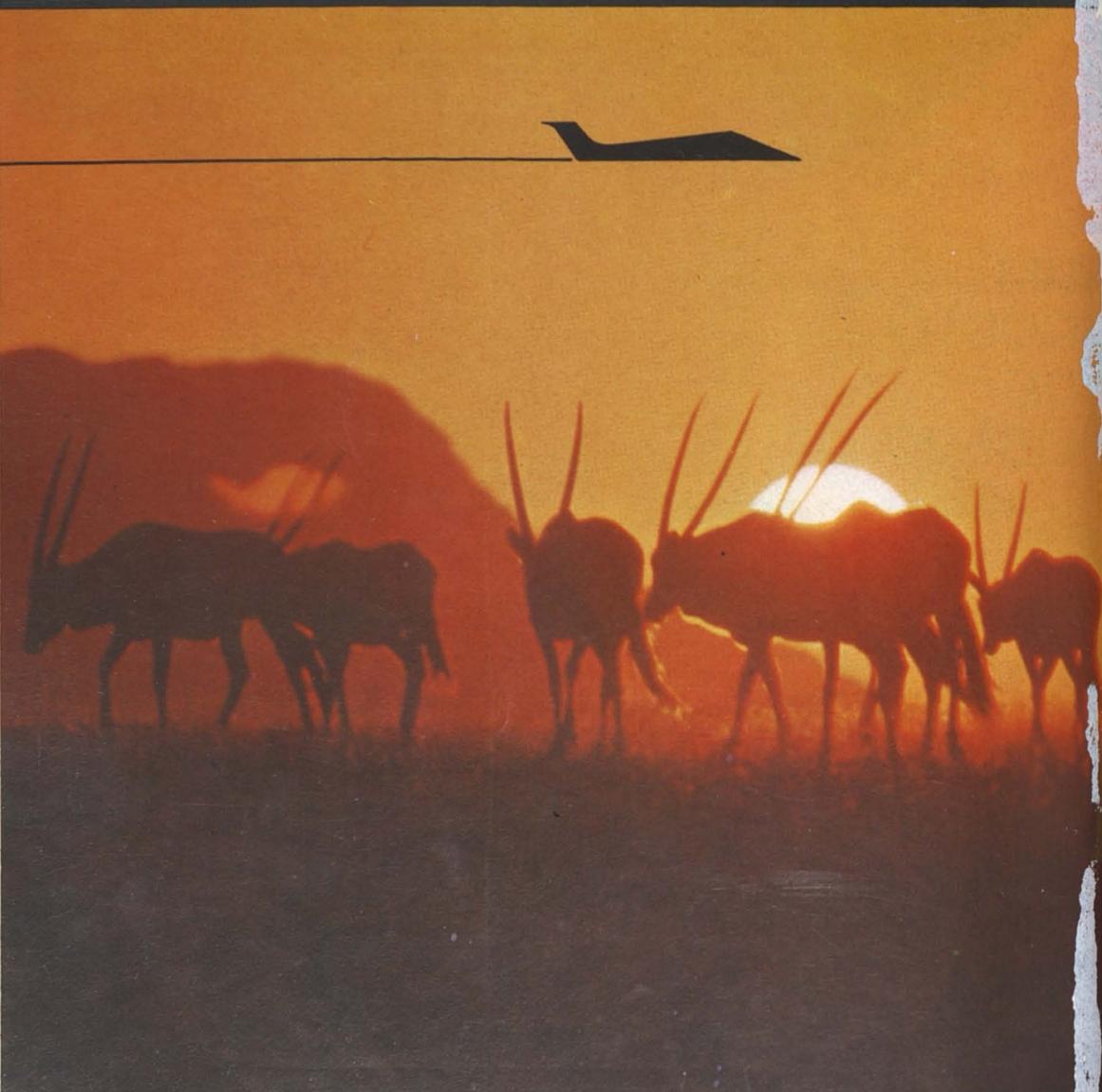


É CLARO QUE COM BASE  
NA NOSSA EXPERIÊNCIA  
EM CUBA, ISSO TUDO  
PODE LEVAR ALGUM  
TEMPO...



WASSERMAN

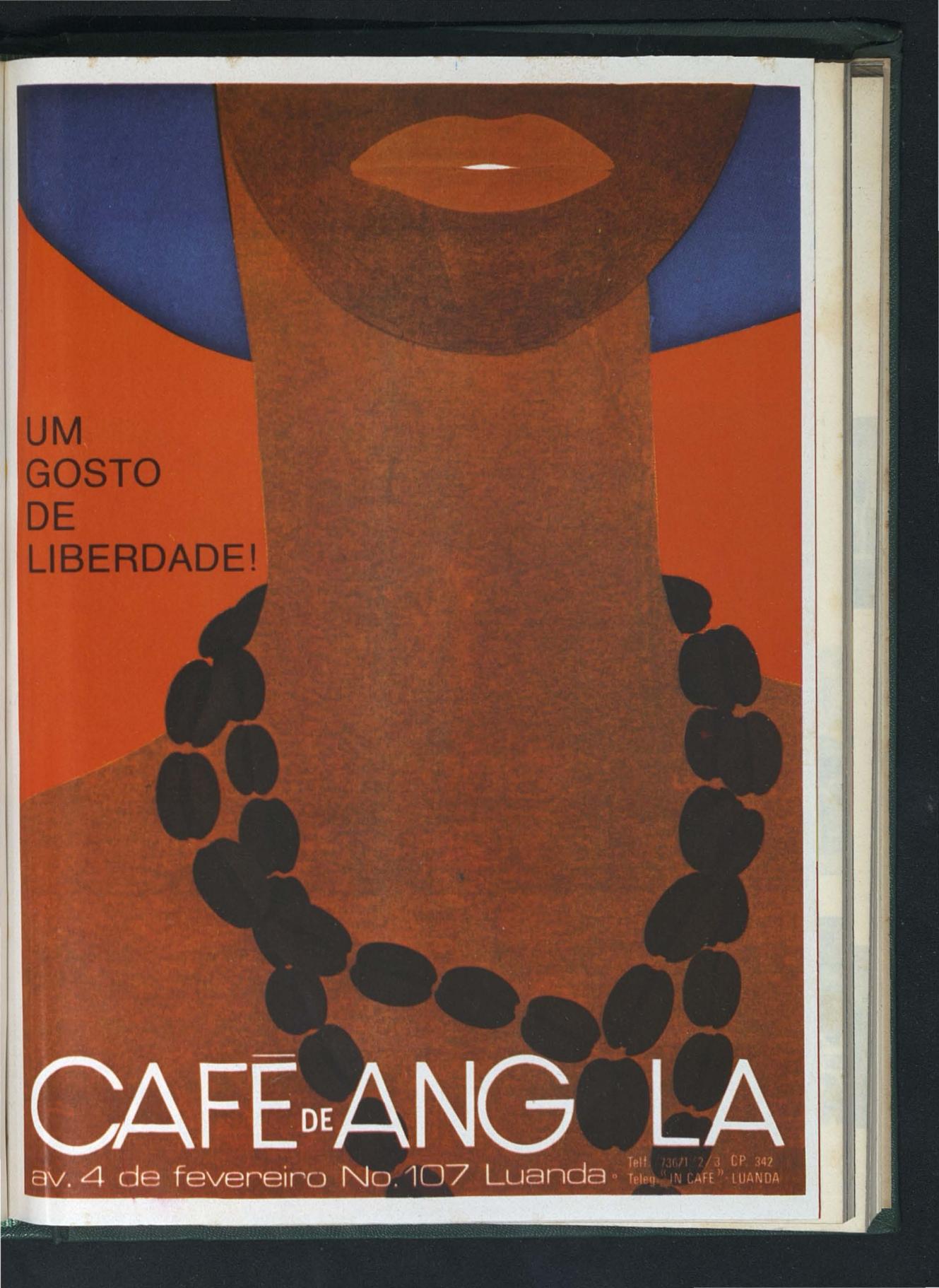
# Angola, terra da liberdade.



**TAAG**

LINHAS AÉREAS DE ANGOLA

Ao Serviço da Reconstrução Nacional



UM  
GOSTO  
DE  
LIBERDADE!

# CAFÉ DE ANGOLA

av. 4 de fevereiro No. 107 Luanda. Tel. 73671 2/3 CP. 342  
Teleg. "IN CAFÉ" LUANDA